

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS

GABRIELA GOMES CARDOSO

CURSO DE VIDA DE JOVENS HOMICIDAS

Belo Horizonte
2022

GABRIELA GOMES CARDOSO

CURSO DE VIDA DE JOVENS HOMICIDAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Linha de pesquisa: sociologia do crime, do desvio e do conflito.

Orientadora: profa. Dra. Andréa Maria Silveira

301	Cardoso, Gabriela Gomes.
C268c	Curso de vida de jovens homicidas [manuscrito] /
2022	Gabriela Gomes Cardoso. - 2022.
	168 f. : il.
	Orientadora: Andréa Maria Silveira.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Sociologia – Teses. 2. Homicídio - Teses. 3. Juventude - Teses. I. Silveira, Andréa Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DE DEFESA DE TESE

Aos 07 (sete) dias do mês de outubro de 2022 (dois mil e vinte e dois), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado da discente **Gabriela Gomes Cardoso**, intitulada: "**Curso de vida de jovens homicidas.**" A banca foi composta pelos (as) professores (as) doutores (as): **Andréa Maria Silveira** - Orientadora (DSO/UFMG), **Cláudio Chaves Beato Filho** (DSO/UFMG), **Valéria Cristina de Oliveira** (UFMG), **Luis Felipe Zilli do Nascimento** (FJP/MG) e **Luis Flávio Saporì** (PUC Minas) . Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação da Defesa (X)

Reprovação da Defesa ()

Belo Horizonte, 07 de outubro de 2022.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Cristina de Oliveira, Membro de comissão**, em 08/10/2022, às 21:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luis Felipe Zilli do Nascimento, Usuário Externo**, em 10/10/2022, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luis Flavio Saporì, Usuário Externo**, em 10/10/2022, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Maria Silveira, Professora do Magistério Superior**, em 11/10/2022, às 07:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Chaves Beato Filho, Professor do Magistério Superior**, em 11/10/2022, às 11:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1799303** e o código CRC **A1A4FB60**.

Para Biel.

AGRADECIMENTOS

Inicio o doutorado em 2016, com muitas dúvidas, mas com muitos sonhos pela frente. Hoje, me vejo com mais dúvidas ainda e alguns sonhos, todos diferentes daqueles do início. Como todo fechamento de ciclo, é necessário lembrar aqueles que de alguma forma contribuíram para que essa história possa ser contada.

Agradeço primeiramente aos adolescentes e jovens que confiaram a mim seus relatos e suas vivências. Agradeço ao meu filho que teve que dividir o computador, o tempo e a mãe com essa tese que perdurou por quase a metade da sua vida. Uma divisão quase sempre injusta, mas que espero que no futuro ele possa aprender não somente a valorizar os estudos para um futuro melhor, mas aqueles tipos de aprendizados que se aprende vivendo, na experiência, na travessia. Agradeço ao Felipe Zilli, que através de um texto encontrado na internet me encantou com sua escrita e me fez apaixonar pela área de estudos sobre criminalidade urbana. Agradeço ao CRISP/ UFMG onde tive o privilégio de ingressar como bolsista em 2010 e isso foi com toda certeza o ponto de virada da minha trajetória profissional e conseqüentemente pessoal. Ao CRISP também devo agradecimento por ter me propiciado conhecer pessoas incríveis, cuja algumas tenho o privilégio de hoje chamar de amigos. A Dani, Val, Vinicius, Luiza, Luana, Rafa e Victor, que ultrapassaram as porteiras do CRISP, da UFMG e até geográficas para formar uma rede de apoio incrível sem a qual eu não me imagino. À Camila Amorim, Luciana Drummond, Leonardo Silveira, Alexandre (Pichilinga) e Mariana Augusto que estavam sempre ali dividindo dúvidas, angústias e alegrias. Meu agradecimento a todas as instituições que oportunizaram a realização deste estudo: à Subsecretaria de Atendimento Socioeducativo da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais, que autorizou a realização da pesquisa de campo; aos Centros Socioeducativos Santa Clara e Horto, sempre disponíveis e acolhedoras à proposta; à CAPES pela concessão da bolsa de estudos; ao Programa de Pós-graduação em Sociologia pelas possibilidades de troca e aprendizado. Aos integrantes da pesquisa “Curso de Vida e Trajetória Delinqüencial: Um estudo exploratório dos eventos e narrativas de jovens em situação de vulnerabilidade”. Obrigada Profa. Andrea Maria Silveira por me orientar e, principalmente, por acreditar que este trabalho seria possível.

*Eu careço que o bom seja bom e o ruim ruim, que
dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o
feio fique bem apartado do bonito e a alegria
longe da tristeza! Quero todos os pastos
demarcados. Como é que posso com este mundo?
A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a
esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao
que, este mundo é muito misturado.*

— GUIMARÃES ROSA

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo sobre o curso de vida e as trajetórias infracionais de adolescentes e jovens que praticaram atos infracionais análogos ao crime de homicídio, foram julgados pelo Sistema de Justiça Juvenil e cumpriram medida socioeducativa. A partir da abordagem do curso de vida e de narrativas, buscou-se compreender os fatores que levaram estes sujeitos à prática de homicídios, analisando suas relações familiares e investigando o processo de construção de trajetórias infracionais. Nesse contexto, procurou-se reconstruir o curso de vida dos narradores abordando questões referentes ao processo de socialização, controle social, interação com os pares, construção da identidade criminosa, motivação dos homicídios praticados, entre outros. Para isso foram analisadas narrativas de 06 adolescentes e jovens, de sexo masculino, que se encontravam em cumprimento de medida socioeducativa de internação em Belo Horizonte, entre os anos de 2018 e 2019. Apesar das diferenças entre as vivências relatadas, assim como as interpretações que esses sujeitos fazem dos eventos vividos, foi possível identificar semelhanças tanto nos cursos de vida dos mesmos quanto nos fatores envolvidos na prática dos homicídios. Entre as regularidades dos cursos de vida, foi observado que a família também pode ser uma instituição onde reverberam as moralidades do “mundo do crime”. Além disso, percebeu-se uma relação entre falta de supervisão e adesão por trajetórias infracionais. Em todos os casos, observou-se a ausência do genitor durante parte significativa da vida dos sujeitos. Também foi observado que quase todos os sujeitos iniciaram o uso de drogas ilícitas ainda muito jovens e que as relações com os pares, para aqueles que desempenharam atividades de tráfico de drogas, são análogas as relações de trabalho. Os *pontos de virada* de entrada das trajetórias infracionais da maioria dos jovens que a desempenharam, são em alguma medida associados ao falecimento de um ente querido. Por fim, as principais motivações para a prática dos homicídios, entre os jovens que participaram da pesquisa, perpassam por fatores morais, defesa da honra e de um ideal de masculinidade.

Palavras-chave: Homicídio. Criminalidade. Narrativa. Trajetória infracional. Curso de vida.

ABSTRACT

This Thesis presents a study about the life course and the infraction trajectories of adolescents and juvenile who practice infractional acts such as homicide. They were adjudicated by the Juvenile justice system served socio-educational admeasurement. The approach of life course and narratives of the subjects trying to understand the factors which made them commit homicides. Analyzing their family relationship and the construction process of infractional trajectories. Consequently, rebuilt the life course of the narrators approaching relative issues from the socialization process, social control, interaction between the subjects, and criminal identity construction, motivation of the crimes practiced, inter alia. Therefore, were analyzed the narratives of six male adolescents and juveniles who served socio-educational admeasurement in Belo Horizonte between 2018 and 2019. Despite the listed life differences and interpretation that subjects made of the lived events was possible to identify similarities in the life course and factors that explain the practice of homicide. Among the regularities of the life courses was observed that family also could be an institution of transmission of moralities in the 'world crime'. Moreover, it was noticed a relation between a lack of supervision and adherence by infractional acts. In all cases, it was observed an absence of a legal guardian during a significant part of the subject's lives. It was also observed that almost all subjects too early began to use illegal drugs and the relationship with those who engaged in drug traffic activities likewise a work relation. The ponto de viradas of entrance in infractional trajectories for most juveniles who made them, is somehow associated to a death of some family member. Finally, the main motivations for homicide practice among juveniles who participate in the research, surpass the moral factors, the defense of honor and an ideal of masculinity.

Keywords: Homicide. Criminality. Narrative. Infractional Trajectory. Life course.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Gráfico do Número e Taxa de Homicídios no Brasil 2011-2021.....	18
Figura 2 - Gráfico da Proporção de Óbitos causados por Homicídios por Faixa Etária e Sexo (2018)	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro Resumo das Características dos Entrevistados.....	50
Tabela 2 - Quadro Componentes da Análise	52
Tabela 3 - Classificação das Justificativas dos Homicídios	150

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADA	Amigos dos Amigos
BH	Belo Horizonte
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CRC	Central Nacional de Informações do Registro Civil
CRISP	Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública
CSEH	Centro Socioeducativo Horto
CSESC	Centro Socioeducativo Santa Clara
CV	Comando Vermelho
DF	Distrito Federal
ECA	Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEAT	Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares
MVCI	Morte Violenta por Causa Indeterminada
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PCC	Primeiro Comando da Capital
PSILACS	Núcleo de Pesquisas Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
Parte I.....	16
1 . O CENÁRIO DOS HOMICÍDIOS.....	17
2 CURSO DE VIDA E FORMAÇÃO DE TRAJETÓRIAS CRIMINAIS	22
2.1 O princípio do tempo e lugar.....	26
2.2 O princípio do estágio de vida	26
2.3 O princípio de vidas interligadas.....	26
2.4 O princípio da agência humana	27
3 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	30
3.1 Metodologia	31
Parte II	39
4 OS ENTREVISTADOS E SUAS TRAJETÓRIAS.....	40
4.1 José.....	40
4.2 Carlos	42
4.3 Marcus.....	45
4.4 Hélio.....	46
4.5 Beto	47
4.6 Ricardo	48
5 AS DIMENSÕES DO CURSO DE VIDA	51
5.1 Família.....	52
5.2 A formação de trajetórias infracionais	91
5.3 Análise dos dados sobre homicídios	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS	162

INTRODUÇÃO

A criminalidade constitui um vasto campo de pesquisa sociológica, em parte pela complexidade do fenômeno, em parte pela comoção popular gerada pela violência principalmente a urbana, sendo temática recorrente da agenda pública. Mesmo com o avanço no entendimento tanto das dinâmicas criminais como sobre o funcionamento do sistema de justiça, no Brasil, a questão da criminalidade ainda se apresenta como um grande problema, muitas vezes medido pelas taxas de homicídios. Dentro deste escopo tão variado de métodos e objetos, este trabalho pretende contribuir para as análises sobre o comportamento criminoso para os crimes de homicídio. Pretende-se entender como se formam as trajetórias de jovens que cometeram homicídio através da resposta à pergunta de pesquisa: *Quais são os eventos que impactaram no curso de vida dos jovens, convergindo para a adoção da prática do homicídio?*

Para isso, a partir da metodologia qualitativa, se retomará o curso de vida de jovens que cometeram ao menos um homicídio, internados em duas unidades socioeducativas de Belo Horizonte entre 2018 e 2019. Através da narrativa desses sujeitos, pretende-se analisar os eventos importantes ocorridos nas vidas destes jovens, assim como suas consequências e desdobramentos. Busca-se neste trabalho entender como são formadas as trajetórias de jovens que cometeram homicídio a partir da análise de categorias chaves selecionadas a partir das suas narrativas.

O recorte da pesquisa se dá pela natureza do crime de homicídio, haja vista que este fenômeno social, apesar de moralmente indesejado por quase a totalidade da população, ocorre nas mais diversas sociedades desde sempre, mesmo que variando em proporção ou significado de acordo com o contexto. Ao longo dos diversos anos de estudo acerca da questão, percebeu-se um importante impacto da idade e do sexo sobre os índices de homicídio, que são, no nosso meio, predominantemente praticados por jovens e adolescentes do sexo masculino (CERQUEIRA, 2021). Além disso, em território brasileiro, a criminalidade sofre do efeito regional, sendo mais organizada nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, onde surgiram as principais facções nacionais, enquanto em outras capitais o processo diverge de forma considerável (BEATO FILHO; ZILLI, 2009).

O que se pode dizer a despeito das diferentes formas criminais praticadas no Brasil é que aquelas em que há o emprego da violência, gera maior sensação de medo entre a população, sendo os homicídios uma das maiores expressões dessa violência. Por outro lado, apesar do grande número de jovens envolvidos em atos infracionais, e que cumprem medida socioeducativa, apenas uma pequena parcela responde por homicídio¹, sendo este o mais violento dos crimes violentos, porém, ele é mais raro que outros eventos. Essa parcela é a que nos interessa neste estudo por se acreditar que existe uma diferença prática e simbólica entre os crimes comuns não violentos e o homicídio. Então, por estes motivos a seleção pelos jovens que cometeram homicídio se justifica, por se acreditar que existem diversidades de condições prévias ainda não examinadas à exaustão, que possibilitem maior entendimento do fenômeno e, conseqüentemente, a criação de políticas públicas mais eficientes.²

A pesquisa aborda as histórias de vida a partir de entrevistas narrativas com jovens internos do sistema socioeducativo que cumpriam medida pelo cometimento de ato infracional análogo ao homicídio. Estas narrativas tem o objetivo de compreender os fatores que levaram os jovens a cometer homicídios. Além disso, serão também abordados os eventos que ocorrem ao longo da vida dos jovens que afetam suas condutas, a relação com suas redes de sociabilidades e, conseqüentemente, suas trajetórias. Este trabalho é parte integrante da pesquisa “Curso de Vida e Trajetória Delinquencial: Um estudo exploratório dos eventos e narrativas de jovens em situação de vulnerabilidade”, realizada pelo grupo transdisciplinar composto por pesquisadores do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG, Núcleo de Pesquisas Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS) e o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP).

A organização do estudo se inicia por uma apresentação do cenário dos homicídios no Brasil. Em seguida, explora os conceitos da abordagem do Curso de Vida que servirão de norteadores para a argumentação geral. Logo após são expostos os objetivos e a metodologia utilizada para realização da pesquisa, seguido de uma seção composta pela síntese descritiva das histórias de vida dos jovens entrevistados. Por fim a seção de apresentação e discussão dos resultados é composta por três capítulos, Família, A formação de trajetórias infracionais, Análise dos dados sobre homicídios, seguido pela conclusão.

¹ Dados obtidos na pesquisa “A trajetória de vida de Adolescentes e Jovens Envolvidos nos Crimes de Roubo e Políticas de Prevenção”, coordenada pelo Prof. Bráulio F. A. Silva, financiada pela FAPEMIG, processo: APQ-00175-14.

² Existe uma tentativa internacional de criação de uma espécie de “escala de gravidade” criminal, que podem ser vistos nos trabalhos de Wolfgang et al. (1985). Kwan, Cheung Ip e Kwan (2000), Blumstein (1974). Apesar das divergências encontradas nas análises, as mesmas concordam que o crime de homicídio está entre os crimes considerados mais graves.

Parte I

QUESTÕES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS

1. O CENÁRIO DOS HOMICÍDIOS

Este trabalho investiga parte do curso de vida de um grupo muito particular da população: jovens que cometeram homicídio. Mais especificamente, quais os fatores ou eventos que impactam no desenvolvimento de trajetórias criminais e como estes sujeitos se envolvem na prática de homicídio(s). Nesse sentido, a juventude é o período da vida das pessoas em que ocorrem diversas transformações comportamentais e de expectativas que acabam tendo um importante impacto na formação da fase adulta (MATSUEDA, 2001). Entre as mudanças ocorridas neste período do desenvolvimento, se destaca a busca por maior autonomia em relação aos responsáveis, o que em alguns casos enfraquece os laços sociais entre o adolescente e a família, ao mesmo tempo em que se fortalecem os vínculos com outras instituições sociais como escola, trabalho e amigos. Dessa forma, são construídos novos vínculos, com novos grupos de socialização, nos quais, o jovem tem a possibilidade de construir novos simbolismos, novos padrões normativos, internalizar novas práticas sociais e construir a própria identidade embasada em narrativas novas (ABRAMO, 1994).

Por este motivo, acredita-se na importância de se construir um olhar atento a estes mecanismos de mudança dos jovens e como os cursos de ação adotados produzem consequências práticas para suas vidas. Apesar de se considerar os constrangimentos estruturais, e sua grande relevância para a definição das trajetórias, este estudo pretende evidenciar também o poder de agência desses jovens. Considerando que a forma como os sujeitos vivenciam as experiências ocorridas nas diversas esferas da vida e a interpretação de sentido que dão aos eventos, formam as escolhas e estratégias de ação (ELIAS, 2008). Portanto, apesar das restrições impostas pela estrutura social, os jovens são ao mesmo tempo sujeitos ativos, protagonistas de escolhas. Os laços sociais construídos por estes sujeitos podem influenciar na forma como os eventos são vivenciados, porém, “[...] uma situação ou acontecimento particular pode ter impactos diferenciados sobre os indivíduos, dependendo da interpretação que eles dão ao fenômeno” (BITTAR, 2015, p.50).

Para se entender o cenário que estes jovens estão inseridos, é necessário ressaltar alguns pontos sobre os homicídios que acontecem em território brasileiro. Historicamente, os índices de homicídios brasileiros estiveram entre os mais altos do mundo. No país houve um aumento gradativo dos homicídios até o ano de 2017, quando se observou taxas de 31,6 mortes para cada 100 mil habitantes de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Esta taxa é uma das mais altas das Américas, só perde para países como Honduras (103,9),

Venezuela (57,6), Colômbia (43,9) e Guatemala (39,9). Entretanto, no território brasileiro, não encontramos situações que justifiquem o elevado nível de homicídios, como a presença de guerrilhas ou grupos armados com motivação de cunho político, como em alguns países da América latina. Tal fato demonstra que a dinâmica da violência brasileira segue rumos peculiares comparada a dos demais vizinhos continentais. A partir de 2017, observou-se uma tendência de queda da taxa de homicídio brasileira, sendo em 2021 contabilizadas em todo o país um total de 47.503 mortes intencionais, o que corresponde a uma taxa de 22,3 homicídios por 100 mil habitantes (BUENO e LIMA, 2022). O decréscimo das taxas de homicídios foi muito acentuado principalmente entre os anos de 2017 à 2019, quando se observou uma queda de 22,1% nas taxas de homicídio, como podemos observar no gráfico 01 abaixo.



Figura 1 - Número e Taxa de Homicídios no Brasil 2011-2021.

FONTE: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022).

Essa queda já estava sendo observada em algumas Unidades Federativas desde 2007, com exceção aos estados do Norte e Nordeste que alavancaram os índices nacionais. Principalmente em meados de 2016 até 2017 quando eclodiu uma guerra entre o Primeiro Comando da Capital – PCC e Comando Vermelho – CV nos presídios destas regiões, “[...] gerando número recorde de mortes no Acre, Amazonas, Pará, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte” (CERQUEIRA, 2020, p. 9). Ainda em 2021, os estados brasileiros que apresentaram as maiores taxas de homicídios localizam-se nas regiões norte e nordeste: Amapá 53,8; Bahia 44,9; Amazonas 39,1; Ceará 37,0 e Roraima 35,5.

Ainda é importante destacar que a partir de 2018, o país vivencia um processo de deterioração dos registros oficiais, apontado no último levantamento realizado pelo CERQUEIRA (2021) como um “[...] patamar nunca antes observado desde o início da série histórica, em 1979” (CERQUEIRA, 2021, p. 11). Segundo os dados apresentados no Atlas da Violência, publicado em 2021, no mesmo período em que a taxa de homicídios começa a cair nacionalmente, observa-se um aumento significativo da taxa de Morte Violenta por Causa Indeterminada (MVCI). Com base em estudos anteriores, estima-se que cerca de 74% das MVCI correspondem a homicídios não classificados corretamente. Dessa forma, mesmo os dados de registros oficiais sendo uma fonte utilizada há anos para basear as pesquisas, é inegável a distância entre a realidade objetiva e como tais fontes de dados sofrem influências do contexto político, econômico e social. Apesar da tendência de redução dos homicídios observada nos últimos 5 anos, a despeito das flutuações e peculiaridades regionais das taxas de homicídios e dificuldades de confiabilidade dos dados, é fato que desde a década de 1980 o número de homicídios no país cresceu de forma considerável e permanece em patamares altos. O Brasil possuía em 2021 uma população estimada correspondente a 2,7% dos habitantes do planeta e neste mesmo ano, 20,4% dos homicídios ocorridos mundialmente aconteceram no país (BUENO e LIMA, 2022).

Em volume de registros, apenas Índia (40.651) e México (36.579) possuem números absolutos informados tão grandes quanto o Brasil. O que chama atenção, contudo, é que essa proporção de 20,4% dos homicídios do planeta ter ocorrido no Brasil é 30,8% superior àquela observada para 2019, quando o país era responsável por 15,6% dos homicídios do planeta (BUENO e LIMA, 2022, p. 30).

Além disso, o perfil da maior parte das vítimas é muito claro: homens, negros, jovens, moradores de periferia dos centros urbanos (SOARES FILHO, 2011; VILARREAL; SILVA, 2006). Das vítimas das mortes intencionais em 2021, 91,3% eram do sexo masculino, 77,9% negras e 50% tinham entre 12 e 29 anos de idade (BUENO e LIMA, 2022). Entre os jovens, o fator de risco indiscutivelmente mais relevante é o sexo, sendo 93,9% das mortes de jovens correspondentes ao sexo masculino em 2019 e sem grandes variações nos anos anteriores.

A correlação entre violência letal e masculinidade não chega a ser uma particularidade do contexto brasileiro. Há um consenso entre aqueles que estudam violência urbana de que são os homens tanto as principais vítimas como os principais autores de violência letal no mundo. Essa relação entre gênero e violência, contudo, nem sempre é enfatizada nos estudos que buscam as causas do fenômeno, inclusive pela enorme dificuldade de identificar o poder da masculinidade, fruto das formas de socialização dos homens, sem afirmá-la como causa única da violência, caindo em um

modelo causal simplificado que trabalha com uma noção abstrata de masculinidade e de machismo (HUME; WILDING, 2015, p. 29).

Os dados comparativos de 2018, exemplificam bem as desigualdades de gênero associadas a mortalidade juvenil. Naquele ano, 53,3% do total de homicídios do país foram de jovens, com expressiva concentração de pessoas do sexo masculino conforme visto no Gráfico 02.



Figura 2 - Proporção de Óbitos causados por Homicídios por Faixa Etária e Sexo (2018)

FONTE: CERQUEIRA (2021)

Ao inserirmos na análise a raça das vítimas de homicídio, a condição de desigualdade fica ainda mais evidente. Como dito anteriormente, cerca de 77% das vítimas de homicídios eram pessoas negras em 2021. Esse cenário é tão alarmante que diversos pesquisadores, organizações do terceiro setor e veículos de comunicação nomeiam a violência contra essa parcela da população como “genocídio da população negra”. Até mesmo a queda nas taxas de homicídios observadas e expostas acima, afetam de forma diferenciada população negra, sendo que entre 2009 e 2019, observou-se uma queda de 20,3% nas taxas de homicídios, sendo que entre a população negra essa queda foi de 15,5% e entre a população não negra, correspondeu a 30,5%. Ou seja, mesmo no cenário de redução da taxa de homicídios, observa-se a desigualdade racial, sendo que para a população não negra a queda foi 50% maior do que para a população negra (CERQUEIRA, 2021).

Além da desproporcionalidade por sexo, idade e raça das vítimas de homicídio, os locais onde os mesmos ocorrem também não estão homogeneamente distribuídos no território. É comum observarmos uma maior concentração de homicídios em áreas de

periferia em relação aos demais bairros, o que também ocorre em diversas cidades do mundo. As explicações para as diferenças de concentração dos homicídios em determinadas áreas podem ser classificadas em dois grupos: a) características estruturais das vizinhanças (BURSIK; GRASMICK, 1993; PARK; BURGUESS, 1925; SAMPSON; GROVES, 1989; SHAW; MCKAY, 1942); b) dinâmica criminal local (SAPORI; SENA; SILVA, 2011; ROCHA, 2017). As explicações do primeiro grupo frequentemente recorrem ao processo de urbanização para entender as dinâmicas criminais locais. Também são comumente discutidas questões de migração, infraestrutura e presença estatal que refletem problemas fundamentalmente de desigualdade social e a formação de áreas de exclusão social dentro de uma mesma cidade. As explicações do segundo tipo, também estão em certa medida atreladas as condições estruturais, porém o foco é a condição violenta da dinâmica criminal destes lugares, principalmente norteados pelo tráfico de drogas.

Mesmo com as questões inerentes a confiabilidade dos dados acerca dos homicídios, pode-se dizer que os estudos apresentados são capazes de descrever um cenário bastante consistente no que tange o perfil das vítimas. Entretanto, existe uma carência de estudos acerca dos autores dos homicídios. Nesse sentido, este trabalho espera contribuir para aprofundar o conhecimento das condições em que os homicídios ocorrem. Ao adotar a perspectiva de quem comete o ato, e reconstruir os caminhos e elementos centrais na vida destes sujeitos, busca-se compreender a diversidade que existe nas trajetórias desses jovens, as similaridades e os significados que cada ação pode ter em trajetórias distintas. Com isso, busca-se tanto identificar as similaridades nos cursos de vida desses jovens, mas também captar as diferenças e subjetividades dessas trajetórias para que se construa uma perspectiva mais completa do fenômeno.

2 CURSO DE VIDA E FORMAÇÃO DE TRAJETÓRIAS CRIMINAIS

A busca pelo entendimento dos percursos adotados por jovens que cometeram homicídios é bastante complexa por se entender ser necessário compreender as trajetórias individuais considerando as dinâmicas sociais que compõem as vivências destes sujeitos e conseqüentemente se relacionam com as normatividades as quais estes jovens são expostos e seus comportamentos. Por isso, acredita-se que a perspectiva do curso de vida se apresenta como uma ferramenta útil por permitir análises que levam em conta as individualidades e também do contexto social.

Este enfoque teórico-metodológico nasce sob influência de um conjunto de disciplinas das humanidades, sobretudo sociologia, história, psicologia e demografia (ELDER et al, 2003). A partir de 1970, esta perspectiva começou a ser desenvolvida principalmente por estudiosos da escola americana, destacando-se os trabalhos de Glenn Elder (1974).

De maneira geral, o objetivo da abordagem do curso de vida é entender as trajetórias individuais ao longo do tempo de maneira ampla, considerando os aspectos estruturais e as mudanças sociais ocorridas nos contextos destes indivíduos. A premissa básica desta abordagem é que as forças sociais mais amplas moldam o desenvolvimento dos cursos de vida individuais e coletivos, entretanto sem desconsiderar o poder de agencia dos indivíduos. Para o melhor entendimento deste trabalho, é necessário que logo de início se apresente os três conceitos fundamentais que norteiam tal constructo teórico: trajetórias, transições e *pontos de virada*. "O conceito de trajetória se refere a uma linha de vida ou carreira, um caminho ao longo da vida, que pode variar e mudar de direção, grau e proporção" (ELDER; PAVALKO; HASTINGS, 1991, p. 63). A sequência e a velocidade de transição das trajetórias não necessariamente podem ser preditas a partir de fatores contextuais. Entretanto, a perspectiva do curso de vida preconiza que existe maior ou menor probabilidade de determinadas trajetórias serem desenvolvidas quando analisadas a estrutura social e as mudanças sociais inerentes ao contexto vivenciado pelos indivíduos. De forma sucinta, as trajetórias dizem respeito às dimensões interdependentes da vida do indivíduo que se conectam com as circunstâncias da estrutura social e também com as relações interpessoais que este indivíduo estabelece ao longo do curso de vida.

Essas trajetórias ocorrem num espaço e contexto determinados e são marcadas por transições, que constituem mudanças de estado mais ou menos abruptas. As transições envolvem ocorrência de eventos que, necessariamente, implicam mudanças de estado, posição

ou situação. Essas mudanças estão inseridas numa trajetória específica e podem tanto ocasionar recolocação em uma mesma trajetória quanto marcar o início ou fim dessa trajetória; neste último caso são chamados "*pontos de virada*".

Assim como as trajetórias, as transições também não podem ser preditas. Entretanto, elas podem ser mais ou menos prováveis de ocorrer dado o sistema de expectativas socialmente criado, o qual considera principalmente a idade, mas também leva em conta o tempo social, grupo cultural ou local de moradia do indivíduo. Determinadas transições são então esperadas socialmente, como por exemplo, entrada e saída da escola, entrada e saída do mercado de trabalho, casamento, reprodução, etc. (ELDER; KIRKBETO; CROSNOE, 2006; HAGESTAD; VAUGHN, 2007).

Em outras palavras, trajetórias e transições estão interligadas sem que necessariamente uma transição culmine na interrupção de uma trajetória e início de outra. O início ou término de uma determinada trajetória está associado a um *ponto de virada*, ou seja, transição e *pontos de virada* não são sinônimos. Sendo possível se fazer transição para uma nova trajetória sem a interrupção de uma trajetória já existente (CARLSSON, 2012). Por exemplo, pode-se fazer uma transição de uma trajetória como estudante para outra relativa ao trabalho, sem interromper uma sequência de comportamentos normativos. Uma trajetória pode ser familiar, profissional, criminal entre outras. Enquanto as transições geralmente são entrar ou sair de uma escola, se casar, migrar, etc.

Portanto, os *pontos de virada* são eventos que causam grandes mudanças em uma trajetória, ao ponto de se traduzirem em guinadas de direção em um curso de vida. Essa "mudança de estado" (MONTGOMERY; RUNGER, 2009), pode se originar desde eventos mais óbvios como a morte de algum familiar próximo, como de eventos menos óbvios, como uma queda de bicicleta que é interpretada de forma significativa pelo sujeito, ocasionando uma virada de determinada trajetória. Importante salientar que em ambos os casos, o que determina se o evento se tornará ou não um *ponto de virada* pode ser tanto questões objetivas (como a perda de uma casa para morar a partir da morte da mãe, que acarreta na necessidade objetiva de abandonar a escola), quanto questões subjetivas (a significação que uma queda de bicicleta teve para o indivíduo), que são então desdobramentos do evento (ELDER; KIRKBETO; CROSNOE, 2006). Dessa forma, um mesmo evento pode ser interpretado de formas diferenciadas por sujeitos diferentes, podendo ou não se tornar um *ponto de virada*. Um clássico exemplo disso é o casamento, considerando dois sujeitos que estavam em trajetórias criminais, para um deles o casamento pode ser um *ponto de virada* que encerra esta trajetória, enquanto para o outro, o casamento pode não ter o mesmo efeito sobre a trajetória

criminal. Como aponta Carlsson (2012), “[...] não é o emprego, o casamento, o serviço militar, a mudança de residência ou outras mudanças em si que provocam a desistência, mas sim a forma como tais mudanças em determinadas circunstâncias pode trazer outras mudanças, que teoricamente são entendidas como centrais para o surgimento dos processos de desistência” (CARLSSON, 2012, P. 03).

Portanto, o curso de vida corresponde a uma espécie de contínuo que se inicia no nascimento do indivíduo e se encerra com sua morte. Dentro deste contínuo, existem diversos caminhos ou trajetórias, que são iniciadas em certo tempo e se encerram em outro tempo diferente. Essas trajetórias também podem ser interrompidas por determinado período e retomadas posteriormente, como exemplo, uma trajetória criminal que pode ser suspensa devido à prisão do indivíduo e retomada após sua soltura. Diferentes trajetórias ocorrem ao mesmo tempo dentro de um curso de vida, por exemplo, uma trajetória criminal acontece ao mesmo tempo em que uma trajetória familiar, ou uma trajetória educacional, se o indivíduo tem estas ocupações no mesmo período da vida. Neste caso, as trajetórias são sobrepostas, podendo ou não interferir uma sobre a outra. Fazendo um paralelo com o trabalho de Goffman (1975), pode-se dizer que as trajetórias estão ligadas aos papéis sociais que um ator ocupa em determinado espaço social. Ou seja, uma pessoa ocupa papéis sociais dependendo do espaço social em que ela esteja, e isso equivale às trajetórias que esta pessoa possui em seu curso de vida. Por exemplo, Ana é mãe de 3 filhos, casada com José e quando está na sua casa, na companhia da sua família, ensinando para casa para os filhos, está desempenhando seu papel de mãe/esposa que é justamente o papel que Ana aciona nas ações e pensamentos constituintes de sua trajetória familiar. Em outro momento, a mesma Ana vai para o escritório onde trabalha como secretária em uma empresa durante parte do dia, nesse caso, Ana está desempenhando seu papel de funcionária, e moldando sua ação a partir de expectativas sobre este papel e todos estes elementos fazem parte da trajetória profissional de Ana. Ambas as trajetórias ocorrem no mesmo momento da vida de Ana, porém, possuem espaços distintos e estas trajetórias podem ou não interferir uma sobre a outra.

Posto isso, pode-se dizer que o início ou fim de uma trajetória é atribuído à *pontos de virada*, entretanto, algumas considerações se fazem necessárias. Inicialmente, Sampson e Laub (1993, 1998) compreendiam os *pontos de virada* como contínuos e parte integrante de um processo que ocorria ao longo do tempo (LAUB; SAMPSON, 1993), incrementando a análise com a distinção entre mudanças lentas e abruptas (SAMPSON; LAUB, 1998). Em estudos posteriores, Sampson e Laub (2005) reconhecem que apesar desta interpretação, acabaram tomando os *pontos de virada* como eventos únicos e, às vezes, raros. A partir desta

constatação, eles então passaram a entender os *pontos de virada* como uma alteração ou deflexão em uma trajetória que se iniciou em um tempo anterior. Dessa forma o que distingue um *ponto de virada* de uma pausa na trajetória é a "[...] quantidade de tempo que é gasto em um novo curso" (CARLSSON, 2012, p. 3).

Embora estes *pontos de virada* possam ser medidos de forma precisa e datados dentro do curso de vida, sendo assim passíveis de observação em trabalhos quantitativos (BUSHWAY et al. 2001; BUSHWAY; THORNEBERRY; KROHN, 2003), há controvérsias sobre o emprego de tal técnica na medição dos eventos. Alguns autores (BECKER, 1966; CARLSSON, 2012), acreditam que métodos qualitativos seriam mais adequados para a compreensão dos processos sociais associados à desistência ou início de trajetórias. Por se acreditar que a continuidade e descontinuidade de trajetórias são processos, o método qualitativo forneceria as informações subjetivas necessárias para se entender os movimentos psicossociais motivadores das ações. Nesse sentido, sem desmerecer as vantagens dos métodos quantitativos, acredita-se que pesquisas sobre trajetórias deveriam necessariamente conter métodos qualitativos em seu escopo. O grande desafio das pesquisas que se propõem entender curso de vida está em captar as interconectividades dos processos de mudança em detrimento de assumir justificativas simplistas. Talvez o trabalho que mais se aproxima da complexidade deste tipo de mensuração seria o realizado por Laub e Sampson (2003), que ainda assim, tendem a concentrar a explicação de desistência em processos de emprego, formação familiar e etc.

Portanto, o grande desafio da análise de trajetórias a partir da perspectiva do curso de vida, é compreender a ocorrência de eventos, apreendendo os passos no processo pelo qual eles vieram a acontecer e o significado que estes eventos têm para os sujeitos. Entretanto, deve-se atentar para o fato de que, em pesquisas retrospectivas, ao retomar fatos ocorridos anteriormente, o indivíduo remonta raciocínios lógicos, buscando justificativas para a ação. Essa linha de raciocínio deve ser entendida em seu contexto, ou seja, no contexto da justificativa, e como parte de um esforço não espontâneo, dado pelo momento da coleta de dados. Este fato só se torna um problema se ignorado. Por isso, pretende-se ter em mente para este exercício a afirmação de que:

[...] qualquer ato específico do indivíduo se torna compreensível apenas à luz de sua relação com [...] experiências passadas e o indivíduo projetando-se para o futuro. Linhas de ação (ou ausência de ação) podem influenciar, de maneira dialética, as próprias forças ou contingências que condicionam escolhas posteriores (SHAW, 1966[1930], p. 13 apud CARLSSON, 2012, p. 5; tradução minha).

Dada tal complexidade, é importante retomarmos aqui os quatro princípios básicos da perspectiva do curso de vida. Através destes princípios, os conceitos de *trajetória*, *ponto de virada* e *transição* podem ser operados de forma mais robusta. São eles:

2.1 O princípio do tempo e lugar

O primeiro princípio considera o tempo e o lugar histórico em que vivemos e como estas características impactam o curso de vida. Este princípio aponta para a importância do contexto nas análises do comportamento humano. A partir dele, se considera que tanto os indivíduos como as coortes (de nascimento, de gerações) são influenciados pelo momento histórico e localização espacial que estes estão inseridos.

2.2 O princípio do estágio de vida

Este princípio considera que um mesmo evento ou transição pode ter desdobramentos diversos a depender da idade do indivíduo no momento em que ele ocorre. A esse ponto interessa quando o evento ou transição ocorre, é prematuramente ou tardiamente, se comparado as outras pessoas e segundo as expectativas sociais (ELDER; GIELE, 2009). Por exemplo, a morte dos pais tem um impacto diferente se ela ocorre aos 11 ou aos 57 anos. O período da vida em que as transições ocorrem também podem provocar efeitos a longo prazo e nas transições subsequentes, por exemplo a paternidade/maternidade também tende a ter um impacto muito distinto dependendo da idade em que ocorre. Quando esta transição ocorre na adolescência, é provável que tenha um impacto na trajetória escolar e do trabalho para o indivíduo, mas também impacte a vida de outras pessoas da família de origem e até mesmo do filho. Dessa forma, este princípio postula que as consequências de um evento ou transição são contingenciais e dependem do momento da vida em que elas ocorrem (ELDER, 2002).

2.3 O princípio de vidas interligadas

O terceiro princípio diz respeito as interações e as redes de relacionamentos e de afinidades que possuímos e a forma que elas impactam no desenvolvimento das nossas trajetórias. As pessoas com as quais nos relacionamos desde o nascimento, seja a família, o grupo de amigos que construímos ou os demais indivíduos que nos relacionamos se conectam as nossas vidas, exercendo influências sobre nosso comportamento. Ou seja, este princípio

considera a interdependência entre as pessoas que, através de suas redes de relacionamentos, compartilham influências histórico-sociais (ELDER, 2002). Também é devido a esta interdependência que frequentemente as transições individuais impactam as vidas de outras pessoas. Um exemplo comum, é quando um membro da família passa por uma transição no trabalho que implica em uma mudança de cidade. Nesse caso, a transição deste indivíduo impacta diretamente o curso de vida de seus familiares que também se mudarão, provocando assim uma transição nas trajetórias desenvolvidas por estes.

2.4 O princípio da agência humana

O último princípio se refere à capacidade do indivíduo de tomar decisões, a agência humana. Ele se origina na clássica discussão sobre indivíduo x estrutura como explicativas causais. A importância deste ponto de vista para as análises de cursos de vida é que “[...] os indivíduos não são entidades passivas as quais apenas influências e restrições estruturais são impostas, em vez disso, eles fazem escolhas e realizam atividades e, desta forma, constroem seus próprios cursos de vida” (BLANCO, 2011, p. 15). Obviamente, estas escolhas são limitadas pelo contexto histórico e social em que vivem. Dessa forma, as pessoas fazem escolhas que moldam seu curso de vida, escolhas estas a partir de possibilidades delimitadas pelas estruturas sociais as quais se alteram ao longo da história (SHANAHAN; ELDER, 2002). Pode-se dizer que este princípio põe em foco o indivíduo e o processo de tomada de decisões, perante as possibilidades limitadas que o mesmo dispõe, considerando os constrangimentos estruturais e condicionantes contextuais.

Apesar de se conseguir pensar os conceitos e premissas da perspectiva do curso de vida de forma mais ampla, para diferentes trajetórias, como exposto até o momento, focaremos aqui nas análises que buscam compreender as trajetórias criminais. Um dos principais problemas destes estudos é o julgo moral que os pesquisadores atribuem a estas trajetórias. Considerando-as como uma experiência negativa por si só, sem repensar o papel das moralidades em diferentes contextos. Os trabalhos de Laub e Sampson (2003) exemplificam este problema ao tratar os *pontos de virada* de interrupção de trajetórias criminais de forma otimista, quase como que responsável por uma melhoria no curso de vida do indivíduo, ao se encerrar tal trajetória. Para os autores, o surgimento de um *ponto de virada* na desistência de trajetórias criminais possibilita ao indivíduo (i) romper com o passado considerado ruim, (ii) investir em novos laços sociais que auxiliem no crescimento e promoção social, (iii) fomentar o controle social, (iv) envolver em atividades rotineiras

convencionais e (v) promover uma transformação identitária (SAMPSON; LAUB, 2005, p. 34). Dessa forma, apesar da grande contribuição dos autores para o entendimento do curso de vida, a atribuição moral, notadamente a partir de uma perspectiva dominante, reduz as trajetórias criminais a um desvio da "vida convencional". Esta ressalva não pretende cometer o erro oposto de romantizar trajetórias criminais e negar prejuízos claros a vida dos indivíduos, como privação da liberdade e maior risco de ser vitimado por homicídio, dependendo das características da trajetória criminal. Porém, o que se pretende é chamar atenção para a importância de relativizar estas trajetórias, relacioná-las com os contextos e se preocupar em não atribuir valores padronizados em outros indivíduos.

Apesar das críticas apresentadas acima, os estudos de Sampson e Laub (1993; 1998; 2003; 2005) estão entre os trabalhos mais relevantes sobre curso de vida e trajetória criminal. Ainda assim, este exercício parte da premissa que os eventos considerados *pontos de virada*, dependendo do contexto, são gatilhos para outras mudanças que fazem parte do caminho de entrada ou desistência em trajetórias criminais. Ou seja, acredita-se que tanto a entrada, quanto a desistência de uma trajetória criminal acontece em decorrência de uma sequência de eventos e são propiciadas pelas condições contextuais em que o indivíduo se encontra em dado momento do tempo. Estes eventos estão no meio de um movimento que muitas vezes pode se assemelhar a um "caminho de zig-zag" (MARUNA, 2001), havendo períodos de "deriva" (MATZA, 1964 apud CARLSSON, 2012). Sendo assim, em vez de um processo gradual de desistência, no qual indivíduo vai "diminuindo" suas ações criminais, vê-se mais como um processo gradual de movimento não linear (MATZA, 1964 apud CARLSSON, 2012). Teoricamente, o mesmo ocorreria para a entrada dos indivíduos em trajetórias criminais.

Mesmo com a problematização sobre a definição dos *pontos de virada*, a literatura aponta uma recorrência de determinados eventos, relacionados a mudanças no curso de vida. A maior parte dos estudos dedicados à análise de trajetórias criminais aponta que os fatores relevantes para a desistência ou descontinuidade estão geralmente associados à idade, emprego estável, formação familiar, desintegração de grupos de pares e mudanças subjetivas da identidade (LAUB; SAMPSON, 2001; LAUB; SAMPSON 2003; WARR, 1998; MARUNA, 2001). Assim como os argumentos acerca da entrada em trajetórias criminais é comumente associado a quebras da "normalidade" como famílias desestruturadas, falta de autocontrole na infância, problemas cognitivos (SAMPSON; LAUB, 1993; MOFFITT, 1993). Percebe-se que em ambos os processos (entrada e desistência), os parâmetros são estabelecidos a partir de uma perspectiva normativa dominante, na qual a quebra com os

valores morais dominantes é responsável pela entrada em trajetórias criminais, assim como a desistência é possível quando há um movimento de retomada desses valores.

Apesar dos problemas de atribuição moral nas análises, ainda assim, os estudos do curso de vida permitem pensar sobre a construção de trajetórias criminais, que são diferenciadas de acordo com suas intensidades e tempo de duração.

3 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A partir do referencial teórico do Curso de Vida, este trabalho se propõe a refletir, de forma exploratória, sobre os eventos e os caminhos que os jovens participantes foram trilhando ao longo de suas vidas até chegar ao ponto de cometerem um ou mais homicídios. Assim, pretende-se entender a formação da trajetória infracional³ de adolescentes que cometeram homicídio e como o ato do homicídio dialoga com esta trajetória. Para isso, se buscou evidenciar os aspectos contextuais, as intercorrências ocorridas durante o curso de vida e como as mesmas impactaram na entrada ou transições em trajetórias criminais e como tais trajetórias se relacionam com a prática do homicídio.

Posto isso, o objetivo central e motivador deste trabalho é compreender os fatores que levaram os jovens a cometer homicídios. Para tal, se pretende: i) analisar quais os principais fatores e relações familiares propiciaram o desenvolvimento de trajetórias criminais e/ou a prática do homicídio; ii) investigar o processo de construção da trajetória infracional a partir de suas intercorrências, irregularidades ou interrupções; iii) identificar e compreender os *pontos de virada* que perfazem seu curso de vida até a prática do homicídio.

Assim sendo, a principal indagação realizada foi: Quais são os eventos que impactaram no curso de vida dos jovens, convergindo para a adoção da prática do homicídio? Em seguida, foram delineadas as questões norteadoras do trabalho a saber: i) qual o papel da família na formação das trajetórias criminais ou comportamento desviante dos jovens? ii) Como os eventos ocorridos com os jovens se inserem no processo de construção de trajetórias criminais? iii) quais os eventos e seus desdobramentos impactam na prática do homicídio?

A partir destes questionamentos e das leituras e estudos prévios, acredita-se que o curso de vida dos jovens que cometeram homicídio foi marcado por eventos traumáticos e associados a contextos desvantajosos que propiciaram a adoção de práticas criminais e do homicídio. Além disso, as seguintes hipóteses foram levantadas: i) sobre a composição familiar destes jovens, se sugere a hipótese de que são famílias mononucleares, com histórico de violações aos direitos das crianças e adolescentes e permeada por um cotidiano de ausência de supervisão por um adulto; ii) Diante do contexto familiar, a ocorrência de eventos traumáticos, experiências próximas com a criminalidade urbana vão tornando a adoção por

³ Apesar da literatura utilizar o termo trajetória criminal, neste trabalho investiga-se o curso de vida de adolescentes e jovens adultos que cometeram atos infracionais, ou seja, antes de completarem 18 anos. Por este motivo, será utilizado o termo “trajetória infracional” para se referir aos atos cometidos na adolescência.

trajetórias infracionais cada vez mais atraentes; iii) A partir da aprendizagem da violência como forma de resolução de conflitos, convivência com os pares e a persistência de eventos negativos, o homicídio se torna a solução para os entraves vivenciados.

3.1 Metodologia

Diante dos objetivos de investigação deste estudo, realizou-se uma pesquisa qualitativa para a coleta de dados. Considerando a temática sensível e os entraves em acessar os sujeitos de interesse, a saber jovens que cometeram ato infracional análogo a homicídio, optou-se por buscar tais atores dentro de unidades destinadas à execução de medidas socioeducativas de privação de liberdade. O acesso aos adolescentes e jovens em um espaço institucional por um lado apresenta desvantagens inerentes à condição de um ambiente vigiado. Entre as desvantagens, se considerou a possibilidade dos entrevistados associarem o pesquisador aos profissionais dos centros socioeducativos. Nesse caso, haveria um risco dos relatos realizados pelos sujeitos da pesquisa, durante os encontros, serem balizados pela ideia de que os mesmos estariam sendo “avaliados” quanto ao cumprimento da medida socioeducativa. Isso porque os profissionais destas instituições realizam periodicamente relatórios de reavaliação de medida que são endereçados ao judiciário. O próprio cenário onde as entrevistas foram realizadas, dentro da sala onde ocorrem os atendimentos técnicos de profissionais destes centros, com a presença da segurança de forma vigilante a todo o momento, pode gerar algum impacto no conteúdo das falas. A condição de restrição da liberdade por si só tem um impacto negativo no sujeito, potencialmente provocando mudanças de comportamento e também da forma de perceber suas vivências. Por fim, mesmo obtendo sucesso no acesso aos Centros Socioeducativos, existem limitações da própria instituição — de horário, de profissionais disponíveis para acompanhamento das entrevistas, da logística com as demais atividades da unidade — que implicam em uma necessidade do pesquisador dispender um longo tempo de espera pelo momento da entrevista, e estar preparado para visitas frustradas.

Entretanto, dada a complexidade de uma busca por este perfil em espaços orgânicos, como o local de moradia, grupos sociais etc., se torna inviável, dado que seria necessário realizar uma busca por estes atores a partir de uma característica que constitui uma infração a lei. Além disso, a adesão à pesquisa também é menor por concorrer com todas as demais atividades que o sujeito desempenha no dia a dia. Ainda é necessário considerar o risco do

pesquisador no momento da entrevista pois, por vezes, é necessário acionar memórias e realizar perguntas sobre situações difíceis para o entrevistado, ficando assim o pesquisador suscetível a uma reação imprevisível. O risco ainda está presente na possibilidade de suspeição do entrevistado sobre o pesquisador, que necessariamente precisará tocar em pontos conflituosos, o que pode ser interpretado como sendo orientado por intenções ocultas. Por estes motivos, acessar estas pessoas em uma instituição onde já é sabidamente um local destinado a este público, possibilita a identificação dos possíveis participantes do estudo com menos constrangimentos.

Considerando os fatores acima, com a finalidade de garantir a realização do campo da pesquisa, com o acesso aos atores com o perfil desejado, se optou por acionar os adolescentes e jovens através do sistema socioeducativo. Portanto, os jovens participantes deste estudo foram os que cumpriam medida socioeducativa por Ato Infracional análogo ao crime de homicídio entre outubro de 2018 e junho de 2019 nas unidades socioeducativas Horto e Santa Clara no município de Belo Horizonte. O acesso a estas instituições se deu inicialmente pela participação na pesquisa “Curso de Vida e Trajetória Delinquencial: Um estudo exploratório dos eventos e narrativas de jovens em situação de vulnerabilidade”, realizada por um grupo transdisciplinar composto por pesquisadores do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG, Núcleo de Pesquisas Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS) e o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP), a qual este trabalho integra. A coleta dos dados e toda a pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – COEP da Universidade Federal de Minas Gerais em parecer de número 2.750.329. O acesso às Unidades Socioeducativas foi possibilitado através da autorização nº 008.2018, emitida em 08 de maio de 2018 pelo Diretor de Monitoramento Estratégico da Subsecretaria de Atendimento Socioeducativo do Estado de Minas Gerais. A partir das autorizações concedidas, foi realizado um contato com profissionais do Centro Socioeducativo Santa Clara (CSESC), durante um evento acadêmico da pesquisa “Curso de Vida e Trajetória Delinquencial: Um estudo exploratório dos eventos e narrativas de jovens em situação de vulnerabilidade” que contava com a participação dos mesmos. Na oportunidade, esta pesquisadora foi convidada a se reunir com a direção da Unidade onde, posteriormente, foram acertados os detalhes da realização do campo. O campo propriamente dito se iniciou em outubro de 2018 no Centro Socioeducativo Santa Clara. Inicialmente, o Diretor Geral da Unidade designou o pedagogo e uma Agente de Segurança Socioeducativa como referências para auxiliar na execução do campo. Em seguida foi realizado um levantamento, junto ao setor jurídico da Unidade, de quais socioeducandos estavam

internados por ato infracional análogo ao crime de homicídio, como forma de definir o universo da pesquisa. A partir desse levantamento, foi realizada uma conversa com os profissionais de psicologia que atendiam estes socioeducandos afim de informar da pesquisa e realizar uma verificação preliminar dos sujeitos. Inicialmente haviam 3 internos que correspondiam ao perfil desejado, entretanto, um desses foi contraindicado pela psicóloga de referência, pois o seu simples acionamento poderia causar prejuízos no cumprimento da sua medida. Em seguida, começou-se a frequentar as oficinas que os 2 jovens participavam afim de ter uma inserção gradual nas suas rotinas e uma apresentação prévia da pesquisadora tanto para os participantes do estudo como para os demais socioeducandos. A presença da pesquisadora na rotina da Unidade causou um estranhamento inicial e vários questionamentos tanto dos internos quanto dos profissionais sobre a motivação desta presença. Os objetivos da presença da pesquisadora foram apresentados diversas vezes, para estas pessoas até que a presença na instituição foi gradualmente sendo naturalizada. Ao longo do campo, que durou até julho de 2019, este processo de apresentação foi se tornando cada vez menos necessário, já que a partir da chegada de outros internos com o perfil indicado, as informações sobre a identidade e os objetivos da pesquisadora na Unidade já circulavam. Ao todo, 5 socioeducandos que passaram pelo Santa Clara participaram da entrevista. Além desses, um outro adolescente iniciou a participação na pesquisa, mas foi interrompida pela sua transferência para outra Unidade Socioeducativa. Em dezembro de 2018, o primeiro adolescente integrante do estudo foi transferido para o Centro Socioeducativo Horto (CSEH). Por este motivo, visto que as entrevistas ainda não haviam se encerrado, se buscou o acesso a esta Unidade para dar continuidade ao processo de coleta de dados.

Em janeiro de 2018, o campo foi ampliado para a Unidade Horto, sendo realizado simultaneamente nas duas Unidades. O processo de inserção no campo no CSEH foi diferente do primeiro contato realizado no CSESC. Inicialmente foi realizado um contato com a direção geral que autorizou a realização da pesquisa e indicou a pedagoga como referência para apoio a pesquisa. A Unidade Horto não foi tão acolhedora com a presença da pesquisadora quanto o Santa Clara, mesmo com a cordialidade da equipe técnica e da direção. O próprio espaço físico do CSEH torna o ambiente não muito acolhedor. Enquanto o Santa Clara possui um amplo espaço aberto, gramado, com animais circulando (havia até algumas cabras) e os setores bem definidos, o Horto é composto por corredores de concreto e grades que se interligam, onde não é possível ver o céu. Apenas uma quadra rodeada por paredes permite alguma visão do tempo. Os Agentes de Segurança Socioeducativa do Horto também eram menos disponíveis para o acompanhamento das entrevistas, não é possível identificar se por

falta de pessoas, que é uma realidade nos centros socioeducativos, ou se por não entender a pesquisa como parte do trabalho. Por estes motivos, o campo no Horto foi muito mais curto do que no Santa Clara, durando de janeiro a abril de 2019. Na Unidade Horto foram entrevistados 03 adolescentes: o que já participava da pesquisa e havia sido transferido do Santa Clara, e outros 02. Entretanto um desses novos participantes evadiu da Unidade logo após a primeira entrevista, não sendo possível dar continuidade com as narrativas, sendo dessa forma desconsiderado nas análises deste estudo. Houve uma tentativa inicial de reproduzir o método, utilizado no CSESC, de aproximação gradual dos adolescentes quando o campo se iniciou no Horto. Entretanto, a diferença tanto da circulação da pesquisadora dentro da unidade como a própria rotina dos adolescentes impossibilitou que este método fosse reproduzido. No Horto, os adolescentes têm algumas atividades externas a unidade, o que deixava muito mais difícil encontrar disponibilidade para acompanhar essa rotina e também para realizar as entrevistas. Dessa forma, a pesquisadora participou de apenas uma oficina com o jovem que foi inserido na pesquisa. Posteriormente, o contato com os socioeducandos foi somente no momento da realização das entrevistas, quando estas eram possíveis, já que em várias visitas a Unidade, a pesquisadora passava o dia aguardando para a realização das entrevistas sem sucesso. Já no Santa Clara, a pesquisadora tinha mais abertura para participar da rotina da unidade, não somente com os participantes, o que enriqueceu consideravelmente o conhecimento obtido no campo. Durante o campo no CSESC, a pesquisadora além de acompanhar as oficinas, também participou de passeios externos, festividades e foi convidada a trabalhar de forma voluntária em uma oficina de incentivo aos estudos, o que possibilitou o acesso da mesma não somente aos jovens que fazem parte da pesquisa, mas aos demais internos. Esse contato com o público mais amplo da Unidade, teve como resultado a solicitação espontânea de um adolescente para participar no estudo. Este adolescente realizava oficina de incentivo aos estudos, ministrada pela pesquisadora, e cumpria medida socioeducativa por tráfico de drogas, e por isso não estava no universo da pesquisa. Entretanto, durante a realização das oficinas e a partir do contato com a pesquisadora, revelou que já havia cometido homicídio e que gostaria de participar, dessa forma se iniciou o processo de entrevista com o mesmo. Todos os participantes, foram convidados a uma conversa inicial em local particular, onde foi apresentada a pesquisa, os objetivos e o compromisso da pesquisadora com sigilo do conteúdo das conversas. Nesse momento foi lido em conjunto com o participante o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido — TALE, contendo dados de contato com a Universidade para possíveis averiguações, assinado em duas

vias, sendo uma delas anexada à documentação do socioeducando para acesso dele e da família. Para garantir o sigilo dos entrevistados, utilizaremos nomes fictícios.

Todas as entrevistas foram realizadas com a presença de um Agente de Segurança Socioeducativo ao lado externo da sala, que acompanhava visualmente durante a maior parte do tempo de duração dos encontros, assim como nos atendimentos técnicos realizados nas instituições. Nos primeiros acionamentos, os profissionais de segurança ficavam confusos ao receberem a solicitação para acompanharem uma “entrevista”. Por isso observou-se a necessidade de nomear o momento como “atendimento” visto que para eles, se assemelhava ao procedimento que costumeiramente realizavam durante os atendimentos da equipe técnica. Como existiu muita rotatividade entre os profissionais da segurança acompanhavam as entrevistas, algumas poucas vezes a pesquisadora foi indagada sobre o que estava fazendo na Unidade, mas via de regra, o tratamento era semelhante aos profissionais da equipe técnica. No Santa Clara, depois de algum tempo, a pesquisadora circulava dentro da área de segurança sem ser acompanhada, assim como as técnicas.

Ao fim do campo, foram realizadas entrevistas com oito adolescentes e jovens que estavam em cumprimento de medida socioeducativa de internação nos centros Santa Clara e Horto. Desses oito, dois não serão considerados nas análises dos dados por terem sua participação interrompida após a primeira entrevista. Essa escolha se deu por ainda restarem muitas lacunas nas narrativas, prejudicando assim um entendimento mais amplo das suas vivências. Ao todo foram realizadas 24 entrevistas com duração total de 19 horas 15 minutos e 32 segundos. Essas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas (com exceção das duas entrevistas realizadas com os jovens cuja participação foi interrompida), gerando um total 456 páginas de texto. Cada participante teve em média 3,67 encontros particulares com a pesquisadora, além dos momentos de interação durante a rotina no Centro Socioeducativo.

Considerando que o conteúdo cujo acesso era desejado durante as entrevistas foram as diferentes memórias dos indivíduos desde a sua infância até o momento atual, a metodologia da história de vida se mostrou a mais adequada. A metodologia da história de vida possibilita a compreensão da articulação entre a história individual e a história coletiva através da ótica do narrador. Além disso, permite captar a reconstrução da lógica interna dos processos. A esse respeito Maruna (1999, p. 7) aponta que:

Histórias de vida representam perspectivas sociais e teorias sobre a realidade, não necessariamente uma realidade objetiva. Por exemplo, se uma pessoa [...] sente que sua dignidade foi desafiada por algum insulto, ele poderá cometer determinados atos de violência que seriam considerados sem sentido pelas pessoas. No entanto, esses atos podem ser perfeitamente

“racionais” em termos da autocompreensão daquela pessoa. Afinal de contas, de acordo com a teoria da narrativa, como o interacionismo simbólico, elas são reais em suas consequências (tradução nossa).

A apreensão das histórias de vida seguiu o método da narrativa. Isso porque “[...] as narrativas permitem ao pesquisador abordar o mundo experimental do entrevistado, de modo mais abrangente, com a própria estruturação desse mundo” (FLICK, 2007, p 109). Dessa forma, buscou-se no momento da coleta de dados, obter um relato sobre os eventos ocorridos no curso de vida dos sujeitos da pesquisa que considerasse também a forma como estes eventos são apresentados. Isso porque no momento da interação com o pesquisador, o sujeito “[...] seleciona os eventos relevantes a narrativa, a partir das inúmeras experiências, apresentando-os como uma progressão coerente de eventos” (HERMANNNS, 1995 p. 183 apud FLICK, 2007). Dessa forma os eventos selecionados nas narrativas, correspondem aqueles que o sujeito julga importante para dar sentido a história que deseja contar.

Todas as entrevistas iniciaram com a mesma questão gerativa narrativa (FLICK, 2007) “Gostaria que você me contasse, desde o começo, a sua história de vida”. A questão gerativa narrativa teve como finalidade que o sujeito tivesse uma ideia do interesse da pesquisadora, um panorama mais amplo das experiências vividas ao longo do seu curso de vida. Entretanto, em sua maioria, os sujeitos iniciaram a fala narrando os eventos que antecederam o homicídio cometido. Isso porque ao tomarem conhecimento do título da pesquisa e dos objetivos daquela interação, informados momentos antes através do TALE, os sujeitos entenderam que o que era desejado pela pesquisadora eram os fatos que os levaram a cometer homicídio. Os entrevistados narraram livremente até o momento de pausa. Nesse momento, a pesquisadora necessitou direcionar a fala para obter uma narrativa mais abrangente. Os entrevistados foram provocados a narrar os fatos a partir da cronologia, com a orientação “[...] me conte sua vida desde a infância”. As perguntas gerativas narrativas foram utilizadas ao longo de todas as entrevistas a fim de explorar “[...] fragmentos de narrativas que ainda não tenham sido executadas ou trechos que não tenham ficado claros” (FLICK, 2007, p. 111). Dessa forma, grande parte das narrativas narrou o curso dos eventos ocorridos e os processos relativos ao desenvolvimento do curso de vida dos sujeitos.

Importante salientar que em uma narrativa, os eventos ocorreram no passado, e por este motivo se amparam na memória e na interpretação dos mesmos pelo narrador. Ou seja, “Na narrativa retrospectiva de experiências, são relatados, por princípio, eventos da história de vida (sejam estes ações ou fenômenos naturais), na forma como foram vivenciados pelo narrador enquanto ator” (SCHÜTZE, 1976, p. 197 apud FLICK, 2007, p. 112). Portanto, os

eventos e fatos narrados, independente da comprovação sobre sua veracidade, correspondem à forma como o sujeito enxerga suas experiências pregressas. Além disso, a situação em que as narrativas foram contadas, em um ambiente de privação de liberdade, com um Agente de Segurança Socioeducativo observando e no mesmo local em que recebe atendimentos técnicos relativos ao ato infracional pelo qual foram condenados, podem influenciar o que é apresentado nas narrativas. Como não foi possível alterar o cenário, foram realizadas várias entrevistas com o mesmo sujeito, com intervalos de tempo entre si de no mínimo 15 dias, afim de colher uma variação maior dos eventos presentes nas narrativas, assim como as subjetividades atreladas. Na busca por compreender quais os fatores mais significativos para os sujeitos, durante as narrativas, todos os eventos ou fatores mencionados pelo sujeito foram considerados relevantes, selecionando quais os fatores seriam explorados somente no momento da análise.

A partir da transcrição das entrevistas, foi realizada análise temática a fim de construir um referencial de codificação. Inicialmente foi realizada a divisão do texto em categorias que correspondessem a microuniversos do curso de vida, foram chamadas de dimensões. As dimensões, portanto, correspondem às grandes áreas que surgiram nas narrativas, que possuíam uma conexão de sentido, sendo identificadas as seguintes: família, escola, crime, homicídios, relacionamentos amorosos e socioeducativo. Em seguida, o texto foi novamente categorizado, subdividido em tópicos internos as dimensões. O terceiro passo compreendeu o agrupamento e a comparação entre os relatos individuais. Posteriormente, foram selecionadas as dimensões que possuíam mais conteúdo e mais relevantes para responder ao objetivo da pesquisa. Os tópicos de cada dimensão também passaram por seleção com base nos mesmos critérios. Dessa forma, “[...] o produto final constitui uma interpretação das entrevistas, juntando estruturas de relevância dos informantes com as do entrevistador” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2007, p. 107).

A partir da organização e classificação do texto, prosseguiu-se com a análise de conteúdo, levando em consideração dois tipos de conteúdo presentes no texto, os indexados e os não indexados. O conteúdo indexado diz respeito aos fatos objetivos, aos eventos, que possuem uma cronologia, já o conteúdo não indexado corresponde à lógica que justifica a ação, a valores e saberes de uma forma geral. Nesse caso, foi de interesse da pesquisa como ambos os conteúdos se relacionam.

Narrativas são uma sucessão de eventos ou episódios que abrangem atores, ações, contextos e espaços temporais. A narração de eventos e episódios apresenta uma ordem cronológica e permite uma interpretação de como o

tempo é usado pelos contadores de história. Os aspectos não cronológicos de uma narrativa correspondem a explicação e razões encontradas por detrás dos acontecimentos, aos critérios implícitos nas seleções feitas durante a narrativa, aos valores e juízos ligados à narração e a todas as operações do enredo. Compreender uma história é captar não apenas como o desenrolar dos acontecimentos é descrito, mas também a rede de relações e sentidos que dá à narrativa sua estrutura como um todo (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2007, p. 108).

Sobre a relação entre as narrativas e a realidade, apesar de ser um debate complexo, acredita-se ser de suma importância levar em consideração todo o conteúdo narrado pelos sujeitos,

[...] independente da sua referência ao que acontece na realidade. De fato, as próprias narrativas, mesmo quando produzem distorção, são parte de um mundo de fatos; elas são factuais como narrativas e assim devem ser consideradas (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2007, p. 10).

Pode-se dizer que o conteúdo narrado é real para quem o narra, independente se corresponde a realidade objetiva do mundo. Ou seja, as narrativas são uma interpretação particular do mundo que rodeia o narrador e por isso não dependem de comprovação nem devem ser classificadas como verdadeiras ou falsas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2007). Por fim cabe ressaltar que, como a análise foi realizada a partir das dimensões, consolidando as falas dos seis sujeitos de pesquisa, foi necessário primeiramente descrever um panorama geral dos cursos de vida de cada um dos seis jovens, a fim de conferir uma ideia da individualidade de cada um.

Parte II

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4 OS ENTREVISTADOS E SUAS TRAJETÓRIAS

A partir deste capítulo, serão apresentadas as falas dos jovens que participaram da pesquisa, assim como será realizada a discussão dessas falas a partir de dimensões analíticas para a compreensão do curso de vida dos sujeitos. Entretanto, antes de se iniciar tal discussão mais densa, é necessário apresentar de forma sucinta quem são os 6 sujeitos de pesquisa que trataremos nesta tese. Por isso, este capítulo se dedica a descrever um panorama geral sobre o curso de vida destes adolescentes e jovens.

4.1 José

José tem 17 anos de idade. Morou a vida toda em uma cidade do interior de Minas Gerais. Morava com sua mãe, seu irmão mais velho, sua irmãzinha e seu padrasto, com quem tinha uma boa relação. Seu pai mora na mesma cidade e se casou novamente tendo outro filho. A relação de José com sua madrasta não é boa, mas mesmo assim ele frequenta a casa do pai eventualmente. “Eu não gosto dela não e nem ela gosta de mim. Ela acha que é dona de tudo” (José)

O vínculo maior é com os avós e as tias que moram no mesmo terreno que o pai. José gosta muito de cuidar das galinhas e patos que a família paterna possui. José é um jovem muito calmo e educado, fala baixo e tem uma relação com as tarefas ligadas à natureza muito característica da vida no interior. Mesmo durante a internação no socioeducativo sempre se voluntariava para ajudar a cuidar dos animais que habitavam a unidade e fazer serviços de manutenção do espaço como a capina e aparar a grama. Segundo José, esses afazeres lhe trazem conforto tanto por ajudar a passar o tempo quanto por lembrar sua vida no interior.

Apesar de sua vida pacata, e aparentar ser muito obediente, José largou a escola no 6º ano e em seu discurso diz que não gosta de estudar. José não se adaptou à educação formal, alegando não gostar de escrever e por esse motivo sua mãe era chamada frequentemente na escola. A fala de José é confusa no que se refere à trajetória escolar, dizendo que nunca repetiu de ano, mas diz que parou de estudar a primeira vez no 5º ano, quando tinha 15 anos, posteriormente retomou os estudos com 16 anos, quando passou para o 6º ano e decidiu abandonar a escola de vez. As idades relatadas não correspondem às idades que se espera de um adolescente que curse o 5º e 6º anos sem nenhuma defasagem escolar.

Ao abandonar a escola, José ficou responsável pelos cuidados com a irmã mais nova e algumas tarefas domésticas. Aos 15 anos, José também começou a trabalhar em uma oficina de motocicletas, ofício que gosta muito e pretende seguir.

Nas horas vagas, ele gosta de andar de moto com os amigos nos pastos da cidade e também fumar maconha. Apesar de ser um usuário de maconha, José reforça em sua fala que seu único envolvimento com os jovens que vendem a droga é comercial e de cordialidade, ressaltando que eles não são seus amigos e que os amigos não vendem drogas. Mas em outros momentos, José demonstra ter algum contato com os traficantes para além da compra da maconha, mesmo que esse contato não signifique laços fortes. Ao fim de 2017 seu padrasto morreu de um infarto fulminante, o que deixou toda a família bastante abalada, principalmente a mãe de José. Ele relata que sua mãe ficou em depressão o que o preocupou muito. Nesse momento a família se uniu e buscou conforto na igreja.

Entretanto, em uma festa que aconteceu na cidade, havia a presença de moradores do bairro de José e do bairro vizinho que historicamente eram rivais. Essa rixa entre os bairros é bastante antiga e José não soube dizer porque começou, só disse que ela existe há muitos anos e que foi passada de geração em geração e que várias pessoas já morreram em decorrência de conflitos entre os bairros. Os jovens moradores do bairro de José se identificam com a facção Amigos dos Amigos (ADA)⁴, enquanto os jovens do bairro vizinho se dizem ser Comando Vermelho. Essa identificação vai para além do comércio de drogas, é parte da identidade desses jovens, que marcam algumas iniciais das facções em pichações, mas também em postagens nas redes sociais. Até mesmo sinais feitos com as mãos na hora de tirar fotos servem para identificar a qual grupo os jovens pertencem.

Nessa festa, um dos jovens do bairro vizinho foi baleado por um dos jovens do bairro de José, e os outros foram revidar, dando tiros no irmão de José e em um amigo. José diz que seu irmão não estava envolvido com os tiros que acertaram o jovem do bairro vizinho, mas que por morar no mesmo bairro do garoto baleado, virou alvo. Apesar disso, o irmão de José conseguiu sair da situação apenas com alguns machucados, mesmo assim teve que passar o Natal e o Ano Novo internado no hospital se recuperando.

Este evento mudou o rumo do curso de vida de José, pois após essa festa, José começou a receber ameaças do jovem do bairro vizinho que fora baleado. Esse jovem ameaçava José frequentemente, indo até a porta de seu trabalho e gritando ofensas como

⁴ Uma das maiores facções brasileiras, surgida na cidade do Rio de Janeiro em meados dos anos 1990. A organização criminosa, historicamente rival do Comando Vermelho e do Terceiro Comando Puro, passa por especulação sobre o encerramento de suas atividades.

‘vacilão’ e dizendo que iria matar José. Essas ameaças deixaram José bastante preocupado, tanto pelo risco de perder a vida como com a reação de sua mãe caso um dos filhos morressem, dado que ela ainda estava muito abalada com a morte do esposo.

Tanto esse jovem como toda a família eram envolvidos com o comércio de drogas no bairro vizinho, portanto, as ameaças eram levadas muito a sério por José. Foi então que José decidiu que iria matar o jovem que o ameaçava, comprou uma arma com a ajuda dos meninos da boca, e ficou esperando o sinal de que o jovem rival estava ‘boiando’. Quando recebeu o recado de onde o jovem estava, ele foi de moto e atirou no jovem.

Desde então José teve que deixar o emprego e foi trabalhar em uma fábrica de colchão que era ao lado de sua casa, já que não podia mais ficar circulando pela cidade, pois temia represália dos familiares de sua vítima. José conta que após matar o jovem, ele ficou com a cabeça bastante agitada, teve pesadelos vendo o rosto da vítima durante meses. Ele ainda ficou em liberdade por 9 meses, até ser apreendido pela polícia. Durante o período que acompanhei José na internação, ele se destacava dos demais adolescentes internados pelo seu modo de falar e se comportar, sempre muito obediente, tímido e com a fala muito baixa. Brincava com o jovem dizendo que ele era o típico ‘bom moço’ que as avós adorariam a companhia. Mas com o passar do tempo, pude perceber que a amizade dele com Ricardo o deixava mais desinibido em momentos de atividades coletivas. Não sei se por causa da fama de Ricardo dentro da unidade, que lhe garantia alguma segurança e status, mas ao lado de Ricardo, José brincava mais e mostrava um outro lado. Ao fim do campo, José estava indo sozinho para a rua todos os dias para fazer um curso de informática fora da unidade. Também já havia um movimento da equipe técnica para o desligamento de José.

4.2 Carlos

Carlos é um jovem de 19 anos, morador de uma região de Belo Horizonte mais afastada do centro da cidade. Até seus 12 anos morou com sua mãe, seu irmão mais velho e durante um período, dois tios. Ele gostava de jogar bola, jogar vídeo game, soltar pipa e andar de bicicleta. Quando Carlos tinha cerca de 12 anos foi expulso da escola em que estudava devido ao seu comportamento. “Eu estava pichando a escola. Aí eles foi e expulsou nós. Tinha câmera, os cara estavam passando spray na câmera aquelas câmeras de ferro⁵ tava passando spray. Aí eles foi e pegou nós” (Carlos)

⁵ A expressão “câmeras de ferro” utilizada por Carlos se refere às câmeras de segurança.

Meses depois, sua mãe o matriculou em outra escola, mas ele estudou lá por pouco tempo, quando abandonou novamente os estudos, logo após a morte de seu irmão mais velho. A morte desse irmão aparece na maior parte da fala de Carlos, sendo claramente um *ponto de virada* em sua trajetória. Segundo o jovem, seu irmão é quem cumpria o papel de cuidados e de vigilância sobre ele, demonstrado em várias passagens dos relatos como a pessoa que o aconselhava, que estabelecia regras, que punia quando tinha uma atitude desviante e também era a pessoa que o entendia. O irmão mais velho desempenhava de certa maneira um papel paternal na vida de Carlos, já que o pai biológico nunca o reconheceu como filho. As circunstâncias da morte do irmão também foram motivadoras para o envolvimento criminal do jovem. Seu irmão foi morto pela polícia, confundido com um criminoso, enquanto voltava da escola. A família recebeu uma indenização por esta morte, o que não foi suficiente para minimizar o sentimento de injustiça e revolta causada em Carlos. Uma evidência do quanto a morte do irmão é um marco na vida de Carlos, é o fato de que o ano de 2012 (ano em que o irmão morreu) aparece em diversas passagens como um *ponto de virada* para início da trajetória infracional.

Depois os polícia matou meu irmão voltando da escola eu fui e comecei a envolver. Meu irmão morreu em 2012, aí finalzinho de 2012 eu já comecei a envolver, aí eu fui, eu comecei a vender droga, fumar maconha (Carlos)

Pode-se dizer pela narrativa de Carlos, que sua vida é dividida em 3 partes, a primeira até 2012, ou seja, seus 12 anos, quando os relatos são em sua maioria sobre atividades comuns ao papel de filho, ou pessoa que recebe cuidados. A segunda parte é o período compreendido entre seus 13 e 18 anos, representada por relatos densos de uma trajetória infracional complexa e muito intensa. Já a terceira parte é a partir dos 18 anos até o momento das entrevistas, que é representada por uma tentativa de encerramento da trajetória infracional, que também coincide e é motivada pelo início da vida adulta e o nascimento de sua filha.

Após a morte do irmão, Carlos inicia sua trajetória infracional, segundo ele, pedindo ao chefe do tráfico do seu bairro para vender drogas. Carlos já conhecia o chefe do tráfico desde a infância pela convivência na vizinhança e tinha certa proximidade, pois seus tios se envolveram com a venda de drogas durante o período que moravam na casa de Carlos. A partir do início da venda de drogas Carlos se envolveu em diversos conflitos, decorrentes da atividade, chegando a cometer 3 homicídios e diversas tentativas de homicídio. Após o segundo homicídio, ele se refugiou na casa da avó materna em uma cidade do norte de Minas,

onde a princípio parou de vender drogas, mas em pouco tempo voltou à atividade juntamente com um primo que morava no local.

Meses depois foi preso por tráfico de drogas, ficando internado em uma unidade socioeducativa. Aos 16 anos ele volta para Belo Horizonte e imediatamente retorna com o tráfico junto ao grupo antigo. Com 17 anos volta para o Norte de Minas, mas desta vez resolve expandir o comércio de drogas junto ao primo. Esse primo tinha contatos para a compra da droga em grande escala em outra cidade da região. Esse contato teria inclusive ligação com o PCC segundo Carlos. Esse comércio de drogas que o jovem realizou no interior se difere da “relação de trabalho” que ele possuía na capital, pois dessa vez ele era o patrão e com isso tentou expandir seu empreendimento, suprimindo o comércio que já existia na cidade.

Esse movimento de expansão das vendas de drogas no interior certamente não foi bem aceito pelas pessoas que faziam o comércio anteriormente, ocasionando disputas pelo mercado e um homicídio cometido por Carlos. Ainda com 17 anos foi apreendido novamente, dessa vez por porte de arma e foi transferido para BH por ter um mandado de prisão em aberto por conta de um dos homicídios cometidos. Em dezembro de 2017, evadiu do socioeducativo e voltou a morar com a mãe. Ao fazer 18 anos, Carlos começou a fazer movimentos de encerramento dessa trajetória infracional, porém ainda assim, esse movimento é pendular.

Carlos parou de vender drogas, mas como estava foragido tinha uma série de restrições de circulação e não poderia conseguir um emprego. Sua namorada ficou grávida e ele voltou a vender drogas por um período pequeno somente para fazer o chá de bebê, segundo ele. Durante o tempo em que esteve foragido, o jovem pensou em se entregar para finalizar o cumprimento da medida socioeducativa. Entretanto, antes que pudesse regularizar sua situação com a justiça, um amigo, que não era envolvido com o tráfico, foi assassinado. Carlos foi “cobrar” a morte desse amigo e caiu em uma emboscada armada pelo grupo rival na qual levou um tiro e teve que ser hospitalizado. Como ele estava foragido, foi apreendido no hospital e após a alta médica foi levado diretamente ao centro socioeducativo em que o encontrei.

Ao fim de 2018 seu filho nasceu enquanto Carlos cumpria a medida. Seu discurso após o nascimento do filho é de encerramento da trajetória infracional para dar início a vida adulta que teria outras responsabilidades. Apesar de perder o nascimento do filho, ele inclusive acha positivo estar internado nesse momento, para poder ter um novo recomeço ao sair do socioeducativo.

4.3 Marcus

Marcus é um jovem de 17 anos, mora na Região Metropolitana de Belo Horizonte junto com sua mãe e dois irmãos. Marcus teve uma infância e juventude extremamente pobre. Seu pai faleceu quando era um bebê e a mãe não pode trabalhar, pois tem epilepsia. A família se sustentava através de benefícios governamentais de transferência de renda e doações de uma tia materna e duas tias paternas. Uma das tias maternas faleceu, deixando dois filhos que foram para um abrigo. A mãe de Marcus então pegou a guarda dos sobrinhos que eram mais velhos. Foi sob a influência de Junior, um desses primos, que Marcus começou a usar drogas e se envolveu no mundo do crime. Marcus tinha 8 anos quando seus primos foram morar com ele. Logo de início, Marcus começou a matar aulas para usar maconha com o primo. Quando estava na escola causava muita confusão, tendo sido suspenso várias vezes. Chegou a repetir o ano e outras vezes passou ‘empurrado’ segundo ele, porque os professores não o aguentavam mais e o passavam de ano para ficarem livres da obrigação de ensiná-lo. Pouco tempo depois estava usando entorpecentes mais pesados. “Eu fumei maconha com 10, cocaína foi com 11 é tipo escadinha” (Marcus)

Também trabalhava de olheiro para Junior que vendia drogas na região. Quando tinha 11 anos, Junior foi assassinado, o que motivou a ascensão de Marcus na hierarquia do tráfico. Aos 14, Marcus virou gerente da ‘biqueira’ após matar o seu predecessor no cargo. Marcus diz que matou o gerente antigo tanto por ter descoberto desonestidades dele para com o dono da ‘biqueira’, mas também por ele ter tentado matar seu irmão. Esse homicídio foi cometido na porta de uma igreja enquanto a vítima saía do culto, foi então que Marcus recebeu a alcunha de ‘menor capeta’, da qual ele parece se orgulhar. A morte do ‘gerente’ foi a primeira que Marcus relata. Logo após, ele mata mais um homem que, segundo Marcus, o estava “xisnovando” para a polícia. Em seguida mata os três irmãos do “X9”, pois estes juraram vingança pela morte do irmão. Segundo Marcus esses homicídios foram somente o início de sua trajetória infracional.

— [...] depois foi um menino lá que eu matei na facada. Aí depois foi um outro cara que roubou na quebrada e eu dei um tiro de 12 na cara dele. E o outro foi um estruprador, nós rasgou ele na faca. Agora os outros eu não lembro não.

— Tem mais ainda que você não lembra?

— Tem. No máximo, deve ter uns catorze, por aí (Marcus)

Marcus foi o único participante que nunca foi internado por homicídio, a época do campo, estava cumprindo medida por tráfico de drogas, apesar de ser o adolescente que mais relata ter praticado homicídios. Ele se ofereceu para participar da pesquisa de forma autônoma após o contato com a pesquisadora em diversas atividades coletivas da unidade socioeducativa.

4.4 Hélio

Hélio é um jovem que a princípio chama atenção por sua confiança em sua aparência física. Ao longo das entrevistas por diversas vezes repetia que era um rapaz bem-apessoado. Hélio possui 18 anos, é pai de uma criança de 1 ano e morou em diversos contextos familiares diferentes durante seu curso de vida. Quando criança morava com seu pai e sua irmã no interior de Minas. Seu pai tinha um haras e sua mãe o visitava sempre. Porém, por volta de 7 ou 8 anos foi morar com a mãe e o padrasto em um condomínio próximo a uma das favelas mais conhecidas de Belo Horizonte, quando ganhou um irmão.

O pai mudou-se também para a capital mineira, onde conheceu uma mulher e se casou com ela. Nessa época Hélio diz que começaram os conflitos entre ele e seu pai. O padrasto de Hélio era traficante e ele conviveu com o movimento e a presença de armas dentro de casa. Por um período, a família se mudou para uma casa na região norte de Belo Horizonte onde também funcionava a boca de fumo de seu padrasto. Como os vínculos com o pai começaram a se enfraquecer, Hélio adotou o padrasto como figura paterna, considerando seus irmãos como tios inclusive.

No seu aniversário de 14 anos, a polícia deu uma batida na casa, durante a comemoração, pedindo armas. O padrasto de Hélio negociou com a polícia para não interromper a festa em troca de Hélio ir buscar uma arma no esconderijo e entregar aos policiais. Pouco tempo depois, o padrasto de Hélio foi assassinado. Durante o velório, seu tio, irmão do padrasto, que era pastor, fez um discurso sobre o destino dos que envolvem em trajetórias criminais. Hélio entendeu que a fala se direcionava para ele.

Após a morte do padrasto, mudou-se para a casa da avó no mesmo condomínio que morava com sua mãe. Foi nessa época que Hélio começou a fumar maconha e rompeu de vez os laços com o pai, o que o incentivou a entrar para o tráfico e conseqüentemente cometer seu primeiro homicídio.

[...] o que acontece, eu era tipo de boa, não vendia droga e nem convivia nada não. Eu morava no apartamento da minha avó aí eu já comecei a fumar

maconha, aí eu fiquei mais revoltado com ele no dia do meu aniversário. No dia do meu aniversário ele nem veio me ver, aí nisso aí minha mente já mudou de cabuloso e eu fiquei todo revoltado. Aí eu já comecei a vender droga, aí eu fiz o meu primeiro homicídio (Hélio)

O jovem começou sua trajetória infracional aos 14 anos, e quando tinha 16 cometeu o primeiro homicídio de 4 até o momento. Atualmente, está internado porque se entregou, segundo ele, por causa da filha, para mudar de vida. Entretanto, ao longo das conversas, ele conta também de uma desavença que teve com os companheiros do movimento, logo antes de se entregar e daí teria saído a necessidade de dar um tempo do território. Esse conflito teria sido motivado por uma agressão física que Hélio cometeu contra sua ex namorada durante uma festa no aglomerado em que atuava. Também fala que reatou o contato com pai que o aconselhou a se entregar sob a promessa de ajudá-lo quando saísse da internação.

4.5 Beto

Beto é um jovem de 17 anos que mora no interior de Minas com a mãe, dois irmãos, uma sobrinha e o padrasto. Beto logo de início faz questão de se diferenciar dos demais jovens internados dizendo que é de boa, que não tem envolvimento com drogas.

[...] eu tenho 17 anos, nasci no dia 25 de maio de 2002. Eu faço aniversário mês que vem, 18 anos. Mas eu sou tranquilo, eu sou de boa...não sou envolvido com droga, não sou usuário, não roubo, essas coisas (Beto)

Beto joga futebol no time da cidade e já participou de alguns campeonatos 'zona B' inclusive fora do estado. O futebol para o jovem é muito importante, fazendo parte do lazer, mas também de certa forma do mundo profissional, ainda que ele não consiga se sustentar através do esporte. Beto ocupa seu tempo fora do trabalho com treinos e jogos de futebol [cerca de 4 vezes por semana] e também frequenta festas com os amigos que em sua maioria são do time. Beto não tem costume de beber nem fumar nem usar drogas. Apesar da pouca convivência com o pai, Beto convive desde muito novo com o padrasto, com quem a mãe tem outros 2 filhos, e possui uma relação próxima tanto com ele quanto com sua família. Beto chegou a ficar sob os cuidados da mãe do padrasto, enquanto sua mãe trabalhava, a quem ele chama de avó.

Beto largou a escola aos 16 anos e começou a trabalhar em uma loja de roupas, mas ele estava planejando terminar o ensino médio fazendo Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ele também faz ‘bico’ de servente de pedreiro, profissão aprendida com o padrasto e no lava-jato do cunhado.

O padrasto de Beto também foi migrante, tendo morado nos Estados Unidos por 5 anos desde 2008. Após esse período, ele retornou para a cidade, quando foi morar com a mãe de Beto. Mais recentemente, toda a família estava com planos de migrar para os Estados Unidos. O padrasto e o irmão de Beto (9 anos) foram os primeiros a viajarem para o exterior com o intuito de conseguirem acomodações para receber o restante da família que se mudaria em março do ano seguinte.

Esses planos foram interrompidos com a internação de Beto. Internação essa causada pelo envolvimento de Beto no homicídio de um jovem. Beto seguia uma vida muito próxima dos padrões esperados para um jovem de 17 anos em sua cidade, apesar do abandono escolar que ainda é comum em alguns estratos sociais. Certo dia, Beto estava trabalhando como de costume quando um de seus melhores amigos do futebol, juntamente com um primo, pediu a ajuda de Beto para dar um susto no amante da namorada desse primo.

Beto aceitou participar do “susto”, sendo que sua única função no plano era ficar em uma rua e avisar quando o amante passasse. Porém, no decorrer da execução do plano, Beto percebeu que as pessoas estavam agindo de maneira diferente do que fora acordado. Mesmo assim Beto decidiu continuar e levou a moto do amante para um local ermo onde os demais envolvidos estavam levando o rapaz. Foi nesse local que o grupo algemou, esfaqueou e degolou o amante e em seguida colocaram fogo no corpo. Beto disse que não deferiu nenhum golpe contra a vítima, mas ficou assistindo toda a cena sem pedir que os amigos parassem.

O caso de Beto se difere dos demais por não se tratar de um homicídio que o seu autor reconhece como responsável pelo ato. Entretanto, Beto reconhece uma parcela de culpa por não ter tentado impedir o homicídio e pensa ser justa sua pena.

4.6 Ricardo

Ricardo tem 17 anos, mora no interior de Minas Gerais com sua mãe, um irmão adotivo de 7 anos e o padrasto. O pai de Ricardo mora em Belo Horizonte desde que ele era bem pequeno e atualmente está em situação de rua. Ricardo ainda tem contato com a família paterna que possui uma condição financeira muito boa, mas convive pouco com o avô, pois, segundo ele, a esposa do avô acha que ele só se aproxima para usufruir do dinheiro. Entretanto, Ricardo tem um vínculo melhor com um dos tios paternos, que também reside na capital, e dá algum suporte para o jovem. Ricardo não menciona muito o padrasto em suas

narrativas, mas quando perguntado, diz ter uma boa relação. Sobre seus hobbies e costumes, Ricardo por diversas vezes diz que não gosta de nada, somente de ficar à toa, demonstrando certa apatia por atividades comuns do dia a dia.

- E quem é o Ricardo?
- Ah um vagabundo.
- Você acha que você é um vagabundo?
- Ah eu sou não gosto de fazer nada, não gosto de estudar, não gosto de trabalhar, vagabundo (Ricardo)

Durante a infância, Ricardo revezava entre a casa da mãe e da avó materna, algumas vezes fazendo cálculos estratégicos de onde era mais vantajoso estar e manipulando os adultos ao redor. Por exemplo, preferia morar com a avó, pois ela deixava Ricardo mais tempo na rua, mas para assuntos escolares recorria a mãe, pois o castigo era menos severo.

Os problemas escolares também aparecem bastante na fala de Ricardo que relata que desde a infância não se adaptou ao ensino formal. Ricardo diz que não gostava de frequentar a escola por ter que receber ordens dos professores e funcionários e se envolvia em diversas brigas e todo tipo de desordem física nas dependências escolares a fim de ser expulso. Ricardo diz que nunca teve amizades na escola, tem uma aversão a copiar os conteúdos e repetiu o ano diversas vezes até que no 4º ano, quando tinha 13 anos, parou de estudar de vez. Durante o período escolar, Ricardo tentou agredir um funcionário da escola e foi encaminhado para o conselho tutelar.

A fala é confusa, mas Ricardo acredita que responde judicialmente por este ato até os dias atuais e teve de cumprir uma espécie de serviço comunitário dentro da própria escola, limpando as dependências, o que acabou por prejudicar ainda mais seu vínculo com o ambiente escolar. Ricardo começou a fumar maconha com cerca de 9 anos e, a partir disso, frequentava cada vez mais a boca próxima a sua casa, até que com 13 anos começou a vender drogas. Ricardo também praticava roubos como atividade principal.

O jovem demonstra uma grande satisfação com tudo que envolva adrenalina e diz que preferia roubar pela ‘emoção’. Outro ponto que chama a atenção na história de Ricardo é seu prazer em ver o sofrimento de terceiros, daí a paixão por armas e a satisfação em atirar nas pessoas.

- Dar tiro é pela ordem.
- Você sentiu a mesma coisa quando atirou no nada? Porque você falou que quando atirou a primeira vez que é gostoso atirar.
- É sem graça é bom você ter alguém pra pular a fogueira [...] aí você fica até mais inspirado. É pela ordem (Ricardo).

Ao todo Ricardo diz ter cometido 4 homicídios e tem o apelido de matador. Ficou 2 anos em uma internação e assim que saiu cometeu outros homicídios. Apesar de aparentemente intimidador, imagem reforçada pelo apelido, os homicídios para ele são consequências de uma trajetória do crime. Mais do que uma trajetória infracional, esse caminho faz parte da identidade.

Ricardo se vê como uma pessoa errante que não tem solução, que desde criança não gostava de seguir regras e isso lhe dava raiva. A agressividade do Ricardo não é um gozo com o homicídio em si, mas com a satisfação de estar quebrando as regras, de ser algo muito acima do esperado, debochando de situações que não se espera que sejam alvo de deboche e quando ele rompe com os limites é quando sente mais prazer. Por exemplo, ele começa a debochar dos colegas de internação por uma questão banal, e a situação passa de uma brincadeira para um início de um conflito. É nesse momento que Ricardo começa a sentir mais prazer, enquanto os demais envolvidos começam a levar a sério, ele continua a debochar mais, agora na intenção de se destacar pelo sarcasmo e quebrar as regras da interação, até que se desdobre em briga. A briga não é o objetivo primeiro, a satisfação está em ter um comportamento que rompa com o que todos esperam, mesmo os pares, a briga é só uma consequência do seu objetivo. Assim como o homicídio é a consequência do objetivo do Ricardo, cujo prazer está em atirar, e zombar do sofrimento do outro.

Nome fictício	Idade (na data das entrevistas)	Município de residência	Escolaridade	Possui filhos?	Idade em que praticou o primeiro homicídio
José	17 anos	Interior	E. Fundamental II	Não	16 anos
Carlos	19 anos	Capital	E. Fundamental II	Sim	16 anos
Marcus	17 anos	Interior	E. Fundamental I	Não	14 anos
Hélio	18 anos	Capital	E. Fundamental II	Sim	16 anos
Beto	17 anos	Interior	Ensino Médio	Não	17 anos
Ricardo	17 anos	Interior	E. Fundamental I	Não	14 anos

Tabela 1 - Resumo das Características dos Entrevistados

FONTE: elaboração própria

5 AS DIMENSÕES DO CURSO DE VIDA

A série de entrevistas realizadas com os jovens internos renderam muitas horas de gravações onde foram falados os mais diversos assuntos. Entretanto, dado o interesse desta pesquisa, focaremos em quatro dimensões analíticas as quais consideramos mais pertinentes para desenhar o curso de vida destes jovens até o momento em que foram entrevistados. Essas dimensões foram escolhidas tanto por serem amplamente discutidas pela literatura da sociologia criminal como por terem sido pautas frequentes dos diálogos com os jovens, sendo consideradas importantes no discurso para compreender as trajetórias traçadas por eles. A primeira dimensão analisada será a família, por se tratar da primeira instância de socialização, compor grande parte da construção de crenças individuais e também de relações sociais importantes que contribuem para a justificativa dos comportamentos descritos. Em seguida falaremos da dimensão criminal, que constitui a maior parte dos relatos para a maioria dos jovens estudados, o que demonstra ser um aspecto predominante da vida dessas pessoas no momento imediatamente anterior a internação. Por fim, trataremos a dimensão do homicídio de forma separada da trajetória infracional por dois motivos. Primeiro para respeitar certa isenção lógica já que se entende que o ato do homicídio nem sempre está necessariamente atrelado a uma trajetória infracional. Segundo, por se tratar do principal ponto de questionamento desse trabalho.

Espera-se com isso, ter uma organização lógica mínima que se assemelhe com o desenvolvimento do curso de vida dos jovens participantes deste trabalho. Assim, traremos a família como representante da principal dimensão dos primeiros anos de vida, em seguida a escola como os primeiros contatos sociais fora da família e a migração para o crime como contatos sociais autônomos e por fim o homicídio que é o motivo de estarem no SSE no momento das entrevistas. Ressalto que essa organização temporal nada tem a ver com essas dimensões estarem restritas a período de idade, pelo contrário, na vida ordinária elas se misturam e coexistem, já que não necessariamente uma dimensão tem que deixar de ser parte do curso de vida para que outra possa surgir. Essa organização é muito mais interessante para fins de entendimento do leitor sobre a construção dos caminhos na vida do jovem, já que “[...] ao que, este mundo é muito misturado” (ROSA, 1986). Além disso, ao longo das entrevistas com os seis jovens abordados, estas dimensões apareceram de forma mais expressiva em alguns cursos de vida do que em outros, como discutiremos mais detalhadamente em cada subseção.

As dimensões são compostas por subcategorias, que serão chamadas de temas. Os temas foram escolhidos levando em consideração tanto sua importância na fala dos jovens, quanto sua capacidade explicativa sobre a formação das trajetórias dos mesmos. As dimensões e os temas correspondentes estão apresentados na Tabela 2 abaixo.

DIMENSÕES	TEMAS
Família	Valores e Costumes Controle Pai e Paternidade
Crime	Os pares Início da trajetória infracional A construção do bandido
Homicídio	Cronologia Motivação

Tabela 2 - Componentes da Análise

FONTE: elaboração própria

5.1 Família

A primeira Dimensão a ser abordada será a familiar. A família foi temática recorrente durante as entrevistas e sua importância para entender o curso de vida dos jovens analisados é indiscutível. Entretanto, nesta sessão iremos perceber que estas famílias se apresentam de forma muito diversa e envolvendo diferentes configurações. Apesar disso, em todas as histórias, a família é retratada como o ponto de referência do jovem, sobretudo a figura da mãe, sendo também o objeto das suas preocupações assim como o local para onde ele pretende retornar após o período da internação.

Endoia, eu quero sair também por conta dela. Minha mãe já tem problema demais. [...] É, eu quero sair mais por conta da minha mãe. Um dia ela falando comigo: que dia você vai me dar um neto? Eu falei: não é assim não (Marcus).

Conversando com a minha família eles falaram que iam me ajudar a mudar de vida. Aí eu fui lá e pus na minha cabeça que eu ia me entregar e mudar de vida, pagar isso aí (Hélio).

Apesar dos relatos sobre a família serem encontrados em diversos trechos das entrevistas dos jovens estudados, percebe-se que esta instituição está muito presente nos relatos da primeira infância e vai perdendo protagonismo à medida que o jovem se envolve nas atividades ilícitas.

Entretanto, a família volta a ocupar papel central nas narrativas, nos momentos em que o jovem fala sobre o futuro ou sobre um contexto de afastamentos das atividades criminosas.

A transição no discurso dos jovens chama a atenção por se tratarem a priori de dois "mundos" diferentes, cuja própria separação na fala, simboliza a intenção do narrador em distinguir a predominância de um sobre o outro em determinado período da vida, mesmo que ambos os "mundos" convivam no tempo.

A coexistência entre modos de sociabilidade ou “mundos” no tecido social é tratada por Feltran (2008) através da análise das “fronteiras” entre o “mundo do crime e outras dinâmicas sociais convencionais (trabalho, família, religião, etc.). Para tal, o autor afirma que as fronteiras, ao invés de demarcarem a divisão de dois domínios, ao contrário, são meios de regulação dos fluxos entre os dois “mundos”. As fronteiras, portanto, não são apenas limites demarcados, estáticos, mas também distingue a participação em um conjunto, antagonicamente a não participação em outro. Por isto, para se entender uma fronteira, necessariamente deve-se entender os demais grupos, pois inevitavelmente o movimento de um, impacta no outro. Portanto, apesar da fala ser marcada por esta separação, faz-se necessário analisar atentamente os movimentos ocorridos na família desde a infância para entender os movimentos ocorridos no "mundo do crime".

[...] ela sempre falou. Ela, minha mãe, minha irmã também, a mais nova. Ela sempre deu uma boa ideia pra eu não envolver. Mas eu era cego. Mas depois que eu vi o rosto do meu menino eu nem quero essa vida mais não (Carlos)

Dada a importância da trajetória familiar nos cursos de vida observados, uma série de temas a esse respeito poderia ser tratada aqui. Porém, optou-se por selecionar os temas: *Valores e Costumes, Controle, Pai e Paternidade*, por identificar pontos centrais nas narrativas que ajudam a entender o percurso realizado pelo jovem até o cometimento do homicídio.

5.1.1 Valores e costumes

A família como primeira instância de socialização, tem papel importante para a formação do conjunto de crenças de um indivíduo. É durante a infância que interiorizamos, através grupo familiar de maior convivência, a linguagem e as regras básicas da sociedade em que estamos inseridos como a linguagem e modelos de comportamento. Pois quando uma criança nasce, ela nasce em uma estrutura social objetiva e ao mesmo tempo subjetiva, que lhe é apresentada a partir de processos subjetivos de outros significativos, ou seja, os pais ou pessoas encarregadas da

socialização primária dessa criança. Os outros significativos "[...] escolhem aspectos do mundo de acordo com sua própria localização na estrutura social e também em virtude de suas idiossincrasias individuais, cujo fundamento se encontra na biografia de cada um" (BERGER, 1985, p. 176). Assim, as crianças absorvem não somente a percepção de sua localização em uma classe social, mas também uma visão do mundo filtrada pelas percepções dos seus outros significantes.

Portanto, a convivência na infância com as personalidades e costumes do grupo familiar de maior convivência desempenham um papel importante para a percepção da vida. Através da convivência com a família são aprendidos valores e costumes que moldam a forma como o indivíduo enxerga o mundo ao seu redor, mas também se enxerga nesse mundo. Esse aprendizado vai desde coisas mais gerais com a linguagem até coisas mais específicas como o papel social que aquele indivíduo ocupa no seio familiar, e posteriormente no mundo, a forma como se percebe enquanto parte da sociedade ou um *outsider* por exemplo.

Minha mãe é do interior, tipo aquelas mulher meio boba. Mas isso que é o certo né (Carlos).

Aí pegou que ele é cidadão da roça nunca foi preso, aí os policial falou que ia encarteirar ele [o tio] também porque já sabia negócio de homicídio (Carlos).

Minha mãe é mais de beber cerveja. [...] ela gosta de beber só mais em casa mesmo, ela liga o som lá e começa a beber. [...] a semana toda ela rala muito, chega e já dorme cansada coitada. Aí chega final de semana que ela toma a cervejinha dela e eu fico com ela lá tranquilo dentro de casa. Aí depois eu vou pra rua [...] e eu já fui trabalhar com ela umas vezes também já. Já trabalhei também [...] ajudando ela a ensacar, ajudei ela a fazer umas massas (Ricardo).

[...] conta também, começa falar da vida dos outros. Eu falo mãe deixa isso pra lá. Não porque a mulher fez isso, ela não pode fazer isso não. (Ricardo).

Minha mãe tem um dom na cozinha, ela fazia uns trem cabuloso. É camarão na abóbora, faz só trem chique, a gente comia lasanha, fricassê. No dia que eu saí da cadeia ela falou: o que você quer comer? Eu quero comer um camarão na abóbora, vai creme de leite, um tal de purê, o trem é gostoso. Eu vou comer uns 3 pratos. Só comida de cadeia, só comida ruim. Eu já comi foi uns 3 pratos na época (Hélio).

É na vivência cotidiana que a criança vai se percebendo e percebendo o mundo social que a contém. Mais tarde, na adolescência, se intensifica a socialização secundária, onde ela começa a criar laços sociais para além do grupo familiar de origem, repensando sua identidade perante uma sociedade que se apresenta mais ampla e diversa, e com isso

interpretar sua família em um espaço diferente do tecido social, como demonstram as falas acima. Na idade que os participantes estavam quando entrevistados, já eram capazes de ler características dos familiares que lhes atribuíam um papel social, quando Carlos diz que a mãe é do interior e logo em seguida complementa dizendo que por este motivo ela é ‘boba’, reproduzindo um estereótipo e também analisa a situação dizendo que isso é o certo, provavelmente se comparado com suas escolhas que o levaram para a internação, dessa forma a mãe é o oposto dele, apesar de ser a responsável principal pela sua socialização primária.

Já nas falas de Ricardo e de Hélio, são demonstrados costumes cotidianos de suas mães que são importantes para formar as características de cada uma delas. Ricardo justifica o uso de bebida alcóolica da mãe pelo fato dela trabalhar muito fora de casa e do cansaço que a atinge após a jornada de trabalho. Hélio já traz o lado do cuidado da mãe com ele, que nesse caso é demonstrado através do preparo de pratos que o jovem gostaria de comer. Em ambos os casos, através do relato das atitudes cotidianas das mães, os adolescentes demonstram o vínculo afetivo de preocupação entre eles e suas genitoras, além de levarem como norte atitudes normativamente esperadas para alguém no papel de mãe. Seja quando Hélio relata o ato de cozinhar como um cuidado (que é esperado de alguém que desempenha o papel de mãe), seja quando Ricardo justifica uma conduta não esperada da figura materna (beber cerveja) pelo fato dela ter se ocupado da família ao trabalhar muito. Logo em seguida, Ricardo complementa o perfil da mãe dizendo que ela faz fofoca, outra atitude atribuída socialmente para mulheres. Obviamente que toda essa conjectura não é acionada racionalmente pelos adolescentes na hora do relato, mas servem como exemplos de como estes interlocutores percebem suas mães a partir de constructos sociais, que também são reproduzidos dentro das famílias.

Portanto, os valores e interpretações do mundo social, transmitidos pela família, perpassam pelas próprias experiências e ressignificações desses valores, operacionalizadas pelos familiares. Isso não quer dizer que não haja padronizações e reprodução de valores comuns ou tradicionalmente difundidos em toda a sociedade.

Portanto essa interpretação que o sujeito faz de sua família é possível a partir de uma visão do mundo que o mesmo começa a construir durante a infância, através da socialização primária, e em seguida pelos outros espaços de socialização, através da socialização secundária. Nesse contexto, os valores, o que é positivo e o que é negativo, o que se espera do comportamento do sujeito e o que o sujeito espera do comportamento dos outros, também são internalizados durante os processos de socialização a que os indivíduos são submetidos. Como já dito anteriormente, a família é uma instituição muito importante nesse processo por

orientar quais os valores são importantes para a vida do sujeito. Essa orientação geralmente ocorre pelo processo de transmissão intergeracional dos valores que os membros mais velhos da família compartilham com os mais novos. Entretanto cabe salientar que estes valores carregam aspectos estruturais condicionais dos tipos de sociedade que esta família faz parte. Muitas das vezes orientados pelo local geográfico e tempo em que estas pessoas vivem. Neste estudo ficou evidente que a família foi responsável por transmitir valores tradicionais aos jovens participantes. Principalmente os valores do trabalho, dos estudos e do não envolvimento com criminalidade.

Segundo Zaluar (1985), a população brasileira em sua formação identitária carecia da ética do trabalho, sendo substituída pela ética do provedor. Deslocando assim o foco da atividade desempenhada, para a capacidade de consumo do “chefe de família”. A partir de 1960 a 1980, o cenário nacional de queda dos salários, seria posteriormente o elemento central da adesão de jovens a grupos de traficantes de drogas.

[...] trata-se de uma completa reconfiguração na qual o status do antigo “chefe de família” simplesmente definha, cedendo cada vez mais espaço para o surgimento de famílias matrifocais e o desenvolvimento de um estranho sentimento entre os jovens pobres: a revolta (ZALUAR, 1985, p. 97–8; 1994, p. 28).

Segundo Zaluar (1985; 1994), os jovens “revoltados” atribuem sentimentos negativos ao trabalho, ligados à ideia da escravidão e, por isso, ideia de aprisionamento, percebendo os trabalhadores como “otários”. Associado à ausência de uma educação mais presente no cotidiano, estes jovens estariam mais susceptíveis ao contato com traficantes locais, cuja admiração fornece também uma canalização para a “revolta” e uma alternativa ao mundo do trabalho, mais atraente a princípio, por se mostrar mais livre e com possibilidades de consumo maiores do que a vida do trabalho (ZALUAR, 1985, p. 84–96).

[...] trabalhava dia sim dia não. Aí querendo ou não, tipo nós via ela direto, todo dia nós via ela. Tinha dia que ela ficava o dia todo com nós. Era normal, uma vida normal igual a de todo mundo (Carlos)

[...] arrumou ela olhava idoso na época, agora ela tá fazendo um curso lá de depiladora porque a minha tia é depiladora entendeu aí ela tava precisando de alguém pra ajudar ela, aí minha mãe resolveu fazer o curso pra trabalhar com ela. Ela tipo arrumou um lugar lá e faz isso daí (Hélio)

[...] ficava comigo em casa, ela não pode trabalhar porque ela tem problema de desmaio (Marcus)

— Minha irmã estuda, meu irmão trabalha.
— Ele trabalha com o que?

- Fábrica de móveis.
- E sua mãe trabalha de que?
- É empregada doméstica (José)

Nas falas acima, destacam-se os relatos de das mães que trabalham fora, com exceção da mãe de Marcus, que não trabalha fora, mas isso é justificado por problemas de saúde. O trabalho é visto como parte de uma vida considerada “normal” como diz Carlos, então essas mães estariam cumprindo seu papel social de contribuir para sustento da família, mas também de cuidado com os filhos. Essa dupla função se tornou bastante comum a partir dos anos 1970, anteriormente a mulher era vista como a única responsável pelos cuidados da casa e das crianças, enquanto os homens eram os provedores financeiros da família (QUERINO et al., 2013).

Entretanto, estudiosos do campo do feminismo negro ressaltam que esta opção nunca foi uma realidade das mulheres negras, que mesmo antes da ampliação da presença das mulheres no mercado de trabalho, as mulheres negras sempre desempenhavam essa dupla jornada e em condições muito mais degradantes do que as mulheres brancas. Independente das desigualdades de raça e classe, alguns estudos (BURSIK; GRASMICK, 1993; PARK; BURGESS, 1925; SAMPSON; GROVES, 1989; SHAW; McKAY, 1942) atrelavam a inserção das mães no mercado de trabalho, aliada a ausência dos pais na configuração familiar como um fator de risco para o envolvimento dos jovens no comportamento delinquente. Para estes estudiosos a falta de supervisão de crianças e adolescentes, enfraquece os mecanismos de controle social.

Todavia, o termo *famílias desestruturadas* caiu em desuso por reforçar uma ideia de que apenas as famílias com configurações nos padrões mais conservadores seriam capazes de fornecer uma estrutura sólida para o desenvolvimento dos indivíduos. A falha na estrutura familiar, recorrentemente é apontada como elemento causal para a entrada dos jovens no “mundo do crime” (FELTRAN, 2008). Porém, esta “falha” pode ter sentidos diversos e acontecer por meio de situações completamente distintas. Na verdade, a própria noção de estrutura familiar embute um sentido normativo convencional, onde qualquer configuração familiar diferente de mãe, pai e filhos, é considerada uma ruptura com o esperado, dessa forma, não corresponde à realidade empírica da maior parte das famílias brasileiras.

Portanto, atrelar a explicação da criminalidade à condição familiar, sem qualificar a relação entre os membros da família parece ser um esforço em vão. Os relatos podem evidenciar tanto falhas na proteção e amparo aos jovens, quanto o incentivo a atividades ilegais por meio da experiência de outros membros familiares nestas condutas.

Nesse segundo caso, o ambiente familiar não é mais separado do ambiente criminal. Apesar dessa junção em alguns casos fica claro através das narrativas que as normas e valores de ambos “mundos” são dominados pelo entrevistado, podendo assim transitar entre os campos axiológicos a depender do interlocutor sem, no entanto, fundi-los. Em outras palavras, mesmo que a imbricação entre os mundos convencionais e do crime seja observada nas diversas esferas da vida do indivíduo, inclusive na esfera familiar, as falas e argumentos, ou seja, o valor moral, de ambos não se misturam, sendo recorridos em cada situação de interação de acordo com o interesse (FELTRAN, 2008).

Nesse sentido, o valor do trabalho foi observado como um valor positivo, que se espera de uma mãe, como um ponto que insere a família em um grupo de comportamento esperado. Mas foi observado que, apesar da idade dos jovens participantes, a família criou expectativas sobre a vida dos jovens que também perpassam pelo campo do trabalho. Alguns deles contam experiências de trabalhos informais ainda no período da adolescência.

Aí, por isso que eu envolvi no crime, porque meu irmão, quando ele era vivo ele me batia, nem gostava que eu envolvia no crime não. Ele gostava, queria que eu fosse trabalhador, mas... Aí os policial foi e matou meu irmão e ficou por isso mesmo. ... Se ele tivesse aqui eu nem tava no crime não. Tenho certeza que eu nem tinha entrado no crime fazer maldade com os outros não (Carlos).

[Padrasto] era tipo fixo, ele trabalhava só naquele lugar e aí entrega. Aí ele foi e deixou o irmão dele e ele também tava batendo uma laje num apartamento, eu até ajudei ele a mexer, botar cerâmica, ajeitar os negócios, por as pias. Eu já trabalhei com ele (Beto).

— Já ficou, já sabe um pouquinho quando ele foi pra lá. Meu tio também já foi pra lá.

— Então todo mundo da sua cidade vai pros Estados Unidos.

— Até minha avó tava querendo ir ... eu tenho vontade de ir pra lá quando eu sair daqui.

— Por que você tem vontade de ir pra lá? O que você pensa que vai fazer lá?

— Ah, vou continuar trabalhando... construir uma casa aqui e eu acho que lá é mais fácil pra você arrumar serviço. Eu tenho um colega lá que falou que serviço sobra lá, falta é gente pra trabalhar... já sei umas coisas mesmo, assentar piso, cortar madeira (Beto).

[..] aqui sempre que ele precisava de alguém pra ajudar eu ia, toda vez, direto final de semana eu ia (Beto).

Percebe-se uma dicotomia entre o trabalhador versus o bandido, como se as duas trajetórias não pudessem acontecer em um mesmo espaço de tempo. São papéis opostos no imaginário social, talvez por isso a importância de se apresentar como trabalhador em algumas circunstâncias, onde a interação necessita de localizar os papéis sociais dos

interlocutores. O cotidiano das famílias que residem em regiões favelizadas ou de grande vulnerabilidade social, em que há a presença de bocas de fumo, essa necessidade de distinção entre o trabalhador e o bandido (quem tem envolvimento com a criminalidade) presente na fala, é ao mesmo tempo uma tentativa de se apresentar enquanto sujeito social, mas também de marcar para o próprio indivíduo seu lugar no tecido social. Essa construção da identidade reforça os relacionamentos próximos existentes nessas comunidades, em que as pessoas experimentam a dinâmica do desvio e das moralidades próprias do tráfico de drogas sobretudo, mas também reflete a forma como são lidos pela população do restante da cidade, e principalmente pela polícia. A fala “eu sou trabalhador” é, antes de qualquer coisa, uma tentativa de minimizar a chance de ser vítima de violência policial. A violência ronda a vida do favelado por todos os lados, é violência do tráfico, que regula o comportamento social local, é violência nas relações comunitárias, é violência da polícia, que a todo tempo coloca todos os moradores sob suspeição, portanto essas pessoas crescem sabendo que têm que se provar o tempo todo que não são culpados (COELHO, 1978). Por esses e outros motivos, a preocupação da família em afastar os jovens do mundo do crime é muito mais complexa do que apenas o risco da atividade ilegal em si, mas tudo que ela traz consigo quando se vive em um contexto de vulnerabilidade.

[...] o homem da pista chegou lá em casa perguntando se tava precisando de alguma coisa e ela endoidou: ele não precisa de nada seu não, não quero nada seu, vai embora. Aí ele falou: na hora que ele chegar aqui você fala pra ele ir lá em casa pegar o dinheiro dele lá. Aí ela foi e falou comigo (Marcus).

Completando o rol de valores e costumes tradicionais ensinados pela família, apesar de não ter tido muita expressividade durante as narrativas, José também fala sobre sua religiosidade e como ela foi influenciada pela mãe: “Eu ia na igreja evangélica ... já ia com a minha mãe desde pequeno ... ia toda semana com minha mãe” (José). A religião é um bom exemplo de instituição de internalização de valores, pois como sinalizado pela fala de José, em alguns casos começa com um hábito na infância, quando o indivíduo não tem tanto poder de barganha sobre suas próprias escolhas e posteriormente é internalizado, fazendo a parte do conjunto de subjetividades do próprio sujeito.

Entretanto, a família não transmite apenas valores tradicionais, mas uma multiplicidade de comportamentos e crenças de esferas muito diferenciadas. Esses comportamentos vão desde algum costume que socialmente não é apropriado para a idade ou até o próprio comportamento desviante de pessoas próximas, como apontado anteriormente na fronteira entre o "mundo do crime" e as dinâmicas sociais convencionais (FELTRAN, 2008).

Minha tia tinha um bar aí nós gostava de ficar no bar dela jogando sinuca (quando criança) (Carlos).

A primeira moto que eu tive foi com 16. Nisso aí os homens já viam; você novinho e com esses trem. E era tudo em nome da minha mãe (Hélio).

Essa relativização da norma, com o consentimento dos responsáveis é um indício de que as regras são apropriadas e relativizadas em cada vivência. Isso não quer dizer a priori que estes indivíduos vão seguir trajetórias criminosas, entretanto já experimentam certos comportamentos que rompem com regras formais de controle. O limite entre algum comportamento que não é permitido para a idade e comportamentos que, considerados ilegais independentemente da idade, também são observados e experimentados por parentes ou pelo próprio jovem na companhia de familiares. O limite entre o que é aceito pela família ou não, considerando pequenos desvios, uso de drogas ilegais e até mesmo o cometimento de alguns delitos, varia de caso a caso. Essa aceitação também se difere para cada membro da família.

[...] ele (irmão) já era de maior aí antes de eu fumar ele já começou as vezes a fumar, fumou com os meninos lá. Aí eu fui e comecei a fumar, fumar aí minha mãe ficou sabendo e ficou meio brava quando eu comecei a fumar. Aí eu contei pra minha mãe que eu tava fumando, minha mãe tava estranhando porque eu tava chegando em casa e já indo dormir. Aí ela perguntou: você tá fumando? Eu tô mãe, mas é suave. E ela: mas eu não tô gostando nada disso não, do que você tá fazendo. Aí eu comecei a fumar direto aí depois aconteceu isso aí que eu matei o cara lá aí o meu irmão começou a fumar (José).

— Meus pais já chegaram a fumar também (maconha), mas eles não fumam mais não. Porque eu fumei, hoje eu fumo na frente da minha mãe no meu quarto. Ela fala: que graça você acha em fumar isso aí? Eu falo: né não mãe é porque é uma onda mesmo. Porque eu já fumei esse trem e não gostei. Eu falava cada um no seu cada um. Ela ficava doida: olha como você fala comigo, fala comigo direito (Hélio).

— E como foi a primeira vez que você cheirou pó?

— Foi com meu irmão, eu vi meu irmão cheirando, e ele perguntou se eu queria e aí eu fui ver como que era.

— Mas você já tinha tido vontade antes, curiosidade, alguma coisa assim?

— Não! Eu via ele cheirando e queria ver como que era (Marcus)

José conta que o início do uso de maconha foi precedido pela experiência do irmão e que a mãe desaprovou o comportamento. Entretanto, a fala dá a entender que a desaprovação, a mãe de José não foi suficiente para mudança do hábito do jovem. Já na fala de Hélio, a mãe trata a questão do uso de maconha como algo sem sentido, mas também não faz grandes objeções e ainda se coloca como alguém que já fez o uso da substância. A questão perpassa

mais pela questão de gosto do que de algo que não é permitido. Marcus por outro lado, traz a experiência de uso de cocaína que teria sido motivado pela observação do uso que o irmão fazia da substância. Além do uso de drogas ilícitas, em alguns casos, alguns dos aprendizados e valores criminais começam a ser aprendidos justamente dentro da família, por primos, irmãos ou até mesmo com a figura paterna.

[...] aí eu fui caçar viajar pra casa da minha vó de novo. Ai chegando lá, que meu primo tem uma biqueira lá, vende droga lá...Aí tinha uns outro caras que tava começando a arrumar guerra com ele. Ai meu outro primo ele, envolvia, ele roubava pra carai. Ai depois ele começou a fumar pedra, aí ele foi preso. Aí ele começou a ficar roubando os povo lá, tipo da região do bairro lá, ai os cara queria matar ele, ai ele foi saiu lá da quebrada (Carlos).

Ai teve uma vez que eu era de menor, ai foi eu e meu primo, que ele é tipo caçula, mais novo dos irmão dele. Ai nós foi lá na casa dele ai nós viu um tanto de arma lá. Ai foi eu já sabia que eles era envolvido no crime. ... Nos foi lá levar comida pra eles lá, que tipo é pertinho, tem tipo uma favelinha lá. Ai eu ví um tanto de arma lá, ai eu falei “nossa, esse cara envolve”. No dia eu lembro que eu cheguei assim, ele tava sentado no sofá e tinha um tanto de arma. Ai ele falo pros cara pra tirar as arma de perto de nós (Carlos).

[...] meus tio também envolvia, tipo usava droga. Um só envolveu, ai também depois que meu irmão morreu .. antes do meu irmão morre ele tava morando com nós, que eles era do interior, ai eles veio pra cá pra arrumar serviço, ai não conseguiu arrumar serviço, ai foi vender droga ... A casa que eu morava era 3 quarto, era alugado, ai eu e meu irmão tinha 1 quarto, meu tio que morava com nós tinha o quarto dele e o da minha mãe era o outro. O quarto dele ficava só trancado, mas de vez em quando nós entrava no quarto dele lá nós via as coisa, ficava deixando arma. Ele começou a envolver por causa do bar, ele trabalhava no bar, ai depois ele começou a envolver (Carlos).

[...] porque o pai do meu irmãozinho morreu, ele era bandido aí os pessoal matou ele... O irmão dele, o Rogério, a primeira vez que eu fui roubar foi com ele e com meu tio. Na época ele tinha revólver e falou: não sô você é novo, você tem que começar é por baixo. Tipo me incentivando na vida do crime. Eu fui roubar primeiro com faca. Ele falou que era pra gente roubar mulher. Eu falei mulher não sô, mulher não tem nem como se defender. A gente tem que ir é no homem porque se reagir a gente já cai pra dentro dele e degradingola ele. Aí ele foi e roubou mulher. Eu falei se for mulher eu nem vou não. Aí ele foi lá e roubou a bolsa da mulher, pegou o telefone e uns R\$ 600,00. Aí eu fui embora.

— A casa que você morava era a mesma da boca?

— Era (Hélio).

Meu irmão tá preso e minha irmã mudou (Marcus).

[...] (Infância) foi boa até minha mãe pegar meus primos que tava em orfanato aí minha mãe pegou eles pra criar aí nisso aí eu comecei a desandar, comecei a usar droga, comecei a conhecer a vida do crime... meu primo usava droga aí ele já tinha mais cabeça, ele era mais velho e já tinha mais

cabeça, mais inteirado nas coisas, nos trem de crime aí eu só andava com ele, comecei a usar droga (Marcus).

[...] O meu irmão, ele é chato demais, o negócio dele é só roubar (Marcus).

Portanto, a família é o lugar em que os jovens participantes deste trabalho apreenderam uma série de valores tradicionais, mas também foi na família que alguns deles tiveram seu primeiro contato com comportamentos desviantes. Enquanto algumas pessoas do grupo de convivência têm rotinas e se apresentam como pessoas com vidas consideradas comuns, outras tem uma vida atrelada às atividades ilícitas. E todas estas pessoas convivem dentro do grupo familiar, diferente da dicotomia anunciada entre o trabalhador e o bandido, ou os “cidadãos de bem” e seu oposto.

Ai minha prima também casou com um agente, do socioeducativo também. Ai agora quem tá lá agora é só meu tio, ops, meu primo que é o mais velho, o Diels, que ele é cabelereiro. Que eu tinha 3 primo e 1 prima, que morava lá perto de casa. Agora só tá o Diels, ele tem filho, ele mora lá. Ai minha tia tem o bar lá até hoje. Ai de vez em quando, quando eu tava na rua nós faz churrasco lá direto. Eu, minha mãe, minha namorada, minha irmã, nós ia pra lá. Ai vinha meus primo tudo, nós ia pra lá, minha prima (Carlos).

É, minha irmã é de boa, ela vai na igreja. Meu irmão tá preso e minha irmã vai pra igreja, tem um filho, ela é mais inteirada do que nós 2 (Marcus).

Portanto, é na família que grande parte dos jovens deste estudo tiveram o primeiro contato tanto com valores e comportamentos tradicionais, mas também é na família que eles têm contato com o mundo do crime, onde se abre uma gama de possibilidades. Nos trechos acima fica claro como em uma mesma família pessoas com trajetórias estritamente convencionais convivem com pessoas que desempenham trajetórias desviantes nos seus cotidianos. Portanto, surge o questionamento de quais seriam os fatores que contribuem para inserção em trajetórias criminais por parte desse grupo chamado família, já que há esta distinção entre seus membros?

É claro, aqui tratamos tanto de histórias muito distintas, com famílias ainda mais distintas. Em algumas delas as questões criminais estão presentes nos cursos de vida de uma maior parcela dos seus membros enquanto em outras, as experiências criminais são concentradas em uma parcela menor dos parentes. Mas independentemente disso, acredita-se que o caminho que estes jovens tomaram está relacionado as experiências que vivenciaram em suas socializações, aos valores que apreenderam, cuja parte perpassa por experiências

criminais de outros significativos. Mas que também depende de como interpretam os eventos significativos e as escolhas que se seguem a partir deles, caso contrário todos os membros de uma mesma família desenvolveriam as mesmas trajetórias, já que passaram pelo mesmo processo de socialização e compartilharam parte dos eventos.

- (a partir da morte do padrasto) Eu fiquei com a cabeça ruim também, só dentro de casa, não tava saindo pra nada e minha mãe também. Minha mãe começou a ter depressão, a gente teve que ficar tudo com minha mãe.
- aí vocês ficaram mais próximos um do outro.
- é eu, meu irmão, minha avó ficou tudo próximo.
- e aí o que aconteceu pra ir melhorando, teve alguma coisa?
- começou todo mundo ir pra igreja, nós ia pra igreja com minha mãe pra todo mundo ficar de boa (José).

Nesse caso, José perdeu seu padrasto, que ele considerava como uma referência paterna. Ele diz ter ficado muito preocupado com a reação da mãe, que entrou em um quadro grave de depressão. Esse evento se relaciona diretamente com a justificativa do homicídio que ele cometeu.

Minha mãe nem conversa. Depois que meu irmão morreu minha mãe nem gosta de ficar conversando não. Ela é mais triste, ela fica no canto dela. Ela conversa algumas coisa, mas não é igual antes. Nenhuma mãe recupera não. Eu não aceito, não. Quem que vai aceitar uma pessoa que morreu? Ninguém aceita não. Só deixa saudade mesmo. Nem gosto de ficar lembrando muito não. Mas não tem como não lembrar... antigamente ela gostava de ficar fazendo churrasco mas não faz esses trem mais não. Ela não curti natal, ano novo, não curti aniversário, não curti nada não... mas sempre que é, o nosso aniversário meu e da minha irmã ela quer fazer alguma coisa pra nós a gente fala que não quer não, meu irmão também não aceita nada, por que querendo ou não ela não vai curtir porque o meu outro irmão não está vivo (Carlos).

Carlos também sofreu com a perda de um ente querido, nesse caso o irmão. Carlos relata em sua narrativa tanto o sofrimento da mãe, que ficou “tristonha” segundo ele, mas também seu próprio sofrimento, que em muitos momentos se transforma em revolta pela situação, além da perda de uma referência positiva. A morte do irmão de Carlos é o elemento que ele usa para justificar seu ingresso na trajetória infracional. Os homicídios cometidos por Carlos seriam uma consequência dessa trajetória.

[...] na noite que o pai do meu irmão morreu foi a primeira vez que eu ia tipo virar uma noite e minha mãe falou: não, sentou lá na rua e falou que se eu não fosse embora que ela ia ficar lá. Eu falei então fica aí então. Aí o menino que eu conhecia de infância também falou: não zé vai embora, não deixa sua mãe na rua aqui não. Amanhã você volta aí. Vai lá no enterro do seu padrasto. O pai do meu irmão chamava Rodrigo também, o mesmo nome do

meu pai. Aí eu chamava ele de pai também. Aí eu fui e nisso eu fiquei mais revoltado ainda. No velório eu vi a família toda chorando e eu passei até mal. O pai do meu irmão era gordão, tomou um tanto de tiro e o caixão dele foi caixão fechado. Aí o irmão dele era pastor e falou e eu entendi que foi pra mim: que isso aqui sirva de exemplo, que essa vida do crime pra ele teve só 2 caminhos cadeia e caixão (Hélio).

[...] no dia do meu aniversário, acho que eu ia fazer 14 anos e os homens pularam lá na casa no dia do meu aniversário. Um tanto de polícia e eles acharam um tanto de droga aí eles falou que ia levar todo mundo preso. Aí eles queriam o revólver aí o meu pai: o que acontece é aniversário dele hoje e ele é de menor, ele vai lá. Aí minha mãe: ele não vai em lugar nenhum não. Eles falaram que não ia deixar ninguém sair da casa, só vai deixar quem é de menor. Aí só tinha eu de menor e meu irmãozinho de colo ainda. Aí ele me explicou tudo, o lugar certinho eu sabia, ele falou assim: você vai lá, vai pegar 3 revólveres que tá lá e vai dar eles. Aí eu fui lá e busquei os 3 revólveres, era 38 na época. Eu fui lá e falei: eu peguei lá. Eles falaram: cadê? Eu falei: mas eu só vou dar depois que soltar minha família. Aí eles foram lá e soltaram minha família. Aí eu falei: espera aí que eu vou lá pegar. Eu fui lá, peguei e nem entrei na casa; eles lá embaixo. Tava na mochila, eu só joguei a mochila assim e saí correndo. Aí eles olhou e viu que tinha os 3 revólveres e saiu, foi embora. Aí nisso eles nem prendeu ninguém não. Aí depois disso daí toda a casa foi morar em outra casa (Hélio).

— Eu amadureci depois que o pai do meu irmão morreu porque eu gostava dele demais, gostava dele mais do que do meu pai. Aí ele foi lá e morreu aí nisso que ele morreu a minha mente já mudou, fiquei todo sério, já mudei meu semblante, já não fiquei rindo pra minha família demais, já comecei a levar o negócio mais a sério... porque o pai dele era bandido também, ele era patrão aí eu vi. O irmão dele era evangélico aí lá no culto eu vi ele já tipo flagrando “que isso aí sirva de exemplo para muitos aí”. Eu entendi que ele falou pra mim, eu nunca esqueço o que ele falou que essa vida aí tem só 2 caminhos cadeia ou caixão. Bandido esperto não fica preso não, mas uma hora morre. É cabuloso.

— Mas você já estava envolvendo quando ele morreu?

— Não.

— Por que você achou que era pra você então?

— Porque tipo assim eu queria envolver, ficava barra de maconha lá em casa e eu tirava na cara dura, pegava lá e fumava. Um dia, a primeira vez que eu fumei dentro de casa a minha mãe me pegou fumando dentro de casa, ele e ela. A minha mãe passou e não sentiu o cheiro não, aí ele passou, voltou e falou que eu devia tá fumando dentro do banheiro porque tá com cheiro de maconha. Porque só ele que fumava entendeu. Aí minha mãe já começou a bater na porta e eu com o olho vermelhinho e eu falei o que mãe? Aí passei xampu pra disfarçar o cheiro. Você tava fumando? Tô não. Aí ela já entrou e já começou a endoidar comigo. Ele falou: você vira homem sô. Você quer fumar maconha? Você não fuma dentro de casa não, você fuma na rua (Hélio).

Já Hélio relata uma série de eventos relacionados com seu padrasto que o fizeram ter um contato muito próximo com o mundo do crime. O evento da batida policial durante sua festa de aniversário de 14 anos, em que ele teve que interromper a comemoração para mediar

os acordos entre o padrasto e os policiais. A própria morte do padrasto também foi um evento que marcou o curso de vida de Hélio, pois a partir disso, ele começou a se enxergar como “o homem da casa”, e relata que intensificou o envolvimento com o tráfico de drogas que até então estava no início. Ele também se diz mais maduro a partir disso, assume algumas responsabilidades financeiras com o sustento da mãe e do irmão. Paralelamente, o discurso do tio é significativo para Hélio que entende como indireta sobre sua trajetória infracional, mas que ao invés de ser um incentivo para a não continuidade dessa trajetória, como parece ser a intenção do tio, Hélio internaliza o discurso como um rótulo, o que contribui para a consolidação do envolvimento com o tráfico. “O desviante é alguém a quem aquele rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas assim o rotulam” (BECKER, 1963, p. 53).

Eu fiquei só pensativo porque nunca imaginava isso de mim. Minha mãe também falou que nunca esperava isso de mim e tal, os familiares também falou que nunca esperava isso de mim porque eu era muito tranquilo, não imagina que eu podia fazer uma coisa dessas. Eu fiquei surpreso comigo mesmo depois que aconteceu isso (Beto).

Já no caso de Beto, o *ponto de virada* é o próprio homicídio. Beto vê sua vida transformada a partir do envolvimento com o homicídio que aconteceu de forma inesperada em sua trajetória, interrompendo os planos tanto de Beto quanto de sua família. Nesse caso não é possível ter uma leitura muito profunda da interpretação deste evento por Beto como isso alterou seu curso de vida já que logo em seguida ele foi internado em uma unidade socioeducativa, não sendo possível no momento saber se o evento daria início em uma trajetória infracional ou não.

Percebe-se que parte significativa dos entrevistados já havia iniciado uma trajetória de desvio que em muitos pontos foi justificada por um contato intermediado por algum familiar. Dos 6 entrevistados, 5 faziam uso de drogas ilícitas, 4 já estavam em uma trajetória infracional antes do primeiro homicídio cometido, 3 apontam como principal motivação do homicídio a morte de um parente próximo.

5.1.2 Controle

Considerando os aspectos relacionados à transmissão de valores explorados anteriormente e a imbricação na família entre o "mundo do crime" e os valores

convencionais, cabe discutir de que tipo de família estamos tratando. A instituição familiar sofreu mudanças bruscas em sua configuração, principalmente a partir dos anos 1970, com o movimento feminista e a inserção da mulher no mercado de trabalho (CABRERA et al, 2000). Tais transformações sociais também influenciaram nas dinâmicas familiares, sendo na atualidade, observada e reconhecidas diversas constituições familiares para além do modelo nuclear heteroparental. "Os indicadores demográficos sinalizam a crescente pluralização dos arranjos familiares, em que coexistem famílias recasadas, extensas, casais sem filhos, famílias homoafetivas, entre outras" (BENATTI et al., 2021, p. 2).

Nos casos apresentados neste estudo, todas as famílias passaram em ao menos um período situações em que as mães foram as únicas responsáveis pelos cuidados com as crianças. Apesar das diferentes configurações, dos 6 casos estudados, estamos falando de 6 famílias mononucleares, em ao menos parte do curso de vida dos entrevistados. As famílias de José, Carlos, Hélio, Beto e Ricardo são formadas por mães separadas. Destas, as mães de José, Hélio, Beto e Ricardo, tiveram outro relacionamento amoroso após a separação dos pais dos jovens, dividindo com os novos parceiros algumas responsabilidades domésticas. Entretanto, por mais que estes padrastos sejam vistos como referências positivas nas narrativas dos adolescentes, ainda assim, percebe-se que eles não assumem a centralidade dos cuidados da família, sendo ainda assim consideradas monoparental.⁶ Além disso, as mães de Marcus, José e Hélio são viúvas, a primeira do pai do adolescente e as demais dos padrastos, portanto assumiram sozinhas os cuidados da casa após a perda dos companheiros. Em resumo, o que pode ser percebido nestas configurações familiares, é que em todas as famílias, a protagonista dos cuidados e responsabilidades é a mãe dos adolescentes e jovens integrantes do estudo. As estratégias adotadas por estas famílias para se manter economicamente e ainda garantir certo cuidado com as crianças foi a ajuda de outros membros como avós, tios e tias, mesmo que tal estratégia não garanta um cuidado efetivo.

Nesse cenário, a educação das crianças e adolescentes, acaba sendo concentrada na figura da mãe, que em 5 dos 6 casos ainda passa várias horas afastada do lar para trabalhar, sendo observada uma sobrecarga dessas mulheres. A esse respeito, Farrington e Loeber (2011) analisam preditores desde a infância de condenados por homicídio. Entre os achados do estudo, os autores indicaram que deficiências familiares precoces, vivenciadas na infância,

⁶ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), família monoparental aquela constituída por um adulto responsável familiar, do sexo masculino ou feminino, tendo ao menos um filho ou outra criança ou adolescente sob sua responsabilidade, com a presença ou não de outros adultos na mesma unidade doméstica.

constituem um cenário de risco para comportamentos individuais descontrolados durante a adolescência, levando a desvios leves e posteriormente ao homicídio (FARRINGTON; LOEBER, 2011).

Nesse sentido, não se pretende buscar preditores para a prática de homicídios, mas entender os *pontos de virada* e o contexto que os levaram ao ato. Portanto, o trabalho de Farrington e Loeber apenas aponta para fatores que devem ser observados no âmbito familiar. Dessa forma, como pode ser observado, as questões econômicas perpassam a vivência familiar da maior parte das famílias estudadas, mas a centralidade das relações é mais predominante nos discursos, indicando que possuem também mais significados no entendimento dos cursos de vida dos jovens. Neste estudo, se observou que entre os 6 jovens estudados, nenhum possuía uma convivência efetiva com o pai, 3 deles tiveram um padrasto por pelo menos parte do curso de vida. Desses, 2 padrastos morreram e este evento teve impacto em suas trajetórias criminais. A paternidade será melhor desenvolvida no tópico seguinte, entretanto, é importante antecipar esta discussão para se pensar sobre as configurações familiares e quem fica responsável pelos cuidados das crianças.

Eu não sei, não sei se eles caso. Mas eu era novinho, quando eles separou eu era novinho. Quem cuidava de mim mais era minha avó porque a minha mãe trabalhava nem ficava em casa. Cuidava de mim e da minha irmã enquanto minha mãe trabalhava.

— é. E quando seus irmãos nasceram quem cuidava dele?

— a meu padrasto cuidou durante 1 ano e pouco do meu irmão porque minha mãe trabalhava, mas depois disso ela ficou mais em casa, largô serviço, porque tinha que ficar mais com ele.

— aí sua mãe resolveu parar de trabalhar.

— parou de trabalhar pra ficar cuidando dele ... virou dona de casa pra cuidar de nós. Mas ela pretende arrumar outro serviço lá fora (Beto).

— e o que você lembra de quem ficava mais por conta de você?

— minha avó.

— aí ela que cuidada de você?

— é aí passou um tempo ela faleceu. Eu acho que eu morava com ela, é eu morava com ela e ia pra casa da minha mãe no final de semana. Aí minha avó faleceu e eu voltei a morar com minha mãe.

— desde novo. Eu morava lá, morava cá (Ricardo).

— quem é mais responsável por cuidar de você, das suas coisas, assim tipo vai em reunião de escola quando precisa?

— minha mãe ... minha avó é enjoada, fica vendo a hora que eu saio e que eu chego, fica falando.

— o que ela fala com você?

— ah não faz essas coisas não meu filho, chega mais cedo em casa. Sua mãe tá trabalhando. Fala um monte de coisa.

— o que ela não gosta que você faz?

— que eu fico só na rua.

- e aí você chega muito tarde?
- é só fica mais na rua, não consigo ficar em casa (José).

Nos trechos acima, Beto relata que sua avó era responsável pelos seus cuidados, sendo que a situação mudou apenas com a chegada dos irmãos menores, momento esse que a mãe mantinha uma relação estável com o padrasto e teve condições de optar por parar de trabalhar fora para cuidar dos filhos. Já Ricardo relata também ser cuidado pela avó por um período até seu falecimento, quando voltou a morar com a mãe e ficar sozinho durante o tempo em que a genitora trabalhava fora de casa. Enquanto José morava com a mãe nos fundos da casa da avó, tinha como referência a mãe, entretanto a avó claramente exercia um papel de fiscalização sobre o comportamento do jovem. Como um exemplo da concentração dos cuidados familiares ser atribuída à figura feminina, os 3 casos acima descrevem situações em que quando a mãe tem que se ausentar do lar, a avó assume o papel dos cuidados. Se percebe também que nos 3 casos, o nível de supervisão varia, independente de em todos eles serem mulheres que desempenham este papel. Não é possível estabelecer uma relação de causalidade, mas Beto e José tiveram um adulto como referência de supervisão durante todo o período do dia e para estes jovens o homicídio cometido aconteceu de forma abrupta em seus cursos de vida. Enquanto Ricardo, que perdeu a pessoa adulta de referência para os cuidados apresenta uma trajetória infracional muito mais consolidada.

- aí era mais o meu irmão que cuidava de nós. Meu irmão, meu tio que passava lá de vez em quando. Por que nós também estudava [...] eu e o meu irmão nós estudava de manhã e a minha irmã estudava de tarde aí tipo, quando ele não podia levar ela na escola eu levava e buscava.
- aí de tarde ficava vocês dois em casa e os seus tios que moravam lá?
- meu tio nem ficava em casa direito, ele ficava mais no bar. De vez em quando eu lá pro bar do meu tio jogar fliperama. A minha irmã ficava mais com a minha prima ... a minha mãe começou a trabalhar aí nós ficava sozinho (Carlos).
- você costumava ficar sozinho em casa pra sua mãe ir trabalhar?
- costumava.
- mas também tinha sua avó lá.
- tinha (José).
- eu era novo e já sabia, com uns 11 anos eu já sabia fazer comida. Primeiro eu comecei a fazer arroz e feijão porque via minha mãe fazendo. Porque até então ela saiu pra trabalhar e eu mesmo fazia.
- aí você tinha que fazer. Ela te ensinou por isso?
- ensinou, mas antes de eu aprender ela deixava meu prato pronto já pra mim esquentar no micro-ondas. Aí depois eu pedi pra ela me ensinar e ela ensinou (Ricardo).

A configuração familiar, atrelada aos fatores econômicos, em parte das famílias impedem que haja um adulto responsável pela vigilância das crianças e adolescentes o todo tempo. Quando as pessoas responsáveis por esta vigilância necessitam trabalhar fora de casa para garantir o sustento familiar e não tem condições de terceirizar essa vigilância, seja pela rede de apoio ou pela contratação de profissionais específicos para essa tarefa, os adolescentes passam muitas horas do dia com autonomia suficiente para enfraquecer o controle exercido pela família. A falta de supervisão, muitas vezes condicionada à configuração familiar e econômica, propicia um espaço temporal na rotina dos adolescentes onde eles acabam estabelecendo relações e executando comportamentos sem um crivo crítico de um adulto responsável, o que enfraquece os mecanismos de controle que a família dispõe. Estes aspectos dificultam a regulação efetiva sobre o comportamento das crianças e adolescentes.

— não mudar ela não muda não, mas ela sabe que eu não vou estudar e não insisti mais não, nem fica rendendo assunto mais não. Fala só pra eu arrumar um serviço mesmo, se não quer estudar.

— e aí o povo ainda te mandava pra escola? Como que era?

— eles mandavam e eu falava que não ia não.

— aí você não ia na tora?

— não ia não. Aí minha mãe falou que se eu quisesse ir eu ia, se não quisesse não ia também que ela não ia ficar esquentando cabeça mais não (Ricardo).

Aí eu falei com minha mãe que ia parar e minha mãe cansou também. Aí ela falou você vai começar a tomar conta da casa, limpar a casa ... varrer, lavar vasilha ... aí eu comecei a tomar conta da casa, minha mãe trabalhava.

— você tinha quantos anos quando saiu da escola?

— tinha 16 (José).

Em ambos os casos, Ricardo e José pararam de estudar contra a vontade das mães que, apesar da contrariedade, não conseguiram exercer controle suficiente sobre o comportamento dos filhos. O que se pretende aqui é apenas chamar atenção para o ponto de que estes mecanismos de controle começaram a falhar muito antes do cometimento do homicídio ou de uma entrada em trajetória infracional. E se observou uma prevalência da falta de supervisão, ao menos em determinado momento do curso de vida destes jovens.

Em alguns casos, os papéis dentro da família se confundem tanto que os adolescentes assumem a responsabilidade de cuidar ao invés de serem cuidados. Ainda que legalmente um adolescente possa ficar sozinho em casa a partir dos 12 anos e cuidar de irmãos menores a

partir de 16 anos⁷, simbolicamente, não podemos mensurar como a introjeção da responsabilidade dos cuidados com os mais velhos impacta nas relações familiares.

— porque eu gostava mais de ficar com a minha avó porque desde novo ela cuidava de mim pra mim ir pra escola, essas coisas aí passou o tempo e eu comecei a dormir na casa dela e eu queria ficar lá só... foi eu comecei a ficar lá e comecei a morar com ela. Aí meu tio faleceu, ele morava com nós também. Aí passou um tempo minha avó faleceu também.

— e aí você queria morar com ela por que?

— pra cuidar dela também porque a minha avó ficava sozinha.

— você foi pra lá depois que seu tio morreu?

— não meu tio já estava lá aí eu queria fazer companhia pra ela. Eu comecei a morar com ela depois que meu tio morreu. Aí eu fiquei fazendo companhia pra ela pra ela não ficar sozinha dentro de casa.

— Que idade você tinha quando foi morar na sua avó?

— acho que eu tinha uns 8 anos (Ricardo)

— é uai quando eu era mais novo aí eu ficava cuidando dele (irmão adotivo) dentro de casa pra minha mãe ir trabalhar. Passado um tempo a minha mãe passou a pagar minha prima pra cuidar dele.

— Por que?

— ah sei lá minha prima tem mais responsabilidade né? Tinha que levar ele pra escola, eu também era novo, minha mãe também não confiava muito não.

— é porque você era muito novo né pra cuidar de outra criança.

— era uma criança cuidando de outra criança (Ricardo)

— já tava sabendo. Eu ficava com o revólver na vista dela (mãe) porque eu escondia revólver. Aí nisso aí de vez em quando que estava apertado eu dava ela dinheiro, dava ela uns 500 reais pra ela fazer uma compra bacana pra dentro de casa. Tipo assim se você vai dar 50 reais pra sua mãe fazer uma compra, ela vai comprar só carne. Eu já dava ela uns 500, 600 reais e já comprava tudo pro meu irmão pequeno. Já pensava no meu irmão pequeno. Eu chamava ele no canto e perguntava o que ele gosta de comer. Ele falava biscoito e tal. Eu falava mãe anota aí pra você poder comprar pro meu irmão aí. Só anota o que tá precisando aí. Quando eu já não tinha dinheiro já chegava felizão e falava eu não tenho dinheiro, mas pelo menos a geladeira tá cheia. Igual a gente ia na casa da minha avó porque ela não trabalhava, era desempregada aí de vez em quando eu via a geladeira vazia eu já dava ela 700 reais. Ela ficava doida: pra que esse tanto de dinheiro? Eu falava vó você já compra tudo aí de uma vez aí bom que quando não tiver dinheiro pelo menos a geladeira vai tá cheia pra senhora fazer o almoço pra senhora aí. Aí ela ia lá e comprava.

— seu padrasto fazia isso antes? Quando ele estava vivo?

⁷ Segundo artigo 138 do código penal, desde que a habitação tenha condições de segurança e alimentação para que o adolescente possa alimentar-se e manter-se em casa durante o período, segundo interpretação da advogada Alexandra Atanásio Beja em entrevista publicada em 21 de janeiro de 2021 no endereço eletrônico <

— ele não dava dinheiro pra comprar a semana toda, o mês todo não. Ele comprava todo dia o almoço e a janta, o café. Tipo na hora do café ele mandava ir lá buscar, aí na hora do almoço eu buscava, na janta eu buscava. Aí no outro dia era a mesma coisa.

— é eu chegava oh mãe o dinheiro da pensão você pode ficar pra senhora pra comprar as coisas pro meu irmão aí roupa, material de escola. Aí ela comprava as coisas até pra mim de vez em quando uma roupa, um boné, uma cueca, um tênis, ela comprava.

— depois que ele morreu você que começou a fazer a vez dele?

— foi eu tipo tomei o papel dele. Aí eu tive a minha filha e comecei a morar sozinho com a mãe dela. Eu morava no apartamento 402 e minha mãe no 401, de frente assim. Só que lá só tinha minha cama, meu guarda roupa e os negócio de vassoura, rodo, desinfetante pra lavar o quarto lá, a sala e a cozinha. Aí nem tinha geladeira e fogão não porque a gente almoçava e jantava na casa da minha mãe, tomava café. Eu só comprava os negócios pra ela. Eu corria pra minha casa quando eu corria dos homem, aí quando os homem entrava lá em casa eu falava eu moro aqui porque a casa da minha mãe é apertada. Aí eles: mas como que você paga o aluguel aí? Aí eu falei porque eu recebo pensão. Eles ficavam doido um de menorzinho recebendo 500 reais de pensão também. Aí eles falavam: o que você tá fazendo na favela? Eu falava eu me sinto bem aqui, é o lugar que eu convivo (Hélio).

Ricardo relata nos trechos acima duas situações diferentes. A primeira, quando ainda criança, em que decidiu morar com a avó para “fazer companhia” já que ela era idosa. Em seguida, quando a mãe adotou uma criança, e o adolescente se responsabilizou inicialmente pelos cuidados do irmão para que a mãe fosse trabalhar. Já Hélio, narra situações na fase pós envolvimento com o tráfico de drogas, em que se sente responsável financeiramente pelos cuidados da família, papel esse que assumiu após a morte do padrasto. Mesmo após sair de casa, com o nascimento da filha, o adolescente ainda assumia parte da responsabilidade financeira da família de origem. A inversão de papéis aqui descrita impacta profundamente sobre as relações familiares, afetando assim a capacidade de controle dos adultos sob o comportamento das crianças e adolescentes. Mesmo que os fatos narrados sofram de uma interpretação de seu narrador, as consequências são reais na medida em que estes se sentem responsáveis por atribuições que deveriam ser de adultos. Principalmente no caso de Hélio, em que pelos relatos é possível ter uma noção de como o adolescente se coloca como suplente do padrasto, independente da diferença de idade entre eles e do tipo de posição na configuração familiar. Essa troca nos papéis da família, novamente enfraquecem os mecanismos de controle dos responsáveis sobre os adolescentes, uma vez que os mesmos se sentem desempenhando um papel muito mais protagonista no núcleo familiar, se submetendo cada vez menos às restrições impostas pelos outros significativos.

Minha avó zoa é a treta. Minha avó viu eu tratando minhas namoradas na ignorância, tipo assim eu mandava elas vir dormir e elas falavam que não

vinha eu já xingava e falava: que desgraça, eu vou dar em você uns tapas na cara quando ver vocês. Ela falava que eu tava que nem o Jack, isso aí você tá obrigando as mulher vir ué (Hélio).

Eu fico pensando em muitas coisas. [...] muitas coisas que ela (avó) fala comigo pra mim não ficar chegando tarde aí eu começo a ficar em casa também porque ela fica preocupada. Aí pra mim passar em casa eu tenho que passar na casa dela primeiro pra ir na minha porque eu moro nos fundos. Aí ela fica vendo a hora que eu chego, faz zueira. Aí é chato (José).

Entretanto, a troca de papeis não apaga completamente o simbolismo das pessoas de referência. Nos trechos acima percebe-se mesmo sem um controle efetivo sobre o comportamento dos adolescentes, as figuras femininas de referência possuem um respeito e geram reflexões no pensamento destes indivíduos. Portanto a complexidade da análise do papel de controle familiar é enorme pois os fatores se combinam de formas diversas. Em um dado momento é dada ao adolescente autonomia e responsabilidades precoces, mas sem perder a importância simbólica da mãe e avós (geralmente responsáveis pelos cuidados). Quem cuida e quem deveria cuidar se altera em uma dança, mudando o respeito pela idade e posição na família, mas também os aspectos simbólicos do masculino que, mesmo sem a presença de uma figura adulta, ressoa nos adolescentes desse gênero que se sentem obrigados a suprir o papel do cuidado masculino. Dessa forma, idade e gênero entram em conflito na definição das posições familiares, alterando as configurações de forma fluida a depender da circunstância.

— por que você foi morar com sua avó?

— porque eu fui uma vez pra casa da minha avó e trombei com uns meninos lá aí nós já começou a fumar maconha, essas coisas. Aí nisso aí a minha mãe vinha me buscar e eu falava que não queria, que queria ficar na minha avó. Aí minha avó não desconfiou disso não, ela falou que eu podia ficar com ela. Aí eu fui ficando. Aí eu vendia droga o dia inteiro, só não ficava de noite porque minha avó ficava preocupada. Aí eu descia de noite, aí eu ficava vendendo droga só de dia. Aí no dia que o meu pai morreu, no velório aí minha mãe me procurou na casa da minha avó, procurou lá tudo e não me achou aí ela foi na favela e me viu vendendo droga. Ela falou: então é pra isso que você tá querendo ficar aqui na casa da sua avó. Vira homem sô. Eu falei eu sou homem só que agora eu tô conquistando minhas coisas. Ela já começou a chorar e falou: então eu vou ficar aqui do seu lado vendo você vender droga. Aí eu já fui lá e dei a droga pros meninos, descii e falei vamos embora, não precisa ficar aqui não. Aí eu descii e fomos embora (Hélio).

— e como era quando você morava na sua avó, quem pegava mais no seu pé sua mãe ou sua avó?

— as duas quem tinha que ir na escola era minha mãe porque eu não falava com minha avó. Minha avó descia o coro.

— é mesmo?

— quando eu ganhava suspensão eu falava com minha mãe porque ela ficava com raiva na hora e fazia maior escândalo. A minha avó já esperava eu tomar banho e já cortava no coro.

— e de ficar na rua essas coisas quem deixava mais?

— minha avó deixava eu ficar de dia, minha mãe não deixava ficar hora nenhuma.

— então por isso você quis morar com sua avó. Entendi agora.

— cheguei a conclusão. Minha mãe não deixa hora nenhuma, ficava igual prisional (Ricardo).

A flexibilização dos papéis familiares, por vezes propiciaram a manipulação de membros desta família por parte dos adolescentes no intuito de conseguir vantagens. Nos trechos acima, tanto Hélio quanto Ricardo jogam com a mãe e avó para conseguirem maior liberdade e garantir menos controle sobre ações desaprovadas pela família.

Eu e meu primo nós era da mesma sala aí nós ia, levava um baseadinho de quebrada, levava os negócios e matava aula pra ir pra lagoa. Aí na hora que dava o horário de voltar nós ia embora de a pé e falava que nós foi a pé (Marcus).

— Mas alguém mandava em você quando criança não? Tipo em casa?

— Minha mãe mandava, mas era difícil eu obedecer né. Eu saia pra rua, fazia um montão de coisa. Minha mãe ficava doida ... eu tomava suspensão porque não queria levar minha mãe lá. Uma vez eu fiquei até 2 meses sem levar ela na escola.

— E aí o povo ainda te mandava pra escola? Como que era?

— Eles mandavam e eu falava que não ia não.

— Aí você não ia?

— Não ia não. Aí minha mãe falou que se eu quisesse ir eu ia, se não quisesse não ia também que ela não ia ficar esquentando cabeça mais não (Ricardo).

Aliado a manipulação está a desobediência, que nem sempre é sinônimo de uma falta efetiva de direcionamento da vida dos filhos, a não ser nos casos em que se torna crônico, onde claramente os responsáveis perdem o controle sobre o comportamento dos adolescentes. O limite entre a manipulação de situações para buscar o desvio das orientações familiares e quando a negativa dessas instruções se torna evidente nem sempre é demarcado. Pelos dados obtidos não foi possível identificar com certeza quais os fatores e quando os familiares passaram de enganados para ineficientes na condução das ações dos adolescentes. Suspeita-se de que a descoberta da trajetória infracional é o *ponto de virada* para a aceitação dos responsáveis da incapacidade de dirigir a vida dos seus filhos. Entretanto, não se pode fazer tal afirmação com os dados obtidos, principalmente sem problematizar a hipótese de que tal incapacidade de controle foi gradualmente se consolidando e que a inserção em uma trajetória infracional é o marco deste processo. Neste processo, percebe-se tentativas de prevenção ao

envolvimento criminal executadas por membros da família, principalmente a preocupação com os pares e os laços de amizade que os adolescentes constroem no caminho.

Aí, depois disso ai minha mãe não quis deixar eu lá mais não porque ela viu que eu já estava envolvendo lá. Ai foi eu voltei pra cá (bairro de origem) (Carlos).

Todo bairro sempre tem um grupinho que anda de bicicleta, tipo um grupinho, um bonde, ai nós tipo pegava BR, passava do BH Shopping, subia lá pro lado de Nova Lima, no Derrete, aonde que os cara ficava puxando cabrito⁸, tipo uma BR abandonada. Ai meu irmão não gostava. Também tinha uns cara que ficava fumando maconha. Ai ele não gostava que eu ficava andando com os cara não. Ele gostava que eu ficava andando de bicicleta lá na rua, mas querendo ou não de vez em quando eu dava uns perdido. Ficava pegando traseira, ele endoidava. (idade) Uns 10 ano, 11 ano, mais ou menos isso, 12 (Carlos).

No caso de Carlos, apesar das tentativas de restrição dos pares pela mãe e pelo irmão, a morte do irmão foi crucial para a perda deste controle. Os pares têm papel fundamental durante a construção do sujeito que se intensifica na adolescência, por ser uma instância de socialização fora do seio familiar. Os laços de amizade formados nesta etapa do desenvolvimento impactam nos gostos e na própria construção do indivíduo como ser autônomo. Por isso a preocupação dos familiares com o perfil do grupo de pares ao qual o adolescente estabelece vínculos é bastante fundamentada. Mesmo que os demais participantes da pesquisa não tenham explorado claramente a preocupação da família com o grupo de amigos adquiridos pelos jovens, isso diz muito do envolvimento deles com grupos que estabelecem como padrão o comportamento desviante.

— [...] não, lá na Pedreira mesmo. Aí minha mãe já viu que eu tava envolvendo, comecei a fumar maconha, ela falou: não, você não vai morar sozinho não. Você pode mudar pra onde você quiser, mas eu vou morar com você porque você é de menor. Eu falei beleza aí eu levei ela lá pra cima também. Aí nós ficamos morando lá. Aí esse tempo agora que eu me entreguei ela mudou de lá, ela nem tá morando mais lá. Ela tá morando lá no Palmares, lá perto do Minas Shopping.

— Ela descobriu no mesmo dia que o marido dela morreu?

— Não, antes porque eu já tava vendendo. Ela ia lá e batia em mim. Na boca lá tem tipo as pontes pra atravessar tipo de um prédio pro outro. Aí ela ficava vendo eu vender droga. Aí eu tava um dia vendendo e ela me viu. Ela foi comprar pão e já comprou uma vassoura novinha e subiu, deu nas minhas costas e eu nem vi. Eu vi só a vassoura quebrando, olhei pra trás e era minha mãe. Eu já: que isso mãe? Ela: eu não criei você pra ser bandido não. Aí eu

⁸ Empinar a motocicleta se equilibrando somente na roda traseira.

falei: mas mesmo assim eu quero. Aí nisso aí minha vida foi só mudando, foi muita treta (Hélio).

[...] eu escondi na casa de um viciado lá aí eu fui pra minha casa. Aí minha mãe perguntou o que tinha acontecido eu fui e falei com ela na lata. Ela perguntou por que os polícia tinha ido lá em casa atrás de mim? Eu fui e falei com ela que eu tinha matado e ela não acreditou não. Falou que eu tava mentindo, que eu cheguei em casa e almocei e fui dormir. Ela falou que eu tava mentindo porque eu tava tranquilo. Aí eu falei é isso mesmo, você vai saber. Aí ela foi pro serviço e na hora que ela voltou ela já falou comigo chorando, essas coisas. ... aí eu fiquei dentro de casa. Aí na hora que ela voltou eu tava dentro de casa aí ela foi e começou a falar pra caramba que eu tinha feito isso e pá. Eu fui e expliquei por causa de que. [...] Ela queria que eu fosse na polícia, apresentar, aí eu fui, e aí eles me liberou. Aí foi nessa aí que eu achei que não dava nada, né? E comecei a embarcar, aí eu fui internado (Ricardo).

— [...] fica nervoso, com raiva, querendo descontar. Aí tipo assim bater na minha mãe não vai o que eu ia fazer? Fazer o contrário, eu era assim. Aí quanto mais me batia mais eu ia pra rua. Eu ficava nervoso porque ela me batia.

— não tô falando de amor porque amor de mãe é pra sempre, você pode fazer o que for que a mãe te ama pra sempre. Mas o jeito dela te tratar sabe, às vezes ela te dava mais coisa e parou de te dar. Essas coisas assim, sabe.

— mudou, isso aí mudou ela começou a cortar umas coisas, mas também teve uma época de uns tempos atrás quando eu tava roubando ela falou: é mais fácil você me pedir do que roubar. Aí ela perguntou por que eu tava roubando. Eu falei que queria comprar umas roupas de marca, essas coisas. Aí ela começou a me dar as roupas aí eu parei de roubar.

— você parou de roubar enquanto ela tava te dando.

— até hoje ela me dá umas coisinhas de vez em quando (Ricardo).

Após a descoberta do envolvimento em trajetórias criminais, a família tenta reaver o controle perdido. Entretanto, nos relatos acima fica evidente que o movimento de retomada do controle é ineficaz. Mesmo com ações extremas e até mesmo violentas, o *modus operandi* dos adolescentes na trajetória infracional sobrepõem os esforços familiares na busca por uma desistência de tais trajetórias.

5.1.3 Pai e Paternidade

Como já mencionado acima, todos os jovens do estudo possuíam alguma dificuldade de convivência com os pais biológicos. Esses laços, ou a falta deles, serão observados a seguir de forma mais detalhada. Segundo levantamento da Central Nacional de Informações do

Registro Civil (CRC)⁹ de 2016 até junho de 2022, 5,44% das crianças registradas no Brasil não possuem paternidade identificada. Ao falarmos de abandono afetivo esse dado dificilmente é mensurado com exatidão, entretanto, sabe-se que os números são ainda maiores. Segundo o presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Criança, Adolescente e Juventude da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)-DF, Charles Bicca, o abandono afetivo gera traumas nas crianças que se veem obrigadas a normalizar a indiferença, trazendo também consequências sociais. Em reportagem ao Metrôpoles, Bicas ainda defende que o abandono afetivo deveria ser punido por lei e cita o projeto de lei protocolado em 2007 no Congresso Nacional que criminaliza o abandono parental. Entretanto o projeto foi embargado pela Câmara. Os impactos dessa ausência dos pais de forma efetiva na criação dos filhos enquanto crianças são subjetivamente diversos e variam também de acordo com as peculiaridades de cada caso. Apenas um dos jovens do estudo (José) relatou possuir algum vínculo afetivo e uma constância de convivência com o pai, entretanto, mesmo neste caso, essa convivência sofre restrições dadas pela formação de uma nova família por parte do genitor.

— [...] ele mora em [nome da cidade], mas em outro bairro. Ele já tem outra família, tem um irmãozinho com ele.

— A mulher do seu pai?

— Eu não gosto dela não e nem ela gosta de mim. Ela acha que é dona de tudo. Eu entro lá na casa do meu pai e ela quer mandar em tudo.

— E seu pai já veio aqui?

— Veio não.

— Você ligou alguma vez?

— Liguei não, minha mãe me deu o número dele esses dias porque eu não sei o número dele também não (José)

[...] o meu pai, eu sou mais afastado do meu pai, eu sou mais de ir na casa da minha avó eu não sou de ficar indo na casa dele. Converso mais não sou de ficar batendo papo não (Beto)

[...] meu pai morreu ... eu era pequeno, era menino de colo e nem lembro (Marcus).

[...] lógico ela é a única esperança que eu tenho. Pai eu já não tenho mais, se ela (mãe) for embora aí eu surto mais ainda (Marcus).

[...] meu pai nem chegou a ter convivência com ele não, uma vez que eu vi ele só na minha vida foi no meu aniversário de 11 anos ... eu vim aqui passar na casa do meu avô e ele tava lá aí meu vô foi e buscou ele porque ele mora mundo fora aí. Aí meu vô foi e buscou ele aí eu fui e vi ele, mas só essa vez também ... nunca tive convivência com ele, pra mim é um cidadão normal (Ricardo).

⁹ Disponível em <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral/pais-ausentes>

— A minha mãe tá precisando de mim lá fora ... Eu não conheci meu pai não. Minha mãe fala que meu pai é o mesmo do meu irmão mas o cara nem gosta de mim não. Ele nem agrada de mim, parece. Não registrou eu, abandonou. Ai minha mãe... que eu comecei a envolver desde 13 ano, depois que meu irmão morreu... ai ele ia fazer exame DNA, mas ai eu nem quero fazer exame DNA mais não, que ele nem me dava atenção ... Ele não me trata como filho não, me trata como um qualquer, mas eu também nem ligo não, se ele quiser me registrar eu não aceito.

— Sentiu falta de ter pai?

— Quando eu era mais novo, antes deu envolver, eu sentia. Mas depois que eu envolvi eu fui ficando ruim, ficar sentindo falta de pai? Quando a gente vai envolvendo a gente vai pensando nas coisa da vida, vai aprendendo mais. Porque se você ficar bonzinho demais com as pessoas eles acha que você é bobo. Ai depois que eu comecei a envolver eu nem lembrava desses trem de pai não. Era só minha mãe mesmo

— Mas antes de você envolver você sentia falta?

— Todo mundo sente, querendo ou não. Quem falar que não sente, é mentira (Carlos).

[...] porque meu pai não dava tipo muita atenção pra mim. Eu ligava pra ele e ele falava que a gente ia sair no final de semana e ele nunca vinha. Ai nisso eu já comecei a ficar só revoltado, só boladão já, não ia pra escola ... No dia do meu aniversário ele nem veio me ver, ai nisso ai minha mente já mudou de cabuloso e eu fiquei todo revoltado. Ai eu já comecei a vender droga, ai eu fiz o meu primeiro homicídio nós esquartejou o cara todo lá na Pedreira, deu um tanto de facozada, arrancou pescoço, tacou pedra na cabeça, os olhos saiu pra fora. Nossa foi muita treta (Hélio).

Dos seis jovens analisados, José é o único que apresenta alguma relação com o pai, mesmo que esta relação sofra muita interferência pelo fato do adolescente não possuir bom convívio com a madrasta. Ainda assim, José relata ter contato com o pai frequentemente antes da internação. Entretanto, a força dos laços entre pai e filho gerada por essa convivência não demonstra ser forte o suficiente para que o genitor permaneça sendo um apoio durante a internação, como visto na fala acima.

Beto fala pouco acerca da convivência com o pai em seus relatos. Apesar de ter convivência com a família paterna, a figura do pai é quase inexistente nas falas. Apenas quando questionado Beto dedica poucas palavras para falar do pai. Entretanto, também não demonstra se importar muito com o afastamento, como disse Bicca, a normalização da indiferença.

Já o caso de Marcus é o único que a ausência do pai se deu pela morte do genitor. O pai de Marcus morreu de cirrose quando ele ainda era muito pequeno. Nas falas de Marcus a situação é vista como uma tragédia que serviu para que ele depositasse todo seu afeto e perspectivas de apoio na figura da mãe.

Já Ricardo relata ter visto o pai uma única vez em toda sua vida. Apesar do adolescente conviver esporadicamente com os avós paternos, o vínculo com o pai é quase

inexistente. Os laços fracos com os familiares paternos de Ricardo podem, em parte, ser atribuídos à distância geográfica da família paterna, dado que moram em cidades diferentes e também pelo fato do pai de Ricardo ser morador de rua. Entretanto, a condição financeira do avô paterno também é apresentada por Ricardo como um fator que os afastam. O adolescente relata que seu avô paterno possui uma boa condição financeira e isso gera suspeitas da sua esposa quando Ricardo tenta se aproximar. Entretanto, Ricardo demonstra sofrer muito e sentir muito mais rancor dessa suspeita de aproximação por interesse do avô do que pela ausência do pai. A situação de rua do pai e, conseqüentemente, a sua falta de vínculo com toda família serve como justificativa do abandono paterno, que Ricardo trata com indiferença.

Já o caso de Carlos percebe-se que existe muita mágoa com o suposto pai, que não reconhece tal paternidade. A fala de Carlos demonstra que o adolescente pretende não se importar com a ausência do genitor, mas fica evidente, o seu sofrimento com o não reconhecimento da paternidade. Carlos ainda atribui a uma possível mudança de comportamento após o envolvimento criminal, o fato de não se importar com a rejeição do pai. Mais do que indiferença, Carlos demonstra recusar uma possível aproximação do pai nesse momento da vida, muito em resposta ao período em que o adolescente desejava esta aproximação, mas sem uma resposta positiva do genitor. Por fim, Hélio conta sobre uma infância bem próxima do pai, chegando inclusive a morar durante algum tempo exclusivamente com o genitor.

No caso de Hélio, o afastamento do pai se deu durante a adolescência, quando ele passa a morar com a mãe, mas principalmente após o pai começar um novo relacionamento. Por ter tido uma grande convivência com o pai, o momento que os laços com o mesmo começam a se enfraquecer causa uma grande revolta em Hélio, chegando ao ponto do jovem atribuir o início de sua trajetória infracional a este fato. É interessante observar que no discurso de Hélio, a presença do pai está associada aos momentos em que o adolescente não desempenha trajetória infracional, seja antes do envolvimento, seja no momento que Hélio se movimenta para a desistência, com o pai voltando a ser um apoio no momento da internação.

As circunstâncias e os motivos da ausência dos pais nos 6 casos apresentados são muito diferentes entre si. Mas na maioria deles essa ausência ao menos tenta ser encarada como natural pelos adolescentes, mesmo que ainda assim tenham um impacto em suas vidas. Nos dois casos em que essas ausências são mais problematizadas (Carlos e Hélio) percebe-se que os jovens atribuem os sentimentos de raiva pelo abandono à uma condição infantilizada que teria sido superada a partir do envolvimento criminal. É quase como se colocar num lugar

de fragilidade fosse incompatível com a imagem de força que tentam demonstrar, necessária para desempenhar papéis no mundo do crime.

Apesar da pouca ou frágil convivência com os pais dos jovens do estudo, alguns deles descrevem estratégias que possibilitam algum vínculo com os genitores.

— [...] eu ia lá direto, na minha avó e meu avó mora lá também ... eu entro na casa do meu pai também, mas eu nem fico conversando com ela (madrasta) não. Entro porque é do meu pai a casa, chego e entro pra dentro.

— Você gosta de ir pra lá?

— Gosto, vou ver minha avó.

— E seu pai, como ele é?

— Tranquilo, conversa com nós... dá um monte de coisa, nós conversa, diverte, nós joga bola (José).

A minha namorada, a mãe dela é irmã gêmea do pai do meu irmão. Ai de vez em quando nós ia pra casa dele... De vez em quando nós ia pra lá também ele ficava pagando sinuca nós jogava sinuca com ele. Mas igual hoje em dia que os pai tem filho, leva no parque, esses trem, eu nunca vi ele levando não (Carlos).

Ela já tinha nascido (filha) e eu não tinha esse pensamento de me entregar, de sair da vida do crime não, aí depois eu conversei com o meu pai. Eu me entreguei mesmo por causa do meu pai, eu conversei com ele. Tinha 4 anos que eu não via o meu pai, aí eu chamei ele e falei que eu queria conversar um negócio com ele. Aí eu fui lá e expliquei minha situação, aí ele mandou eu me entregar que ele ia me ajudar a mudar de vida. Quando eu saísse daqui ele ia alugar uma casa pra mim, mobiliar minha casa toda, que era pra mim pegar minha filha e minha namorada pra mim sair de lá da Pedreira. Pra mim não ficar mais lá não, porque querendo ou não ficar lá perto você vai ter um ligamento com a vida do crime. Aí você vai começar a vender droga e fazer tudo de novo (Hélio).

[...] tô suave, aí eu sei que ele tá trabalhando mesmo. Melhor ele trabalhar lá, juntar o dinheirinho dele do que ficar vendo eu em cadeia aqui... eu já botei na cabeça que quando ele tiver tempo vai vir então nem tô preocupado (Hélio).

Nas falas de José, que é o jovem que mais possui vínculo com o pai, percebe-se que apesar das desavenças com a madrasta, ele consegue manter a convivência com o genitor e com sua família paterna. Os avós e tios paternos moram no mesmo lote em que o pai de José reside com a madrasta e os filhos mais novos, o que possibilita que o adolescente visite frequentemente as casas dos familiares, escolhendo em quais espaços ficar durante estas visitas. Percebe-se que quando José relata sobre frequentar a casa do pai, a fala traz junto a justificativa da propriedade do bem, demonstrando que o ato é realizado também como forma de se impor na vida do pai, apesar do relacionamento ruim com a madrasta. Já Carlos, também mantém uma convivência, mesmo que mínima, com o possível genitor através do

parentesco de sua namorada com o mesmo. O fato do pai de Carlos ter assumido a paternidade do irmão mais velho e mantido uma relação próxima com o mesmo, também o aproximou. Mesmo sem ser reconhecido como filho, Carlos utiliza a namorada como uma maneira de se manter presente, principalmente na vida do irmão mais novo que mora com o pai. Carlos diz que essa aproximação do irmão é para suprir a falta do irmão mais velho que foi morto, mas que também acaba criando laços entre eles. No caso de Hélio, após os 4 anos em que o vínculo com o pai foi cortado, o adolescente o procura com a justificativa de buscar apoio para encerrar a trajetória infracional. A promessa desse apoio foi suficiente para que o jovem se entregasse para a polícia como um importante gesto do encerramento de um ciclo de envolvimento com o crime. Em seguida, Hélio demonstra não se importar que o contato com o pai seja interrompido novamente durante a internação, acreditando nas promessas feitas por ele. Nos 3 casos expostos, percebe-se que o movimento de buscar mecanismos de aproximação com o pai parte dos jovens. Nos dois casos (Hélio e José) em que os jovens já possuíam, mesmo que em períodos anteriores, algum convívio com os pais, essas estratégias são mais diretas, seja na ligação de Hélio, seja na visita de José. Já no caso de Carlos, como a paternidade nunca foi assumida, a convivência perpassa por círculos de convivência, através de pessoas no entorno do pai.

A ausência paterna algumas vezes é substituída pelo convívio com os padrastos para alguns jovens. No estudo 4 jovens relatam possuir padrastos e terem convivências positivas com eles. Isso levanta a discussão de que o papel paterno só é desempenhado quando o homem mantém um relacionamento com a mãe, mesmo que este homem não seja pai biológico.

[...] ele que me criou o pai da minha irmã desde pequeno ... ele me considerava como um filho dele mesmo e eu chamava ele de pai e tudo. Aí eu também fiquei meio cabeça ruim (com a morte do padrasto), eu não tava nem comendo direito nos primeiros dias. Eu fiquei com a cabeça ruim também, só dentro de casa, não tava saindo pra nada e minha mãe também. Minha mãe começou a ter depressão, a gente teve que ficar tudo com minha mãe ... Fazia tudo que podia. Aí eu considerava ele como um pai também (José).

[...] gostava, ele era maior gente boa. Eu agradava dele pra carai. Aí depois que morre é foda ne, só a lembrança ... (Hélio).

[...] eu nunca senti falta não, eu sinto só do meu padrasto mesmo que é um pai pra mim ... eu falo porque tipo assim o cara me criou desde o 5 anos de idade né. Me deu amor, me deu carinho, aí eu sinto falta dele. Meu pai nunca foi presente. É foda (Ricardo).

[...] ah ele é tranquilo, mas nós teve muita convivência mais ele mais no canto dele e eu no meu mesmo ... nem... muita intimidade não só o necessário ... tem nada porque ele é mais tranquilo e eu sou também no meu canto. Eu não tenho nada pra conversar com ele também não (Ricardo).

[...] o meu pai, eu sou mais afastado do meu pai, eu sou mais de ir na casa da minha avó eu não sou de ficar indo na casa dele ... não sou de ficar batendo papo não, tenho mais trem com meu padrasto do que com meu pai. Ele falou que ia me levar na cidade porque ele quer pagar minha carteira de moto ... meu padrasto ele ia me levar lá pro meu primeiro emprego pra ajudar minha mãe e tudo mais (Beto).

Mesmo no caso de José, que mantém certo relacionamento com seu pai biológico, o padrasto é uma figura de referência muito forte. As duas figuras paternas de José coexistiam na vida do jovem, inclusive nomeando os dois de pai. Tanto no caso de José como no caso de Hélio, a morte do padrasto foi apontada como motivadora para o cometimento de crimes. Já os relatos de Hélio sobre o padrasto são muito mais focados nos relatos dos crimes que este cometia. Mesmo assim, Hélio demonstra bastante proximidade com o padrasto, chegando a se sentir como responsável da família após sua morte.

No caso de Ricardo que não tem nenhuma convivência com o pai biológico, no primeiro momento ele relata o vínculo com o padrasto como um substituto para o vínculo inexistente com o pai. Entretanto, em outro momento, Ricardo suaviza esse vínculo, dizendo que a convivência não possui conflitos, entretanto os diálogos são mínimos. Cabe ressaltar aqui que o padrasto de Ricardo tinha um filho de um relacionamento anterior que quase não aparece nas falas de Ricardo. Ricardo apenas cita esse filho do padrasto muito vagamente uma única vez em mais de 4 horas de entrevista. Porém, durante o campo deste trabalho, Ricardo recebeu a notícia de que o filho do padrasto havia sido assassinado e esta notícia desencadeou uma mudança de comportamento brusca em Ricardo, inclusive sendo atribuído a ele, pelos profissionais do Centro Socioeducativo, o planejamento de uma rebelião, o que ocasionou sua transferência. Se traz esse ponto para se pensar o quanto as mudanças da fala do entrevistado refletem uma necessidade de manter uma imagem de frieza frente à entrevistadora. Dado que este jovem foi um dos mais desafiadores no sentido de obter uma quebra no estereótipo masculino de força.

Por fim, Beto que também mantém pouco vínculo com o pai biológico, tem o padrasto como uma referência positiva bastante presente e participativa em sua vida. O padrasto aparece em diversos momentos dos relatos de Beto, mas principalmente nos relacionados ao trabalho. Até mesmo a mãe do padrasto, a avó de seu irmão mais novo, participa dos cuidados de Beto. O padrasto de Beto parece ter uma relação de bastante proximidade com o jovem e

no momento das entrevistas estava morando nos Estados Unidos, aguardando os demais membros da família se mudarem para o país.

As características dos relacionamentos dos jovens com seus pais impactam em uma série de fatores na formação da personalidade e nas projeções que estes jovens fazem de si. Um dos aspectos dessas projeções que chamou atenção nas narrativas foi o desejo de ser pai, e em alguns casos desejo esse já concretizado. Dos 6 jovens do estudo, 2 (Hélio e Carlos) já possuíam filho no momento da entrevista e outros 3 (Marcus, Ricardo e José) verbalizaram a vontade de se tornarem pais em curto espaço de tempo.

[...] é, não, eu já queria ter filho há muito tempo, antes de ir preso eu já queria ter tido filho. Aí nós fez o filho, aí ele nem foi planejado não ele nasceu morto com 6 meses. Aí eu fui dessa vez, eu queria. Eu queria e não queria tipo, você quer e não quer (Carlos).

[...] tava conversando com ela [namorada]... também ela estava doida pra alugar uma casa. Terminou engravidando. Ter um filho eu nem ia querer ter um filho agora não, aí eu fui e concordo e nós fez um filho. Eu queria, mas depois, primeiro eu tô foragido, não estou trabalhando eu estava até querendo me entregar aí eu falei: ah nem. Eu não estava agradando de ficar foragido não, é chato. Eu estava afim de trabalhar, eu não estava afim de ficar envolvido igual eu tô não, ficar preso é maior chato (Carlos).

— Porque você se entregou?

— por causa da minha filha. Porque eu queria cuidar dela, queria mudar de vida aí não tem como. Eu sabia que ia ficar de mandado aí eu preferi ir lá e me entregar de uma vez prá pagar esse trem de cabeça erguida logo. Ficar correndo da justiça uma hora eles pegam, já preferi já vim pagar esse trem enquanto é tempo (Hélio).

[...] eu quero arrumar um menino pra mim distrair a mente, ficar cuidando do meu filho (José).

[...] mas não tenho medo mesmo não. Se eu morrer vocês nem vai ter reparado. Mas eu penso que quando sair daqui vou ficar de boa, vou ajudar minha mãe, ficar suave, vou fazer um menino pra mim ... um neném é da hora (Marcus).

— [...] por que eu ia fazer um menino que eu vou ficar na vida louca aí e não vou ligar pro menino, vou deixar o menino largado aí não compensa não.

— Porque quando você tá na vida louca, você não liga... Por que uma coisa impede da outra?

— É lógico! Vou ficar mais na pista do que ficar em casa com meu filho, aí não compensa. Entendeu meu lado? (Marcus).

— Você falou comigo na semana passada que você queria ter um filho. Você acha que o filho também entra nisso de ter mais um amor na sua vida?

— Também.

— E você acha que vai significar o que esse filho na sua vida?

— Tudo (Marcus).

— foi eu tava na pista vendendo droga e a mulher foi e queria comprar pedra na minha mão aí eu fui e vi ela com ele no colo e fui e falei pô o menino tá todo assado. Aí eu falei com ela deixa ele com a minha mãe pra minha mãe cuidar e eu vou te dar umas pedras prá ela fumar. Aí eu fui e deixei o menino com a minha mãe lá aí minha mãe foi e comprou as coisas prá cuidar dele. Ele tinha uns 6 meses de idade só. Aí o que aconteceu ela veio buscar no outro dia o menino e eu fui e não entreguei pra ela não. Fui e arrumei um tumulto com ela, falei que ia na polícia e tal. Falei com ela que ele tava comigo e ela podia ir. Aí passou isso e o menino foi ficando com a minha mãe e ela querendo pegar o menino, fico só arrumando problema pra ela aí até que minha mãe entrou na justiça. Aí desde os 6 meses que a minha mãe tava tentando a guarda prá pegar o menino. Aí o conselho tutelar deixou na custódia da minha mãe aí passou parece que foi a guarda pra minha mãe, tá no nome da minha mãe e tudo mais.

— e por que você resolveu pegar esse menino?

— ah ele tava muito judiado. Era umas 3 horas da manhã e o menino sem camisa, tava na friagem só de fralda. E os pessoal também teve uma vez que falou que ela deixou o menino cair dentro do buraco do sofá e custou a achar o menino, só achou porque ele tava chorando. Ele é meio... tipo que ele vai aposentar porque ele é meio [inaudível] mas ele sabe aquela pessoa que tem duas personalidades? Do nada ele surta aí ele é meio assim. ... ele me chamava de pai, minha mãe ensinou ele a chamar de irmão. Mas eu gosto dele pra caramba como se fosse da barriga da minha mãe. Um irmão, mato e morro por ele (Ricardo).

— [...] sair né tem que deixar um filho aí.

— Você falou que não quer mulher mais. Sozinho não tem jeito né.

— Eu não quero uma mulher prá namorar.

— Pra fazer filho pode?

— É claro.

— Mas ela vai ter que cuidar do menino pro resto da vida.

— Eu vou pegar ele pra mim. De maior eu quero ter um filho pra mim cuidar dele. Eu quero ser pai também, estar presente, tranquilo. ... assim que eu sair daqui.

— E o que você acha que vai mudar na sua vida depois que você tiver seu filho?

— Tudo, muda tudo né.

— Por quê?

— Ah seu jeito de pensar, você pensa mais vezes antes de fazer as coisas. Igual eu não tenho filho, não tenho um gato pra tratar, eu não penso em nada mesmo não. Eu tendo meu filho vai mudar as coisas na minha vida. Não vou querer ir preso, vou querer ganhar um dinheiro pra sustentar ele, vou trabalhar.

— Mas dinheiro você ganha.

— Mas não desse jeito mais, vou querer um serviço. Porque eu não vou correr o risco de rodar e deixar meu filho pra outro vagabundo cuidar não. É foda (Ricardo).

A paternidade de Carlos ora é apresentada como planejada, ora é apresentada como não planejada. A namorada de Carlos sofreu um aborto espontâneo anos atrás, o que parece ter minado a vontade de ser pai do jovem nessa etapa da vida. Entretanto, posteriormente a vontade da namorada de se mudar da casa dos pais incentivou um novo investimento em

tentar uma nova gravidez. No momento das entrevistas o filho de Carlos era recém-nascido e o visitava quinzenalmente no Centro Socioeducativo. Apesar da prematuridade da paternidade, Carlos apresenta ponderações significativas sobre ser pai na adolescência, mesmo que estas ponderações não tenham sido suficientes para adiar seus planos. Já Hélio, no momento das entrevistas tinha uma filha de quase 1 ano. Diferentemente de Carlos, Hélio não parece problematizar tanto a relação com as atividades criminais e a paternidade, visto que o jovem narra manobras para driblar a polícia enquanto morava com a namorada e a filha, sem refletir sobre as consequências de desempenhar os dois papéis ao mesmo tempo. Entretanto, Hélio também aponta a filha como um dos motivos de ter se entregado para a polícia. Porém, o jovem relata esse motivo apenas uma vez durante as entrevistas, nos demais momentos fala muito mais do apoio do pai como um motivador. Ao analisar as falas como um todo, acredita-se que a filha possa ter sido um dos motivos, mas que a entrega só foi possível a partir da retomada do apoio do pai.

Nas falas de Marcus sobre ser pai se observa que o jovem atrela a vontade de ser pai ao momento da desistência da trajetória infracional. Primeiro a paternidade aparece em uma lista de ações que Marcus pretende realizar ao sair da internação, momento esse que irá encerrar as ações criminais. No segundo momento, Marcus problematiza os motivos de acreditar que a paternidade marcaria o encerramento da carreira criminal, dada a impossibilidade de desempenhar o papel de pai da forma que gostaria se mantivesse as duas trajetórias. Além disso, tanto no terceiro momento, como também no primeiro, Marcus demonstra projetar na possibilidade da paternidade as lacunas afetivas que sente. Assim como em outros momentos da narrativa, Marcus demonstra uma profunda carência afetiva, não só pela falta do pai, mas por não se sentir importante para nenhuma outra pessoa. Parte dessa carência é direcionada à preocupação com a mãe, parte na projeção da paternidade como forma de se tornar importante para alguém. Como a mãe de Marcus possui muitas dificuldades econômicas e de saúde, o jovem sempre se vê no lugar de cuidador, o que se repete novamente aqui, quando falamos do desejo da paternidade. Apesar de não se estender muito sobre o assunto, José também relata ter vontade de ter um filho ao sair da internação. Entretanto, José não pensa tanto sobre ser pai, nesse caso, o filho entraria como um subterfúgio para ajudá-lo a dar prosseguimento na sua vida.

Entre todos os entrevistados, Ricardo foi o jovem que mais discorreu sobre a paternidade, demonstrando ser um tema muito relevante à sua vida. Curiosamente, Ricardo narra um momento de sua vida em que ele retira um bebê do convívio da mãe biológica usuária de crack. Esta criança no momento das entrevistas era criada como irmão de Ricardo.

Entretanto, inicialmente a relação entre o bebê e Ricardo foi descrita de forma dúbia, em que ele ora se descrevia como pai, ora como irmão. Pelo que pode ser entendido, a definição de que ele seria irmão da criança adotada, se deu algum tempo depois que a criança já estava vivendo com a família. Durante as entrevistas, Ricardo relatava a falta de cuidados da mãe biológica com o irmão adotivo com muita indignação. Em alguns momentos ele se colocava como o salvador desta criança. Não é possível afirmar tanto pelas limitações das entrevistas, mas principalmente por falta de formação específica da pesquisadora, entretanto não se pode deixar de traçar um paralelo da relação dessa usuária de crack e seu filho com a relação de Ricardo com seu pai. Em outro momento das entrevistas, Ricardo descreve seus planos de ter seu filho assim que sair da internação. Esses planos também abarcam o encerramento da sua trajetória infracional com o intuito de proporcionar uma melhor criação para seu filho. O que chama atenção nesse trecho, é que Ricardo não pretende se envolver emocionalmente com a mãe de seu filho. Parece uma relação quase que utilitarista. E também nesse contexto, Ricardo relata que “pegaria” o filho para ser criado por ele, longe da mãe, assim como fez com o irmão.

Nas falas dos 3 jovens que ainda não são pais, mas desejam, a ideia de paternidade é vista como um reforço para se encerrar a trajetória infracional, não como uma consequência desse encerramento. Já nas falas dos dois jovens que são pais, os filhos também são motivadores para o desejo de encerramento da trajetória infracional, mesmo que no caso de Hélio, o nascimento desse filho a princípio não foi suficiente para tal.

Portanto, percebe-se em todos os entrevistados a ausência do pai em ao menos parte do curso de vida dos mesmos. Tal ausência impacta negativamente no provimento de recursos materiais e imateriais, necessários ao desenvolvimento desses adolescentes e jovens. Pode-se perceber que nos casos de Hélio e Carlos, por exemplo, durante o período de maior convívio com os pais, estes jovens se mantiveram afastados de trajetórias criminais, mesmo que para Carlos esse convívio fosse intermediado pelo irmão mais velho. Além da falta de suporte na criação dos filhos, o afastamento paterno gerou mágoas e revolta, sendo entendido por alguns jovens como impulsionador do envolvimento criminal, como no caso de Carlos e Hélio. Até mesmo nos casos em que houve uma ruptura não intencional do laço com os padrastos, devido a morte dos mesmos, esse fato também foi citado como impulsionador da prática de delitos, como nos casos de José e Hélio. Já o lado oposto da relação, quando os sujeitos relatam sobre serem pais, observou-se que 2 já possuem filho e outros 3 relatam ter vontade de ser pai em um curto período de tempo. Nesses casos, a paternidade é vista como um caminho para a saída de trajetórias criminais, ainda que a associação entre paternidade e

encerramento destas trajetórias esteja muito mais ligada ao imaginário dos jovens do que a uma realidade objetiva. Percebe-se ainda que a ideia de criar filhos reflete em certa medida uma projeção da forma como os jovens gostariam de ter sido criados pelos pais, muito evidente no caso de Ricardo.

5.1.4 Síntese de compreensão

É importante ressaltar que os indivíduos analisados são jovens, nesse sentido, a juventude é o período da vida das pessoas em que ocorrem diversas transformações comportamentais e de expectativas que acabam tendo um importante impacto na formação da fase adulta. Entre as mudanças ocorridas neste período do desenvolvimento, destaca-se a busca por maior autonomia em relação aos responsáveis, o que em alguns casos enfraquece os laços sociais entre o adolescente e a família, ao mesmo tempo em que se fortalecem os vínculos com outras instituições sociais como amigos, escola, trabalho, entre outros. Dessa forma, são construídos novos vínculos, com novos grupos de socialização, nos quais, o jovem tem a possibilidade de construir novos simbolismos, novos padrões normativos, internalizar novas práticas sociais e construir a própria identidade embasada em narrativas novas (ABRAMO, 1994). Mesmo se considerarmos famílias extremamente estruturadas, com plenas condições materiais e psíquicas de se dedicarem a educação e formação integral das crianças e adolescentes, ainda assim, a adoção de trajetórias criminais pode ocorrer pelo simples fato de que os sujeitos refletem os constrangimentos da estrutura social e do contexto de suas criações e que possuem certa autonomia nas escolhas que moldam a identidade individual.

Por outro lado, deve-se problematizar a centralidade da família como instituição responsável pela transmissão dos valores socialmente esperados e controle do comportamento das crianças e adolescentes. Poucas vezes são consideradas as características e particularidades dessa família, qual a capacidade material ou imaterial que estas possuem para o cuidado das crianças e qual a implicação de seus membros com tal propósito. Como foi observado, algumas famílias possuem questões de vulnerabilidade agravadas, não sendo autossuficiente em sua gestão e necessário a ajuda de outras pessoas. Em outros casos, membros dessa família, adultos possuem envolvimento criminal ou somente reproduzem valores do “mundo do crime”. Ou seja, como pode ser visto, não somente a falta de supervisão devido a questões de ordem socioeconômica é um entrave no controle do comportamento dos jovens. Em alguns casos, a própria família é a responsável por transmitir valores que corroboram com as atividades criminais, como no caso de Marcus, Hélio e Carlos

que foram criados observando adultos (pessoas de referência) que exerciam práticas criminais. No caso de Hélio, a relação é, no mínimo ambígua, dado que a mãe e a avó apesar de terem um discurso contrário ao envolvimento do jovem com o tráfico de drogas, ao mesmo tempo aceitam o dinheiro proveniente desta atividade.

A imbricação entre os valores do crime e os valores convencionais merece uma atenção especial, traduzida nos estudos de Gabriel Feltran (2008) sobre a cena política em que as disputas de poder nas instituições, são vistas antes como disputas por legitimidade. Principalmente nas sociedades com elevado grau de desigualdade social, a disputa política se traduz em quais sujeitos e terrenos serão legítimos. A partir de uma análise histórica, o autor busca demonstrar como as mudanças nas dinâmicas sociais possibilitaram a legitimidade do “mundo do crime” como uma alternativa possível. Movimento este que se iniciou nos anos 1990, a partir da incorporação dos sindicatos por partidos políticos, tornando os primeiros subalternos aos segundos, gerando assim insatisfações para os moradores das periferias urbanas, compostas majoritariamente por famílias migrantes de trabalhadores da indústria.

Ao mesmo passo, a divisão entre o que era parte do “mundo do crime” e da orbita convencional deixou de ser algo exterior, pois nesse período, os “bandidos” já eram vistos entre os membros das famílias e as associações invadidas por pessoas envolvidas com tráfico de drogas, reflexo da expansão da forma de vida ligada ao crime. Dessa forma, o “mundo do crime” passou a fazer parte ao menos da vivência cotidiana de grupos populacionais, não sendo mais tão distante da realidade. A partir de 2004, crises em diversas áreas da vida ordinária (emprego, religião, movimentos sociais) das periferias urbanas impactaram (sem excluir) as relações sociais e a sociabilidade dominante. Neste cenário, também se observou a expansão da criminalidade violenta nestes territórios, alterando assim as fronteiras entre os dois mundos “era todo um mundo social que se deslocava, e outro que se apresentava como alternativa. E na tensão e na coexistência entre um e outro, redefiniam-se o que era socialmente legítimo” (FELTRAN, 2008, p. 97). A coexistência de dois mundos (convencional e do crime) ambos legítimos como formas de vida nas periferias, fica mais evidente com a passagem geracional, onde os jovens, que nasceram nos anos 1990, vivenciaram as crises (do trabalho, família, religião e projeto de mobilidade social) como parte do processo de autopercepção enquanto ser social (FELTRAN, 2008).

Portanto, as frustrações decorrentes de quebra na expectativa de uma melhoria de vida ou ascensão social por meio da via institucional-legal, fizeram parte da sociabilidade primária destes jovens, sendo assim, constitutivas da forma como eles se veem perante a estrutura social. Por outro lado, estes jovens conviveram paralelamente com as normativas e atribuições

de sentido próprios do “mundo do crime” que se expandia nos locais onde residiam, ganhando legitimidade entre os moradores. Formas de vida paralelas, própria das práticas criminais (sejam elas violentas ou não), ganham legitimidade a partir do enfraquecimento da legitimidade estatal. Por este motivo, sistemas de relacionamentos paralelos (centrados no crime) são fortemente associadas a formas de vida dos grupos mais prejudicados pela desigualdade social, os quais a ordem social convencional não garante uma participação plena no tecido social (FELTRAN, 2008).

Além da falta de garantias de que a família seria a instituição responsável pela transmissão de valores tradicionais, da composição familiar poder representar valores associados ao "mundo do crime", a falta de uma estrutura familiar capaz de exercer o controle do comportamento das crianças e adolescentes, também aparece como impulsionadora da adesão a trajetórias criminais. Como pode ser percebido, dos 6 jovens do estudo, apenas 2 possuem um adulto responsável pelos cuidados das crianças durante a maior parte de seus cursos de vida. Curiosamente, Beto e José, os casos que não desempenhavam trajetórias criminais anteriores ao homicídio, relatam terem sido cuidados pelas avós ou mães durante todo o período da infância e da adolescência. Com ressalvas para o caso de José, cuja avó não residia no mesmo domicílio, tornando essa vigilância um pouco mais afastada e possibilitando que o adolescente passasse grandes períodos na rua sem supervisão.

Entretanto, nas falas de José é possível perceber que ao retornar para a casa, o adolescente era cobrado pela sua ausência e ainda possuía responsabilidades domésticas. Já nos casos de Ricardo, Hélio, Carlos e Marcus, percebe-se nas narrativas uma ausência de supervisão e de controle por parte dos adultos responsáveis. Nos casos de Carlos e Marcus percebe-se uma vacância na figura do responsável, o primeiro pela morte do irmão que era quem desempenhava o papel de cuidador (mesmo não sendo adulto), no segundo pelas questões de agravo de saúde da mãe que indicam uma baixa capacidade de vigilância.

Já nos casos de Ricardo e Hélio percebe-se que há um esforço de subversão dos papéis, protagonizado em certa medida pelos próprios sujeitos. Ricardo busca manipular os responsáveis para estrategicamente obter mais facilidade em desempenhar seu comportamento desviante, nesse caso através da omissão parcial de informações à avó e à mãe, desde muito novo. Já Hélio se coloca como o provedor da família ao perder o padrasto, o que parece ser aceito sem contestações pela mãe e pela avó, não é possível dizer se esse relato faz parte da fantasia do jovem de performar o “sujeito homem” ou alguma necessidade familiar ou mesmo um acordo dessa família.

Nesses dois últimos casos, a partir do momento em que família "descobre" o envolvimento criminal dos adolescentes, esse controle parece ser rompido de vez. Fazendo uma analogia ao trabalho de Feltran (2008), pode-se dizer que assumir o comportamento criminal perante a família seria como transpor a fronteira entre o "mundo do crime" e o "mundo convencional". Apesar da dificuldade de transposição da fronteira pelos indivíduos, é comum que objetos e mercadorias, como dinheiro e bens roubados, ultrapassem tal fronteira sem nenhuma dificuldade. Não é incomum a compra de produtos roubados por pessoas que não se identificam como criminosas, nem mesmo esse ato (apesar de ilegal) gera julgo moral danoso para a pessoa que o comete.

Recursos financeiros provenientes do crime comumente são empregados em atividades convencionais, como aquisição de bens materiais. Além disso, as normas de conduta do "mundo do crime" também são relatadas pelos indivíduos que nunca foram membros dessa "comunidade", mas que em alguma medida tem consciência delas. Ambos os casos, Feltran (2008) atribui ao modo como as fronteiras do crime se aproximam dos círculos sociais de toda a população, principalmente a residente nas periferias.

De forma generalizada, a análise da relação na fronteira é comparada ao campo de disputa de legitimidade entre a o mundo social convencional e o "mundo do crime". Essas disputas se baseiam principalmente na atribuição de sentidos, que se pretendem legítimos, as ações específicas de cada grupo. Um exemplo disso é o caso do X9 (delator), em que o rótulo é atribuído pela quebra a uma norma do "mundo do crime" (de não delatar). Seu sentido é conhecido pelos membros da comunidade, ainda que não concordem, e a punição ao ato de "xisnovar" (muitas vezes com a morte), é um recurso legítimo no "mundo do crime", mas ilegítimo no mundo convencional pela imposição da lei ao homicídio.

Em suma, foi possível observar que o papel da família na formação de trajetórias criminais se dá em primeira medida pelo caráter ambíguo das moralidades compartilhadas pelos seus membros. Dessa forma, não sendo possível atribuir somente à instituição família o papel de transmissão de valores convencionais, como pressuposto. Considerando mesmo que em alguma medida a família, ou parte dela, comungue de alguns valores que ao menos em discurso promovam o afastamento do comportamento criminoso, as questões objetivas socioeconômicas e a configuração familiar são um entrave para a vigilância e cuidado com as crianças e adolescentes, que em alguns momentos experimentam uma troca de papéis importante para a facilitação de comportamentos desviantes. Por fim, atrelado a configuração familiar, foi observado que a ausência da figura paterna na criação das crianças e adolescentes

é prejudicial para o processo educacional e de formação desses sujeitos, seja por enfraquecer os mecanismos de controle, seja por causar prejuízos emocionais aos filhos.

5.2 A formação de trajetórias infracionais

Neste capítulo iremos analisar aspectos relacionados com o desenvolvimento de trajetórias criminais nos cursos de vida dos jovens do estudo. É importante pontuar que se considerou jovens que desenvolvem trajetórias criminais, aqueles que praticaram atos infracionais de forma continuada, independentemente do tipo de ato. Apesar de todos os participantes deste estudo terem cometido um ato infracional análogo ao homicídio, e por isso correspondente a uma prática criminal, este ato isolado, sem a recorrência de nenhum outro ato não é suficiente para dizer que o indivíduo possui uma trajetória infracional. Portanto, dos 6 jovens analisados, 4 possuem trajetórias criminais muito bem definidas, com atuações em vários atos infracionais e alguns deles em tipos diferentes de infrações. Os 2 jovens que não desenvolveram trajetórias criminais propriamente ditas também serão analisados na medida em que narraram eventos ou fatos que possam ser comparados com os demais. Para o melhor entendimento dos aspectos selecionados, se faz necessária uma breve descrição do envolvimento criminal dos atores. Marcus, de 17 anos, internado em Unidade Socioeducativa desde os 16, relata ter iniciado o uso de drogas por volta de 8 a 9 anos. O início da trajetória infracional como vendedor de drogas não tem data precisa. Em alguns momentos Marcus relata ter iniciado a trajetória infracional aos 14 anos. Em outros relata ter iniciado aos 11, coincidindo com a época em que começou a usar cocaína e aos 14 teria se tornado o gerente da boca. O adolescente não relata ter outras passagens.

Ricardo tem múltiplas passagens pelo Sistema Socioeducativo, cumprindo medidas de privação de liberdade dos 15 aos 16 anos, quando evadiu. Foi apreendido 3 meses depois pelo descumprimento da medida, ficando internado até os 17 quando foi liberado. Ainda com 17 (cerca de 6 meses depois) foi apreendido novamente e permaneceu internado até os 18 anos quando evadiu novamente, já após o fim do campo desta pesquisa. Ricardo relata o início do uso de drogas por volta de 10 anos, quando parou de estudar. Segundo o adolescente, ele teria iniciado sua trajetória infracional cometendo furtos e roubos à mão armada, isso por volta de 13 anos. Posteriormente, ingressou no comércio de drogas ainda aos 13 anos. Entre as internações, Ricardo relata momentos de suspensão da trajetória infracional por curtos períodos de tempo e o retorno motivado muito mais pelos homicídios do que pela venda de drogas. O Tráfico entra na vida de Ricardo como uma atividade meio, não sendo necessariamente seu objetivo.

Já Hélio, apesar do contato muito próximo com o mundo do crime, relata ter iniciado sua trajetória infracional em torno de 14 anos com a venda de drogas. Iniciou o uso de maconha aos 13 anos, e foi apreendido pela polícia a primeira vez com 14 anos, mas não foi internado para cumprimento de Medida Socioeducativa. Por volta de 15 anos, Hélio relata ter sido internado provisoriamente por ser pego em um carro roubado, mas afirma não ter participado do roubo. Aos 16 anos, Hélio afirma novamente ter sido internado provisoriamente por porte de armas. Também narra ter sido apreendido por períodos curtos após os 16 anos por tráfico e por homicídio. A última internação no momento das entrevistas se deu aos 18 anos quando Hélio diz ter se entregado pois estava com mandado de prisão em aberto.

Por sua vez, Carlos relata ter iniciado sua trajetória infracional por volta dos 13 anos com a venda de drogas. Dos 12 anos até os 15, praticava a pichação. A família de Carlos o levou para morar com a avó no interior do estado, no intuito de interromper a trajetória infracional, entretanto não obtiveram sucesso, já que o jovem também cometeu atos infracionais neste local. A primeira internação de Carlos aconteceu dos 17 aos 18 anos, quando o jovem evadiu da Unidade de internação e ficou foragido até os 19, quando novamente é apreendido e retorna para o cumprimento de Medida de Internação. Durante o período em que ficou foragido, Carlos relata ter interrompido a trajetória infracional por alguns meses e retornado a venda de drogas posteriormente com o intuito de juntar dinheiro para o chá de bebê do filho que estava para nascer, momento esse que planejava encerrar definitivamente esta trajetória.

José e Beto não relataram ter desenvolvido trajetórias criminais. Apenas José relata uso de maconha e pilotar moto sendo menor de idade. A única passagem pelo Sistema Socioeducativo que ambos descrevem é a atual e se deu pelo homicídio cometido isoladamente.

Apresentados os resumos acima, iremos em seguida explorar alguns fatores que se julga pertinentes para entender os caminhos percorridos pelos jovens até o cometimento de homicídios.

5.2.1 Os pares

Como visto na sessão anterior, a família tem um papel fundamental na socialização dos indivíduos, principalmente quando crianças. Em alguns dos casos aqui discutidos se observou que o primeiro contato com vivências criminais se deu justamente por membros da

família, sejam eles do núcleo familiar ou da família mais extensa. A partir da adolescência se intensificam os contatos e os vínculos fora do ambiente doméstico, causando também transformações na forma de pensar e agir dos sujeitos. Esse processo é comum para todas as pessoas e fazem parte da construção da identidade e assimilação das normas sociais. Nesse contexto, a companhia dos pares é parte significativa nas adoções de tipo de comportamentos, sejam desviantes ou convencionais (ABRAMO, 1994). Para entendermos parte do desenvolvimento das trajetórias criminais dos 4 indivíduos do estudo que as desenvolvem, se faz necessário trazer a luz alguns pontos fundamentais da Teoria da Associação Diferencial proposta por Sutherland (1940) nos quais o autor teoriza sobre o comportamento criminoso. Segundo o Sutherland, as práticas criminais não são natas ou ligadas a fatores biológicos, mas socialmente construídas através de processos de aprendizagem, desenvolvidos na interação com grupos de pessoas próximas. Durante o processo de aprendizagem são aprendidas desde técnicas para executar o crime, sejam elas simples ou mais complexas, até mesmo motivos, impulsos, racionalizações e atitudes atribuídos ao delito. Os motivos, impulsos e racionalizações estariam no nível agregado, e dizem respeito ao compartilhamento de formas de ver o mundo de grupos de pessoas que favorecem o desenvolvimento de padrões de comportamento criminoso em detrimento de grupos que fomentam padrões de comportamento anticriminosos. Segundo o autor, o desenvolvimento ou não de comportamento criminoso estaria atrelado à maior ou menor exposição do indivíduo a pessoas de um grupo em detrimento de outro. Dessa forma,

[...] qualquer tipo sistemático de criminalidade, é aprendida; que ela é aprendida pela associação direta ou indireta com aqueles que já haviam praticado o comportamento; e que aqueles que aprendem esse comportamento são segregados de frequentes e íntimos contatos com comportamentos obedientes à lei. O fato de uma pessoa tornar-se criminosa ou não é determinado amplamente pela comparação da frequência e intimidade dos contatos com esses dois tipos de comportamento (SUTHERLAND, 1940, p. 11–2).

A partir da Teoria da Associação Diferencial, acredita-se que a forma como os jovens do estudo se relacionam com os pares antes do início dos atos infracionais e como essa relação se modifica no desenvolvimento da trajetória infracional são importantes para auxiliar no entendimento deste processo. Dos 6 jovens estudados, 4 relatam desempenhar uma trajetória infracional e 5 relataram fazer uso de drogas. O consumo desse tipo de substância, principalmente em idades mais novas, reflete não só um risco à saúde, mas geralmente também está associado ao envolvimento do adolescente em situações de maior exposição ao

risco de ser vítima de violências. O consumo de drogas, presente nos relatos, é também um hábito social e, conseqüentemente, compartilhado com os pares na convivência cotidiana.

Fumo maconha desde os 12 anos. Quando eu vendia droga eu fumava 50, 70 grama por dia. Lá na minha quebrada até se você não envolver você tá fumando, o outro tá te dando, tá bolado outro. Chega outro com baseado. É 24 hora fumando. Tem vez que os cara nós meia, 100 grama. Uns 10 cara pega 1 quilo por 200 real, cê pega umas 100 grama por 100 real (Carlos).

O uso de drogas não é uma condição para o desempenho de trajetórias criminais, e tão pouco os usuários de substâncias ilícitas necessariamente apresentam também um comportamento criminal. O uso destas substâncias consiste em um comportamento desviante, no sentido que desvia da norma formal. Além disso, quando praticado em idades muito novas em alta frequência como relatado pelos sujeitos, reflete processos de falta de supervisão e controle dos responsáveis. Na passagem acima, Carlos relata o uso de uma grande quantidade de maconha que é compartilhado com os pares, os colegas da “quebrada”. Como se pode perceber, esse uso de maconha é naturalizado, como uma característica dos moradores do local, não somente dos envolvidos nas práticas criminais.

De todos os entrevistados apenas Beto relata nunca ter feito uso de drogas. O jovem teve experiências com cigarro e bebidas alcoólicas, mesmo assim relata ter feito uso moderado dessas substâncias e parou de consumir álcool. Importante ressaltar que Beto é um dos dois adolescentes que não desempenharam carreiras criminais, entretanto, o cotidiano de Beto se difere significativamente de José, tanto na ocupação do tempo de lazer como no perfil dos amigos. Enquanto Beto relata passar a maior parte do seu tempo livre praticando esportes e saindo para festas uma vez por semana, José relata ter muito tempo ocioso que ocupa andando de moto e fumando maconha com os amigos.

— E você também não fumava maconha ou fumava?

— não.

— nunca fumou?

— maconha não.

— e cigarro?

— cigarro eu já fumei.

— cigarro branco né de papel?

— é mas era só uns também, não era qualquer um era só Gudan cheirinho de canela. Fumava dia de segunda-feira que eu não tava fazendo nada.

— nos rolês?

— é não era viciado que fumava todo dia, fumava só segunda feira mesmo. Agora maconha, esses negócios assim eu nunca usei, nunca cheirei loló. Eu já bebi cerveja, vodka, mas ano passado eu parei de beber, só energético (Beto).

- e seus amigos já fumavam também?
- fumava, os meninos tudo fuma.
- mas quem começou primeiro? Você começou junto com seus amigos?
- eu fumava aí já tinha uns que fumava muito tempo, aí foi só neguinho fumando. E maconha agora todo mundo fuma até médico, relaxa também a gente. É bom demais, você viaja na hora que você fuma, você fica de boa, é bom demais (José).

- eu fico andando de moto. [...]fico andando de moto com os meninos, saio pra todo lado, fico até tarde na rua.
- é uma turma grande que fica com você de moto?
- fica uns 10. [...] sai tudo de moto, põe gente na garupa e sai andando de moto pra todo lado (José).

Sobre o início do uso de drogas, alguns jovens atribuem a amigos ou até mesmo parentes. Mas em alguns casos não é possível identificar como foi esse aprendizado, qual foi a pessoa que apresentou a substância para o jovem.

[...] os amigos era tudo da rua. Todo mundo fumava. Meu tio também fumava. Todo mundo sabia que ele fumava. Ele não fumava na minha frente não mas tem nem como explicar como que eu comecei a usar droga. Nem lembro como que eu comecei a fumar não. Quando a gente fuma esquece de tudo (Carlos).

[...] maconha eu vi os meninos lá fumando também, tinha uns meninos da minha idade que já tava começando a fumar aí foi na época da escola mesmo. Aí teve uns meninos lá que rodou lá na escola fumando maconha. Aí desde esse dia eu já comecei a ficar interessado, querendo provar também (Ricardo).

- [...] mas você tinha fumado só com seus colegas de escola?
- aí no começo não era dependente da maconha e os outros colocava pra nós fumar. Aí depois que você já quer fumar aí você quer fumar sozinho.
- mas os outros de onde?
- os meninos que fumavam.
- da escola?
- da escola, da rua.
- aí já tinha também na rua?
- de rocha.
- tipo uns amigos seu ou você teve que fazer outras amizades?
- faz também conhece pessoa até de outro mundo (Ricardo).

- quem te apresentou?
- meu primo fumava aí eu comecei a fumar com meu primo.
- mas você já tinha parado de estudar?
- tinha, não estudava mais não e meu primo começou a fumar aí eu fui e comecei a fumar também (José).

[...] meu primo usava droga aí ele já tinha mais cabeça, ele era mais velho e já tinha mais cabeça, mais inteirado nas coisas, nos trem de crime aí eu só andava com ele, comecei a usar droga (Marcus).

[...] porque tipo assim eu queria envolver, ficava barra de maconha lá em casa e eu tirava na cara dura, pegava lá e fumava. Um dia, a primeira vez que eu fumei dentro de casa a minha mãe me pegou fumando dentro de casa (Hélio).

Nos relatos acima, Carlos diz não se recordar de quem foi a pessoa que o ensinou a fumar maconha nem como foi esse aprendizado. O jovem atribui o esquecimento ao próprio uso da substância. Já Ricardo relata ter iniciado o uso de maconha com os colegas da escola com quem matava aula, entretanto, em um segundo momento o adolescente já não consegue separar a origem dos companheiros de uso de drogas. Também relata que as amizades mudaram a partir do início do uso de maconha. Já José iniciou o uso de maconha através do contato com o primo após ter abandonado a escola. Marcus também iniciou o uso de drogas a partir da convivência com o primo que segundo o adolescente tinha também uma vivência criminal. Nesse caso podemos perceber uma valorização da suposta maturidade do primo, que se tornou referência para este adolescente, como uma espécie de figura a se seguir, incentivando além do uso de drogas comportamentos criminais. Já o caso de Hélio é mais complexo pois o adolescente morou durante parte de sua vida em um local de venda de drogas. No relato acima Hélio conta que pegava parte da maconha que o padrasto guardava em casa para fazer uso. Portanto, dos 5 jovens que relatam fazerem uso de drogas, 3 deles tiveram seu início atribuído a familiares, 1 na escola e 1 com responsável pelo ensinamento indefinido entre familiares ou amigos. Esse fator faz questionar a crença de que a família é lugar de proteção contra comportamentos desviantes, como apontado na sessão anterior. Ainda sobre o uso de drogas, outro ponto que chama a atenção é a idade de início.

[...] e eu comecei a usar droga com 9 anos. [...] eu fumei maconha com 10, cocaína foi com 11 é tipo escadinha (Marcus).

— isso aí você tava em qual série, você lembra?

— eu acho que eu tava na 4ª [...] ah sei lá. Eu acho que já tinha uns 11 anos (Ricardo).

[...] 14, 15 anos, eu era novinho e já fumava maconha (Hélio).

— eu fumava muito.

— você começou a fumar maconha quando?

— tem pouco tempo.

— quanto tempo?

— uns 2 anos.

— você fuma muito?

— um cadinho.

— tipo todo dia?

— o dia inteiro até na hora de dormir (José).

— mas porque que ele te batia?
— é porque eu fumava maconha antes, com os menino. Que eu era mais novo, ai de vez em quando eu fumava um chá com os meninos da escola que a escola lá só tinha drogado. Ai quando ele ficava sabendo ele batia que não queria que eu ficava... ai também quando eu andava de bicicleta com os cara que usava droga, ele não gostava não. Ai ele me batia que não queria que eu ficava andando com os caras (Carlos).

Todo relato de idade nas entrevistas sofre de imprecisão por necessitar de recorrer à memória. Entretanto os trechos acima nos dão uma ideia aproximada do momento do início do uso de substâncias ilícitas. O adolescente que relata ter iniciado o uso de drogas mais novo é Marcus, que afirma ter fumado maconha com 10 anos e com 11 iniciado o uso de cocaína. Já Ricardo relata ter iniciado o uso de maconha por volta de 11 anos enquanto Hélio aos 14 começou a fazer uso da substância. Enquanto José, que no momento da entrevista tinha 17 anos, relata ter iniciado o uso de maconha aos 15 anos aproximadamente. Carlos não diz ao certo a idade de início do uso de drogas, entretanto, no trecho acima relata intervenções do irmão que datam do início desse consumo. Considerando que o irmão faleceu quando o jovem tinha 13 anos, se atribui o início do uso de maconha anterior a este período. Percebe-se que Marcus e Ricardo iniciaram o uso de drogas ainda na infância¹⁰, enquanto Hélio e Carlos no princípio da adolescência, correspondendo aos 04 sujeitos que desempenharam trajetórias criminais. Enquanto José, que não desempenha trajetória infracional iniciou o uso de drogas mais tardiamente (15 anos) se comparado aos demais.

Por isso, superada a fase da aprendizagem, também foi investigada a forma de vínculos existente entre os jovens e os amigos. Entretanto, as relações que estes jovens estabelecem com os pares nem sempre são orientadas por vínculos afetivos. Para além do consumo de drogas, também foram analisados os vínculos construídos com os companheiros dos grupos sociais de maior convívio fora do âmbito familiar. Os jovens do estudo relataram uma dicotomia em relação possibilidade de confiança nos pares. Em alguns casos, as relações com os companheiros se restringem a relações análogas ao ambiente de trabalho, distantes e frequentemente a baseadas na suspeição.

Os cara gosta de por gente pela ordi na pista. Gente que tem dinheiro. Ai se rolar guerra os cara vai ficar só dando derrame na boca? Ninguém gosta disso não. O negócio é ver todo mundo bem, sem neguim ficar crescendo o olho nos outro. Se você tem uma moto pra andar ai o outro também tem, o outro tem um carro, se precisar troca. Tem revólver, esses trem. Não é só

¹⁰ Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Art. 2º, considera-se criança pessoas com até doze anos incompletos e adolescentes entre doze e dezoito anos de idade.

ficar usando droga. Tem gente que vende droga só pra ficar usando, pra manter o vício (Carlos).

— cada um tem suas coisas, eles é tranquilo, dá pra confiar.

— como assim?

— cada um tem suas armas, cada um tem seu crack, cada um tem sua moto; cada um tem suas coisas e ninguém se envolve pra não dá problema entre nós. Se precisar empresta, mas cada um já tem o seu mesmo (Ricardo).

Carlos e Ricardo relatam em alguns pontos que, a condição financeira e a capacidade de comprar bens duráveis dos traficantes era indicativa para evitar conflitos entre os membros da boca de fumo. Segundo o raciocínio apresentado, os companheiros que não conseguiam ter uma estabilidade financeira eram vistos como um risco tanto para a boca como um todo (nos casos de guerra) quanto para conflitos interpessoais. Ricardo já conta uma outra forma de manter a estabilidade nas relações entre os membros da boca da qual faz parte. Nesse caso, tanto os bens duráveis (moto e armas) quanto a droga comercializada eram de propriedade de cada indivíduo, não havendo bens comuns. Os companheiros de Ricardo apenas compartilhavam o ponto de venda de drogas e estabeleciam acordos de ajuda mútua quando necessário. As preocupações e cuidados com a coesão do grupo descritas por Carlos e Ricardo refletem que são necessárias estratégias para a manutenção da coesão do grupo, ou seja, não são relações de amizade que ligam as pessoas envolvidas no comércio de drogas, exigindo estratégias de gestão dessas pessoas que pelo que pode ser percebido, se baseia na redução do conflito interno.

— Porque a minha mãe pega um dinheiro meu também lá da boca que eu tenho plantão. Tipo toda 3ª feira os meninos vendem a minha droga, aí eles dá ela os meu 1500 reais que é 24 hs de meio dia de hoje até meio dia de amanhã. Aí os cara entrega o dinheiro da droga lá que é meu.

— mesmo você estando preso?

— não pilantra porque dá mais e eles tiram tipo uns 100 reais, 200 reais, isso é normal no mundo do crime, mas eu nem ligo não (Hélio).

O trecho acima corrobora com o achado de que em alguns casos, o comportamento criminal é fomentado pela própria família, como evidenciado no caso de Hélio, em que a mãe e a avó utilizam o dinheiro proveniente do tráfico do adolescente para o sustento da casa. Entretanto, outro ponto deve ser destacado, o que diz sobre as regras do “mundo do crime”. As regras de cada ponto de venda de drogas diferem, mas em todos existe a preocupação em estabelecê-las para evitar o conflito interno do grupo. Hélio, por exemplo, relata um acordo em que os companheiros de “trabalho” destinam um dia da semana para realizarem parte do

trabalho que seria dele, não deixando a sua família desamparada. Entretanto, Hélio paga uma espécie de comissão pelo serviço. Nesse ponto, apesar de saber que há divergências entre o valor vendido de fato e o valor informado, as relações estabelecidas por uma regra moral ampliada conferem algum grau de confiança nesse processo. Cabe ressaltar que essa confiança não é sobre aquele indivíduo que está vendendo a droga por Hélio, mas que o mesmo e seus pares estão sob um conjunto de moralidades, que garante, em certa medida, o controle social necessário para gerar tal confiança.

— no começo era mais legal roubar do que vender droga?

— era porque você não tinha que dar nada a ninguém. Droga não, droga você trabalha pra você e pros outros. Agora ali se você acertar a boa você pode curtir o seu dinheiro. Você é doido eu curtir foi é muito com 15 mil, acabou foi assim (Ricardo)

Essas regras são mais organizadas principalmente para o desempenho da atividade do tráfico de drogas. Analogamente ao funcionamento de uma empresa, onde existe um grupo que compartilha espaços de trabalho, possui uma hierarquia bem definida e onde são necessárias regras afim de evitar conflitos internos. Ricardo, no trecho acima, compara a venda de drogas com a prática de roubos, onde a primeira ele está submetido à uma hierarquia e às regras do grupo e a segunda seria como um trabalho autônomo, no qual o jovem assume sozinho os riscos, mas também os lucros, como dito por Lyra (2013), “Autônomos do 157 e Assalariados do 12”. Entretanto, vemos também que as falas são contraditórias no que se refere à confiança nos pares. Ao mesmo tempo que o compartilhamento de moralidades do “mundo do crime” confere mais previsibilidade ao comportamento dos companheiros de crime, sobretudo do tráfico de drogas, ainda assim as relações são marcadas por constante tensionamento, baseando-se também na desconfiança.

De vez em quando eles falam que não deu dinheiro nenhum aí eu falo é isso mesmo Zé. Porque se eu dependesse ou não daquilo lá eu não ia morrer de fome, eu não dependo da boca pra mim ser vivo não. A minha família tem condição graças a Deus. Isso aí eu sou tranquilo (Hélio).

Eu tenho certeza que no dia que tomei tiro foi casinha. Por isso que quando eu sair daqui eu não quero voltar pro bairro (Carlos).

— mas como que você acha que eles descobriram que foram vocês depois desse tempo?

— pra mim eu acho que foi o de maior que falou.

— que foi vocês?

— é porque ele dizia que tinha combinado com o primo dele pra segurar só que o menino tinha 16 anos, fez 17 em janeiro. [...] o Ronaldo é primo dele. Disse que ele queria que os de menor segurasse pra ele pra aliviar o

problema dele e nós temos certeza que ele colocou o nome de todo mundo. Ele fala que foi a namorada dele, mas como que ela ia saber que era nós? [...] Eu tenho certeza que foi ele que contou (Beto).

Hélio, Carlos e Beto relatam casos objetivos em que possivelmente os parceiros traíram sua confiança. Hélio conta sobre a suspeita de que os parceiros mentem acerca do valor vendido no dia do seu plantão na boca, que deveria ser repassado à sua família. Nesse caso, como o jovem diz não depender desse dinheiro, a quebra de acordo não gerou desavenças. Entretanto, situações semelhantes tem grande potencial para desencadear conflitos. Carlos por sua vez, relata acreditar que o incidente que provocou sua apreensão e no qual sofreu um ferimento a bala foi orquestrado por seus próprios companheiros de crime. Já Beto, que não possui trajetória infracional, relata uma quebra de confiança com os colegas que participaram do homicídio cometido. Sobretudo sobre o primo de seu amigo, o “de maior” que chamou os demais para a situação que acabou desencadeando no homicídio. Nesse caso, o primo citado é a pessoa de menor afinidade com Hélio, que não possuía laços de amizade fortes com o jovem. Além da desconfiança proveniente de casos objetivos como estes, também existe a desconfiança subjetiva, que se baseia nas experiências anteriores dos jovens com os parceiros de crime, e moldam a forma de se relacionar com os mesmos.

[...] foi e nós roubava junto também, mas eu gosto mais de roubar sozinho porque não tem ninguém pra falar que foi você e quando você pega muita coisa é só sua (Ricardo).

Hoje em dia só tem Judas. Aí eu confio só ne mim mesmo, na minha família. Nem confio nesses cara de rua não. Que esses próprio amigo seu que aperta sua mão quer derrubar ocê, quer matar ocê. Ai eu nem confio nesses cara não. Hoje em dia tá tudo assim. Sempre foi assim no crime né, todo mundo fala que é assim, a gente não acredita, a gente só acredita quando acontece com nós. Altos amigo meu já morreu por causa de casinha, traiagem, esses trem (Carlos).

A fala de Ricardo é um bom exemplo de desconfiança baseada em uma vivência criminal. Mesmo não acontecendo um fato objetivo com o adolescente, o mesmo molda seu comportamento, preferindo roubar sozinho, a partir de uma premissa de que o parceiro é um delator em potencial. Carlos também fala de forma genérica sobre a desconfiança nos parceiros de crime e atribui o fato à um fenômeno recente. A família aparece no discurso do jovem como um contraponto, onde se pode confiar. Importante observar que a desconfiança é mutua, e diz muito mais do tipo de relação do que dos indivíduos envolvidos. Assim como as regras das bocas são criadas e algumas delas até compartilhadas entre diferentes grupos de

traficantes, a desconfiança como base das relações entre os membros desses grupos parece ser inerente à atividade criminosa. Ou seja, ao transpor ao nível micro, a confiança pelas regras observada anteriormente não se sustenta.

O negócio é juntá dinheiro. Que sempre o patrão testava nois, falava assim: me empresta 2000 lá , 1000 real. Ai tipo testava nois. Ai eu falava que tinha direto. Ai ele fala “precisa não vei. É só pra ver se você tá juntando dinheiro mesmo”. Ai por isso também que eu acho que fui crescendo. Os cara lá da quebrada gosta de ver os outro crescer, andando de veículo. Eu com 14 ano eu tive minha primeira moto (Carlos).

Querendo ou não, não nenhum que envolve daquele naipe que já matou os outros, esse cara que vai pra igreja que fala que isso, isso, isso e aquilo. As vezes nem é aquilo que é. A maioria deles já vendeu uma droga ali na biquera e quer falar que já matou. Eles que não sabe que nós tem, porque eu tenho certeza que qualquer um que tem uma guerra ai, já tiver matado uma pessoa, pode até perguntar pro Ricardo, que qualquer um que já matou não tem como ele sair do crime e morar na mesma comunidade não, ir pra igreja. Você acha que tem? Já matou o fulano, as vezes não tem ninguém da família dele que tá no crime. Mas as vezes pode ter 1 que vai entrar no crime, revoltou. Sempre vai ter 1 pra cobrar. Agora esses caras aí, a maioria desses pastor é tudo mentiroso (Carlos).

O “patrão” de Carlos demonstra a desconfiança na capacidade de resposta de seus funcionários medindo se eles são capazes de guardar certa quantidade de dinheiro. Como dito acima, na boca que Carlos atua, ter uma condição financeira estável é visto como indicativo de que a pessoa está mais apta a trabalhar sem gerar problemas. Por este motivo, o “patrão” simula situações para checar a capacidade de acumular capital dos outros componentes do grupo. Em outro momento, Carlos demonstra desconfiar inclusive do discurso de pessoas que se convertem à religião evangélica e dizem ter um passado de crimes. Segundo o jovem, essas pessoas tendem a exagerar no discurso mentindo sobre os tipos de crimes cometidos. De todos os jovens, Carlos foi o que mais relatou desconfiança com os pares. Ele também é o jovem que mais pareceu estar empenhado em um movimento de encerramento da trajetória infracional após o nascimento do filho e também é o jovem mais velho de todos os entrevistados (19 anos). Com base nos dados não é possível afirmar que estes fatos possuam alguma correlação, entretanto, apesar da dificuldade em medir o encerramento de uma trajetória infracional, o fator idade é um consenso entre os criminólogos (PÊKALA et al, 2021). Entretanto, são constatações que sugerem um olhar mais crítico com sob as experiências criminais e abre um campo a ser estudado posteriormente.

[...] é jogava bola junto. Agora amigo mesmo de sair assim pra lanchonete era mais o primo dele. Ele era mais tranquilo, mais de boa, eu nunca vi

também ele brigando na rua assim. Discutindo só jogando futebol que é normal discussão de jogo. Só assim na rua eu nunca vi ele discutir com ninguém, brigando (Beto).

Aí ele ia final de semana jogar bola, jogava em outro estádio, outro campo, outro time. Mas se for ver nós 3 jogava bola tudo junto. E era tranquilo, os meninos eram tranquilos, os meninos não fumava maconha, não era de envolver assim. [...] eu só não esperava isso deles (Beto).

Em contraponto à desconfiança, bastante marcada nas relações dos jovens que possuem trajetória infracional, as falas de Beto chamam a atenção por narrar um convívio muito próximo com os amigos. Os trechos acima demonstram um profundo desapontamento de Beto com os amigos por terem cometido o crime de homicídio. Vale ressaltar que o adolescente não se coloca como autor nessa fala. Nesse caso, Beto descreve um comportamento tanto dele como dos amigos dentro do esperado socialmente, sem nenhum tipo de desvio de conduta, até muito pacífico. O cometimento do homicídio na narrativa aparece como um corte abrupto no curso de vida, sem indicativos prévios de que fosse ocorrer, e no último trecho se consolida como um elemento de surpresa que gera decepção do comportamento dos amigos.

5.2.2 Início da trajetória infracional

O curso de vida de Marcus, Ricardo, Hélio e Carlos antes de iniciarem suas trajetórias criminais possuem algumas semelhanças, mas também se diferem em alguns pontos. Marcus é o único dos adolescentes que relata uma situação financeira com muitas restrições e dificuldades. Enquanto Carlos e Ricardo contam de uma infância e início da adolescência sem muito conforto, mas sem privações de alimentação e acesso a bens duráveis. Somente Hélio descreve ter uma família mais abastada e até mesmo conviver com certos luxos, muito disso proveniente da situação financeira do pai. Já no que tange a vigilância, todos os 4 jovens vivenciaram momentos na infância ou início da adolescência em que as pessoas responsáveis pelos cuidados não tinham condições de exercer um controle mais assertivo sobre os seus comportamentos. Ricardo e Hélio relatam terem morado com as avós durante certo período. Nos dois casos os jovens narram este evento como uma escolha pessoal afim de garantir maior liberdade para comportamentos que não eram possíveis residindo com suas genitoras. Já Marcus e Carlos relatam situações de saúde de suas mães que limitavam a capacidade em vigiar e acompanhar as ações dos seus filhos. Além disso, Marcus, Hélio e Carlos coabitaram

com familiares habituados a práticas criminais. Nesse subcapítulo analisaremos alguns pontos que ajudam a entender o início das trajetórias criminais desenvolvidas por estes 4 jovens.

Por mais que o pano de fundo da entrada dos jovens em trajetórias criminais foi sendo demonstrado até aqui, os eventos que desencadearam o início dessas trajetórias nos casos de Marcus, Ricardo, Hélio e Carlos não são simples de serem entendidos. Todos eles, quando perguntados declaram terem um motivo que seria o *ponto de virada* do início das trajetórias criminais.

Depois os polícia matou meu irmão voltando da escola eu fui e comecei a envolver. Meu irmão morreu em 2012, aí finalzinho de 2012 eu já comecei a envolver, aí eu fui, eu comecei a vender droga, fumar maconha (Carlos).

[...] era demais e aí depois que ele morreu (primo) aí que eu fiquei o capeta, aí nisso aí que eu comecei a ficar doido nesse lugar e eles tentou matar meu irmão também aí eu fiquei muito doido. [...] mas depois o trem começou a ficar mais doido ainda depois que eu entrei pro crime. Mas aí é diferente né.

— Por que você queria vender? O que passou pela sua cabeça?

— Ah eles matou meu primo, deu uns BO lá na rua, aí eu surtei e comecei a vender droga (Marcus).

[...] com 14, 15 anos a minha mente começou a mudar. [...] nem com a minha mãe eu ficava de brincadeira não. Ela gostava de ficar me chamando de bebê e eu falava: não fica com esses trem de me chamar de bebê mais não, eu sou é homem já. Ela falava: nossa filho você tá ficando muito rebelde. Eu falava: ne não é que eu tô mudando. Aí nisso aí eu já comecei a envolver no crime, já fiz muita treta (Hélio)

— mas o que você mais quis é por causa do dinheiro?

— dinheiro, mas precisar eu não preciso não porque se fosse pra ter minha mãe me dava de tudo. Eu envolvi porque eu quis mesmo (Ricardo).

[...] eu tava andando no meio da rua de bicicleta, já era tarde da noite e eu cismeí de invadir a sorveteria e o dono me pegou. Nem cheguei a roubar nada não, só que eu fui preso no roubo (Ricardo)

— ah sei lá do nada eu já desci com a intenção de roubar mesmo, mas eu tava com medo de pular nas coisas e os outros reagir porque eu tava sem arma, essas coisas. Aí eu vi aquilo lá fechado e tentei entrar lá pra dentro, mas eu já fui na intenção de roubar alguma coisa.

— e por que?

— ah sei lá eu queria roubar, queria arrumar um dinheiro (Ricardo).

O motivo declarado do início da trajetória infracional desenvolvida por Carlos e Marcus consiste em um evento muito bem delimitado, a morte de um familiar. Carlos em diversos momentos da entrevista relata ter iniciado a trajetória infracional devido ao assassinato do irmão pela polícia. Nesse trecho ele também diz que o consumo de drogas se iniciou também pelo assassinato do irmão. Entretanto no subcapítulo acima vimos que o jovem, em outro momento, relatou o uso de maconha antes do falecimento do irmão. No caso de Marcus, o assassinato do primo e a tentativa de assassinato do irmão são considerados pelo

jovem como o motivo para ele “surtar” e iniciar a trajetória infracional. Percebe-se que ele não faz uma relação direta entre os eventos da morte do primo e da tentativa de homicídio do irmão com o início da venda de drogas. Essa relação é intermediada pelo fato dele “surtar”. Já Hélio e Ricardo declaram motivos mais subjetivos para o início de suas trajetórias criminais. Hélio descreve curiosamente como uma marca muito delimitada no tempo o momento em que sua mente mudou. Devido a essa afirmação tão marcada, a mudança psicológica do jovem foi considerada como um evento. Essa mudança de sua mente se relaciona com o amadurecimento que o jovem acredita ter e esse amadurecimento foi o responsável pelo início do envolvimento criminal. Percebe-se que este amadurecimento também representa masculinidade na fala do adolescente, ambas características necessárias para o desenvolvimento de atividades criminais segundo o mesmo. A explicação para o cenário da criminalidade observada a partir das décadas de 1980 -1990, estaria amparada na ideia de quebra do modelo de família tradicional até então concebido, onde foram perdidas as condições materiais de provedor familiar do pai e morais da mãe, surgindo um novo tipo de masculinidade marcada pela virilidade guerreira. O novo etos guerreiro, desenvolvido pelos jovens tem como característica a masculinidade exacerbada, sendo a expressão do “[...] individualismo egoísta e atomizado” (ZALUAR, 1994, p 114). Em outras palavras, os jovens são marcados por um pensamento egoísta na busca de ganhos individuais, atingidos através de expressões da violência como meio de atingir tais ganhos. Nas falas de alguns jovens, mas principalmente de Hélio, quando apresenta como justificativa para o início da trajetória infracional ter “virado homem”.

O último caso é o mais complexo de ser analisado por a princípio aparentar não haver um evento ou um motivo claro para o início da trajetória infracional de Ricardo. O adolescente em diversos trechos reafirma que o único motivo para o cometimento do primeiro furto foi sua vontade pessoal, quase como se fosse uma decisão descolada de outras questões. Durante a realização das entrevistas com Ricardo, por vezes foi um desafio encontrar fragilidades em seu discurso. O jovem apresentava uma necessidade exacerbada de ser lido como forte, autônomo e buscava afastar a fala de sentimentos ditos vulneráveis. Acredita-se que a atribuição do início da trajetória infracional à uma escolha aparentemente racional seja também um mecanismo para reafirmar sua imagem inviolável. O estranhamento inicial com a justificativa de Ricardo para a entrada na trajetória infracional, que a princípio se difere das demais motivações apontadas pelo adolescente, foi compreendida posteriormente como parte dos significados compartilhados do mundo do crime. Em seus estudos sobre a criminalidade no Rio de Janeiro, Zaluvar (1994) aponta que era comum ao conduzir as narrativas que os

homens mencionavam sempre a escolha pessoal como início da prática criminal. Entretanto esta fala diz respeito a construção da imagem necessária para corresponder aos valores da cultura criminal, de masculinidade.

Fiquei bolado, falei “a polícia que era pra ajudar nois tá matando, vou virar é bandido mesmo”. [...] Ne favela ninguém gosta de polícia não. Mas querendo ou não eu pensava “nó era pra eles fazer uma coisa boa pra nós e eles tá matando inocente?” se meu irmão envolvesse era uma coisa, mas meu irmão nem envolvia. Aí fiquei “a vou começar é vender droga mesmo”. Já comecei a vender droga (Carlos).

[...] eles [os traficantes] dava uma boa ideia né. Pra eu não envolver, que eles pensava em saí da vida loca mas não tem como mais. Mas aí eu falei ‘a não vei tô querendo ganha dinheiro véi. Tô aguentando fica na pedra não zé. Policial matou meu irmão eu tô bolado já’. Aí foi eles deixo eu começar a vende droga (Carlos).

[...] eu tava bolado porque os policial matou meu irmão ai eu fui e entrei no crime. Antes eu ralava de lava jato. Meu irmão tinha uns trem lá de lavar carro, moto, que ele também trabalhava no lava jato. Ai lá em casa nós ralava de lava jato. Eu e mais dois colega meu. Ai depois que aconteceu isso aí, aí eu fui e pedi para vende droga (Carlos).

Mais do que enumerar os eventos que os jovens apresentaram como motivos para o início das trajetórias criminais, interessa a esse estudo entender como estes eventos foram interpretados para que em decorrência dos mesmos a adoção do comportamento criminoso fosse o caminho eleito. Carlos, cujo motivo declarado como *ponto de virada* de início da trajetória infracional é a morte do irmão, narra em diversos momentos que esse evento gerou uma revolta no mesmo. Revolta essa que pode ser percebida tanto quando ele compara levar uma vida dentro nas normas, de forma similar a vida que o irmão levava e ainda assim isso não foi suficiente para garantir a integridade física do irmão. Mas também revolta pelos autores do homicídio do irmão serem policiais, quebrando a expectativa de proteção que essa categoria profissional deveria garantir.

[...] foi boa até minha mãe pegar meus primos que tava em orfanato aí minha mãe pegou eles pra criar aí nisso aí eu comecei a desandar, comecei a usar droga, comecei a conhecer a vida do crime (Marcus)

— qual a relação com eles terem matado seu primo e você ir lá vender?

— era praticamente meu irmão.

— sei, mas eu quero entender como você pensou, por que foi?

— eu liguei o fudas e a minha tendência é matar ou morrer.

— sua tendência?

— é agora é matar ou morrer (Marcus).

Já Marcus que declara que o *ponto de virada* de entrada na trajetória infracional foi a morte do primo e a tentativa de homicídio do irmão, constrói a narrativa em um tempo cronológico maior, como se a entrada na trajetória infracional se desse a partir do momento que seus primos passam a morar com ele até a entrada de fato. Marcus diz conhecer a vida do crime a partir da convivência com os primos, o que também fortalece os vínculos entre eles, sendo considerados como irmãos. A morte desse primo/ irmão aciona um modo de pensar em que o jovem não mede as consequências, “liga o fudas” e se coloca a partir daquele momento como um sujeito que pode ser “matável” e também propenso a matar, indo ao extremo da desvalorização da vida, sua e dos demais.

[...] minha mãe era maior palhaça (modo de dizer) ela falava: agora você tem o saco cabeludo, agora você já é homem, você fica esperto, muda suas atitudes. Aí eu já comecei a ficar mais maduro com uns 14, 15 anos. Parei de brincar com aquelas brincadeiras bobas de palhaçada, já comecei a ficar mais sério mesmo (Hélio).

[...] sua mente muda porque você tá convivendo só com homem né, aí quando os caras é moleque a gente já vai na experiência e falo: oh mano vira homem, você vai ficar fazendo tal e tal coisa assim. Isso é atitude de moleque mano, vira homem. Aí os caras fala assim: como assim virar homem? Ué zé é virar homem, parar de brincadeira, de idiotice, isso aí é coisa de moleque mano, coisa de criança. Vai ficar fazendo essas coisas? Zuando um ao outro? Esses negócios é palhaçada (Hélio).

[...] tem porque você já é bandido e a vida do crime não é brincadeira não, você vai ficar de brincadeira com o trem? Você vai morrer, vai ser preso. Porque querendo ou não morte e cadeia é os dois caminhos que nós tem, nós que é bandido, mas é foda né. Mas é isso mesmo porque o crime não é pra vida toda também não sô. Uma hora você arruma um emprego, vê que não dá pra você mais, uma hora você abre sua mente, sua família te ajuda (Hélio).

No caso de Hélio, que relata que a entrada no tráfico de drogas se deu pela mudança de seus pensamentos, fica claro que o jovem faz uma distinção entre as atitudes que são esperadas quando se é criança e quando se passa para a fase adulta. Na fala de Hélio é sucumbido o período da adolescência. Pode-se perceber que a adoção por atitudes mais ditas maduras é inclusive incentivada pela mãe. Entretanto, Hélio faz uma junção entre atitudes esperadas de um adulto e as atitudes esperadas de quem tem envolvimento criminal. A expressão “virar homem”, também muito marcante no discurso do jovem reflete como Hélio se vê, ou seja, como alguém que era criança, por apresentar comportamentos de criança, que em um dado momento da vida se transforma em um homem, com atitudes de adulto e apto para desempenhar uma vivência criminal. Mais uma vez a transformação da criança para o homem não é descrita como um processo ao longo do tempo, ao contrário, se assemelha a

uma virada de moeda, onde de um lado está a criança e do outro o adulto, com tudo que esses opostos representam. Importante ressaltar que ainda que a vida criminal esteja atrelada à condição de “virar homem”, na fala de Hélio, o mesmo ainda projeta expectativas no futuro, no momento da desistência da trajetória infracional, onde novamente a mudança de trajetória tem como pré-requisito uma mudança psicológica “abrir a mente”.

Além dos motivos declarados como responsáveis pelo ingresso dos jovens em trajetórias criminais, também foram identificados durante as narrativas, outros eventos que impulsionaram a entrada. Esses eventos podem ser cumulativos aos eventos ditos como motivadores, onde a somatória das significações desses eventos propiciou a entrada em trajetórias criminais. Em outros casos, podem trazer elementos muito mais significativos e com desdobramentos subjetivos mais importantes do que o próprio evento assinalado pelo jovem como o motivador.

— Fiquei foi bolado, minha mãe chorando 24 horas.

— E como vender droga ia mudar a situação?

— Pra ganhar dinheiro e esquecer das coisa. Querendo ou não, eu comecei a envolver, tipo assim, eu não esqueci meu irmão, mas querendo ou não no começo eu tava bolado, mas querendo ou não você vai distraindo a cabeça ali, você vai num corre, você esquece de tudo.

— mas antes de entrar você não sabia que iria ser assim, que iria distrair.

— Eu tava querendo mesmo era fazer ruindade com os outros sô. Porque trabalhando eu não ia conseguir, eu tava muito novo. E também eu tava bolado já. Querendo ou não minha mãe trabalhava mas ela não tinha condição de me dar as coisa. Nós queria andar de tênis de 1000 real, 700 real, aí comecei a envolver pra comprar minhas parada, conseguir comprar minhas coisa. Queria andar com uns pano dá hora também. ... Antes que o meu irmão tinha morrido eu nem ligava pra esses trem de roupa não. Eu fui ligando depois que meu irmão morreu. Tipo minha mãe me dava tudo que eu queria Kenner, Timberland, eu tinha esses trem tudo. Mas a gente quer um pouco mais das coisas. Eu via os bandido tudo andando com blusinha de mil, de Nike de mil, aí eu pensei ‘vou começar a envolver mesmo, já matou meu irmão mesmo’. Ele que me segurava, ele que me dava sempre uma boa ideia. Eu acho que eu comecei a envolver mesmo foi falta de boa ideia. Meus tio não me dava boa ideia. Minha mãe mesmo ela nem dava, é tipo como se eu ficasse tipo aquelas mulher que nem liga pra nada mais, que só sabe chorar, só sabe ficar dentro de casa. Ela até largou o emprego por causa disso aí. Ele começou a trabalhar depois de 1 ano. Aí eu falei “vou começar a envolver sô. Minha mãe também ela dava uma boa ideia, mas quem sabe dar boa ideia é irmão da gente, o pai também que é homem sabe como que nós é. Mas a gente não sabe (Carlos).

A fala de Carlos é um exemplo de como o evento da morte do irmão desencadeou vários processos que somados foram os impulsionadores para o início da venda de drogas. O jovem elenca como outros motivos além do assassinato do irmão a situação psicológica da

mãe, vontade de ganhar dinheiro, ocupação do tempo para esquecer o evento traumático e perda da referência masculina. Sem dúvidas a morte do irmão foi o evento central, entretanto é possível perceber que já existia anteriormente a este evento uma vontade de obter recursos financeiros para consumir itens de marca e até mesmo uma certa admiração pelo estilo de vida dos “bandidos” que conhecia. A morte do irmão é entendida como um aval para realizar as práticas ilícitas. Após o evento, o quadro de sofrimento da mãe que o jovem descreve também é lido como um motivo para a entrada da trajetória infracional, tanto pelo fato de o jovem demonstrar querer se afastar dessa realidade, quanto pelo enfraquecimento da capacidade de supervisão e controle dessa mãe. A busca pela fuga da lembrança do evento também é citada como motivação para o início no tráfico de drogas que também se torna um escape para a indignação causada pelo assassinato do irmão. O conjunto desses eventos/ motivos, reflete que para o jovem o irmão cumpria um papel de controle importante, como referência de masculinidade, em algum momento parecendo até mesmo haver uma transferência da figura paterna que era ausente. Lembrando que o discurso acontece em um período de tempo depois dos fatos, portanto reflete a significação que o jovem faz de seu curso de vida pregresso. Ainda assim, Carlos atribui inclusive o papel de controle ao irmão que já o faz em substituição à figura do pai. Com o falecimento desse irmão, Carlos não encontra outro substituto para “vaga” de responsável, já que sua mãe não atende aos requisitos, primeiro por ser mulher, segundo por estar enfraquecida com o fato. A falta dessa figura de autoridade é então o motivo construído para não conter os impulsos (vontade de consumir) do cometimento de atos infracionais, e a ação é revalidada posteriormente também como uma forma de escape dos sentimentos causados por essa morte.

[...] na noite que o pai do meu irmão morreu foi a primeira vez que eu ia tipo virar uma noite e minha mãe falou: não, sentou lá na rua e falou que se eu não fosse embora que ela ia ficar lá. Eu falei então fica aí então. Aí o menino que eu conhecia de infância também falou: não zé vai embora, não deixa sua mãe na rua aqui não. Amanhã você volta aí. Vai lá no enterro do seu padrasto. O pai do meu irmão chamava Rodrigo também, o mesmo nome do meu pai. Aí eu chamava ele de pai também. Aí eu fui e nisso eu fiquei mais revoltado ainda. No velório eu vi a família toda chorando e eu passei até mal (Hélio).

— Eu ficava com o revólver na vista dela porque eu escondia revólver. Aí nisso ai de vez em quando que estava apertado eu dava ela dinheiro, dava ela uns 500 reais pra ela fazer uma compra bacana pra dentro de casa. Tipo assim se você vai dar 50 reais pra sua mãe fazer uma compra, ela vai comprar só carne. Eu já dava ela uns 500, 600 reais e já comprava tudo pro meu irmão pequeno. Já pensava no meu irmão pequeno. Eu chamava ele no canto e perguntava o que ele gosta de comer. Ele falava biscoito e tal. Eu falava mãe anota aí pra você poder comprar pro meu irmão aí. Só anota o

que tá precisando aí. Quando eu já não tinha dinheiro já chegava felizão e falava eu não tenho dinheiro, mas pelo menos a geladeira tá cheia. Igual a gente ia na casa da minha avó porque ela não trabalhava, era desempregada aí de vez em quando eu via a geladeira vazia eu já dava ela 700 reais. Ela ficava doida: pra que esse tanto de dinheiro? Eu falava vó você já compra tudo aí de uma vez aí bom que quando não tiver dinheiro pelo menos a geladeira vai tá cheia pra senhora fazer o almoço pra senhora aí. Aí ela ia lá e comprava.

— Seu padrasto fazia isso antes quando ele estava vivo?

— Foi eu tipo tomei o papel dele. Aí eu tive a minha filha e comecei a morar sozinho com a mãe dela (Hélio).

Já Hélio que atribui a entrada na trajetória infracional a seu amadurecimento, ao detalhar os processos que aconteceram após essa entrada acaba revelando a significação que a morte do padrasto teve no seu curso de vida. Obviamente que a vivência em um ponto de venda de droga desde a infância contribuiu significativamente para que a atividade fosse uma opção concreta de subsistência. Entretanto, é também simbolicamente importante que o primeiro dia do início da trajetória infracional é justamente o dia da morte do padrasto. Assim como no caso de Carlos, Hélio descreve que a morte do familiar gerou uma revolta que também foi canalizada para a atividade criminal. Entretanto, subjetivamente na fala do jovem é mais expressivo que a morte do padrasto criou a necessidade de que outra pessoa assumisse seu papel de provedor. Nos trechos acima, Hélio demonstra como se sentiu ocupando o lugar do padrasto, se responsabilizando pelo sustento da família, mas além disso, um lugar pautado na masculinidade, comprovadamente pela repetição da palavra “homem” no discurso de Hélio quando conta do seu amadurecimento. Portanto, pode-se aferir que a morte do padrasto subjetivamente provocou uma súbita mudança psicológica em Hélio a sua “mudança de mente”, necessária para que o adolescente pudesse ocupar o espaço deixado pelo padrasto. A partir disso, o jovem assumiu comportamentos similares ao seu antecessor, praticando o tráfico de drogas e levando alimentos à sua família.

— roupa, tênis, chinelo porque quando você é menorzinho assim você quer sempre andar na modinha, bonitinho. Aí eu já tava começando a ganhar um dinheiro e tava vendo todo mundo do meu lado andando só bonitão. E na época minha mãe tinha condição, mas eu não queria... me dar essas roupas cara, de marca, essas coisas aí eu já queria tudo caro. Aí foi aí que eu também entrei pro tráfico, por conta dessas coisas aí.

— aí você quis envolver no tráfico por causa de comprar essas coisas?

— é. (Ricardo).

— ah sei lá eu queria roubar, queria arrumar um dinheiro.

— Pra que? Tinha alguma coisa específica?

— Sair, comprar roupa. Quando você é mais novo você quer comprar é roupa. Queria arrumar um dinheiro (Ricardo).

— ah sei lá eu queria ser rico, mas também eu acho que envolvi mais porque eu queria ter carro, moto, essas paradas. Eu acho que foi por isso mesmo, essas coisas. Porque eu não passava fome, tinha o que vestir, minha mãe me dava dinheiro, não tinha necessidade de envolver não.

— Mas você queria mais do que ela podia te dar?

— Eu queria andar de carro, andar de moto.

— Mas isso muito novo.

— Muito novo com 13, 14 anos. Aí eu falei vou ter e tive, mas tomaram de mim. E quando tomavam eu ia e comprava outra. Mas eu também nunca gostei de roubar moto, essas coisas dos outros não. Isso aí eu sempre gostei de comprar a minha mesmo.

— Por que?

— Ah roubar dos outros... se eles pode comprar por que eu também não posso? Ninguém é melhor do que eu não. Isso aí que era meu pensamento. Pra você ver de menor na minha quebrada só eu que tinha moto. Carro eu não tinha porque eu não sabia dirigir (Ricardo).

— Eu achava que tava agradando eles.

— E você queria muito agradar eles?

— Quando eu era novo queria.

— Pra que?

— Eu queria colar com eles, queria ter o que os cara queria ter.

— Era pra ter conceito?

— Ah sei lá eu queria agradar. Hoje em dia eu nem faço questão mais (Ricardo).

O motivo apresentado por Ricardo como o impulsionador para a entrada na trajetória infracional foi a sua decisão pura e simples. Entretanto, quando se discorre mais sobre o assunto, aparecem outros elementos importantes. A princípio o jovem revela ter vontade de adquirir bens de consumo que não era possível somente com os recursos financeiros da mãe. Ricardo tem ambições altas, desejando obter desde roupas de marca até carros e motos. Em uma das falas o adolescente é mais específico, dizendo que gostaria mesmo era de ser rico. Curiosamente, as altas ambições de Ricardo sempre são precedidas pela fala de que era muito novo quando iniciou a trajetória infracional, dando a entender que o pensamento não persiste na atualidade. Além disso, percebe-se também um componente relacionado ao orgulho ou até mesmo uma crítica a desigualdade social, dado que o jovem não desejava obter os bens de qualquer forma, mas sim mediante a compra, como qualquer outra pessoa. Mesmo o adolescente assumindo a prática do roubo, para ele, o dinheiro proveniente do roubo poderia financiar o consumo dos bens desejados, mas o bem em si não poderia ser adquirido mediante o roubo, o que na visão do mesmo seria um comportamento inferiorizado. Entretanto, contraditoriamente, em determinado momento Ricardo se vangloria de, no seu bairro, somente ele possuir moto em uma idade muito nova. Portanto, apesar de desejar certa igualdade, no que diz respeito a poder de consumo, o jovem também demonstra se regozijar

quando está em vantagem em relação aos seus iguais. Além disso, também se percebe uma vontade de ser aceito entre os “caras”, ter os bens que estes possuíam.

— você fica muito nervoso assim?

— Ah fico, mas tipo assim as pessoas não consegue ver não porque eu não demonstro. Eu fico pra mim tá ligado aí as vezes quando eu tô sozinho assim começo a esmurrar a parede, vou dormir.

— Mas sempre foi assim?

— Às vezes eu extravaso de outro jeito. Na rua eu já furto, passo a mão num revólver.

— O que te deixa nervoso?

— Muita coisa, nem sei descrever não, a coisa acontece do nada, a pessoa te deixa nervoso. Vamos supor alguém tá me devendo um dinheiro eu vou cobrar ele e ele começa a esconder aí o primeiro passa batido. Eu vou de novo cobrar ele e ele vai e corre de mim, esconde de mim, aí eu começo a ficar nervoso que eu já nem quero mais o dinheiro aí eu quero bater nele, fazer alguma coisa. Muita coisa me deixa nervoso. Igual isso aqui me deixa nervoso (Ricardo).

— te dá raiva isso?

— Porque se eu não tomasse essa capacetada eu não tava no crime, eu envolvi mais no crime mesmo porque eu fiquei cheio de ódio de tomar umas capacetadas à toa.

— Entendi.

— Aí foi triste.

— Você se sentiu como quando você tomou as capacetadas?

— Um zé ninguém porque eu tô apanhando dos outros na rua à toa.

— E você achava que isso ia mudar a forma como os outros te enxergavam, tipo seus amigos?

— Não [...] só não queria deixar os outros me fazer de qualquer um na rua (Ricardo).

Como dito anteriormente, Ricardo se preocupava muito em manter uma imagem forte durante as entrevistas, por isso, as motivações de entrada na trajetória infracional foram sendo reveladas a conta gotas, somente após vários encontros. Uma das características mais evidentes e que o jovem faz questão de evidenciar logo a princípio é a agressividade. Essa característica também foi apontada como um dos impulsionadores para a realização de alguns crimes, principalmente aqueles praticados de forma impulsiva. Em um momento bastante revelador, Ricardo narra um evento que ocorreu antes da entrada na trajetória infracional, onde o jovem estava andando na rua sozinho, indo fazer compras no centro da cidade. Na ocasião, um outro jovem desconhecido parou em uma moto ao seu lado e proferiu um golpe com o capacete em seu rosto. Esse evento abalou a autoestima de Ricardo, segundo o mesmo, fazendo com que ele se sentisse um “zé ninguém”. O jovem durante algumas passagens voltou a esse evento como um símbolo de mudança, a partir do qual não se permitiria mais se sentir desvalorizado novamente. Ao analisar todo o discurso, algumas conexões entre as falas

sugerem a hipótese de que a dificuldade em demonstrar fragilidade, a busca pela construção de uma imagem forte, remetem ao evento da agressão sofrida anos antes. Sendo assim, a adoção de práticas criminais serviria ao propósito de garantir o respeito almejado quando era “muito novo”.

Nos casos de Carlos e de Hélio, as perdas familiares resultaram na ausência de uma referência masculina. No primeiro caso essa ausência configurou falta de controle, enquanto no segundo, essa ausência provocou a substituição dos papéis. Marcus e Ricardo também sofreram uma perda familiar importante, o primo e a avó, respectivamente, entretanto não parecem alterar a dinâmica familiar como nos casos anteriores. Considera-se que o *ponto de virada* de Carlos foi a morte do irmão. A condição de saúde mental da mãe e o desejo por consumo acabaram se tornando fatores que propiciaram que o evento da morte do irmão se tornasse um *ponto de virada*. No caso de Hélio, a morte do padrasto foi o *ponto de virada* para o início da venda de drogas. Os processos psicológicos a partir dessa morte o levaram a assumir o papel do padrasto foram decisivos para que esta morte também se tornasse um *ponto de virada*. Já no caso de Marcus, o *ponto de virada* foi a morte do primo, como o mesmo relata. Entretanto, devido ao contato que o jovem já possuía com a rotina dos traficantes de seu bairro, a morte do primo se apresenta como uma justificativa para a entrada nessa trajetória que estava sendo pensada mesmo antes do evento.

[...] é aí meu primo começou a vender droga e eu fui e comecei também. Eu comecei tipo ficava olhando pra eles, eles vendendo e eu ficava olhando pra ver se vinha alguém. Aí depois aconteceu isso com meu primo aí eu fui e fiquei revoltado aí falei que ia vender droga. Cheguei no gerente e aí ele falou que eu ia começar amanhã, já foi e me deu a carga. Eu já fui e de manhã já tava na pista vendendo (Marcus).

O *ponto de virada* de Ricardo aconteceu bastante tempo antes da entrada de fato em uma trajetória infracional e consistiu no evento de quando o adolescente foi agredido inesperadamente. Esse evento desencadeou processos psicológicos e de reposicionamento de imagem que progressivamente ocasionou a adesão a atividade criminosa. Portanto, a partir das análises, percebe-se que o evento só se torna um *ponto de virada* quando as interpretações subjetivas de Ricardo provocam mudanças duradouras tanto de comportamentos quanto posição social frente aos interlocutores. Ao indagarmos as motivações para a entrada em trajetórias criminais, se pode perceber que em todos os casos, os motivos são múltiplos. Nem sempre fica claro para o jovem qual é esse motivo, nem mesmo se houve um evento único

responsável pela mudança em seu curso de vida. Esse fato corrobora com a hipótese de que os *pontos de virada* são processuais, ao menos ao se tratar de trajetória infracional.

5.2.3 A Construção do Bandido

Além dos motivos, alguns aspectos contextuais facilitaram a entrada dos jovens em trajetórias criminais. Como dito anteriormente, estes aspectos fazem parte do pano de fundo em que os eventos que motivaram a entrada ocorreram.

Meu tio conversava com o dono da boca. O dono da boca ficava lá em casa. Guardava lá em casa, por causa que a garagem era grande, ficava tudo deles lá em casa. E meu tio olhava o bar dele. Aí nós já tinha um convívio já. Desde pequenininho, antes deu envolver, até quando meu irmão era vivo (Carlos).

O irmão dele, o Rogério, a primeira vez que eu fui roubar foi com ele e com meu tio. Na época ele tinha revólver e falou: não sô você é novo, você tem que começar é por baixo. Tipo me incentivando na vida do crime (Hélio).

— mas eles já te conheciam então de vista lá da quebrada e tal?

— Já.

— Você já tinha feito favores pra eles?

— Já.

— Tipo buscar alguma coisa?

— Já eu não saía da pista não, ficava só lá.

— Antes de você entrar pra trabalhar ficava lá por que curtia ficar lá?

— Eu gostava de ficar lá com os caras conversando, fumando maconha (Marcus).

— ah numa quebrada lá perto de casa mesmo eu comecei a fumar maconha e do nada comecei a envolver com os cara, a ficar sentado no meio deles e ver os cara cheio de dinheiro. Aí eu comecei a pegar umas droga pra vender e tô aí até hoje (Ricardo).

— E quando você começou a colar lá na boca, antes de você entrar pro tráfico mesmo, você ficava lá trocando ideia, fumando com os meninos e você fazia algum tipo de serviço? Tipo buscar alguma coisa?

— De vez em quando eles pediam pra buscar um refrigerante, umas coisas.

— E te davam uma grana?

— É tipo assim pagava o moto táxi e eu ia lá no restaurante buscar um marmitex e a gente ganhava um também ou senão ganhava um dinheiro. Umas coisas (Ricardo).

Em todos os casos dos jovens que desenvolveram trajetórias criminais, existia uma convivência com as pessoas que vendiam drogas em seus locais de moradia. No caso de Ricardo e Marcus, havia também a realização de pequenos serviços e favores para os traficantes locais. Já Carlos e Hélio, o parentesco com pessoas envolvidas nos crimes locais

garantiam aos jovens um acesso diferenciado e credibilidade para ganhar a confiança dos responsáveis pela atividade no local. Portanto, antes mesmo dos eventos ocorrerem, todos os jovens já possuíam algum convívio e conhecimento sobre as atividades ilegais de seu território. Sendo assim, a opção por trajetórias criminosas foi uma escolha dentro de um universo familiar para os mesmos.

Dentre as habilidades, costumes adquiridos após o início da trajetória infracional, o uso de armas de fogo foi unânime entre os jovens que desenvolveram trajetórias criminais. Alguns relatam uma relação utilitária do objeto, necessária ao ofício da venda de drogas.

Eu tinha dinheiro, mas eu perdi tudo. Eu comprava mais arma, roupa esse trem. As moto que eu tinha em dia o civil levou tudo na operação lá na quebrada. Ai eu nem comprei moto em dia mais não. Tava andando só com os clonado mesmo. Nem tava querendo usar droga não. Comprando só arma mesmo. Querendo ou não você tá na vida do crime você tem que ter uma arma. E a arma é o que mais roda. Eu já perdi tudo também nem quero mais nada não (Carlos).

— foi o mais doido que eu achei, dei nele uma espadada. [...] uma bichona assim japonesa, escrita umas letras japonesas nela. Eu dei nele espadada demais.

— Onde você arrumou uma espada?

— Eu tenho um contato. [...] o homem da quebrada ele é colega do comando vermelho do RJ. Nós é fechadão com o Comando Vermelho.

— E aí eles mandam as paradas pra quebrada?

— Manda, nós temos peças demais [...], submetralhadora, Glock, .40, fuzil. Ih tem um bocado de peça, eu não sei de cor, tem peça demais (Marcus).

— sozinho eu peguei 15 mil aí nesse dia eu fui de revólver.

— Foi a primeira vez que você usou o revólver?

— Foi.

— Quem te arrumou? Você pegou emprestado?

— Peguei emprestado e dei uma micharia pro mano que me emprestou, 1000 reais.

— E de onde você conhecia esse cara?

— Lá da quebrada mesmo.

— Da boca?

— É (Ricardo).

Na fala de Carlos o jovem conta sobre bens que adquiriu com o dinheiro ganho com a venda de drogas. Parece fazer parte da rotina a perda desses bens devido a apreensões policiais. Mesmo assim, o jovem relata uma persistência na compra de armas por ser um bem que é necessário para o desenvolvimento da atividade criminal. Já Marcus relata também o uso de outros tipos de armas, no trecho acima, o uso de uma espada, item incomum para a atividade criminosa. Marcus atribui o acesso à espada por seus parceiros de crime estarem ligados ao Comando Vermelho, o que traria para a boca um arsenal bastante robusto para o

desempenho das atividades criminosas no local. No caso de Ricardo, o mesmo conta que a primeira vez que teve acesso a arma foi proveniente da boca a qual era vinculado. Mesmo que a utilização tenha sido para cometer um assalto, se pode perceber que foi a atividade de venda de drogas que garantiu a existência da arma no grupo de pares de Ricardo.

Assim como dito no início dessa sessão, o desempenho de uma atividade criminal normalmente é aprendido. A utilização de armas de fogo também necessita de alguma aprendizagem, por se tratar de uma técnica que não é difundida socialmente.

— o primeiro revólver que eu peguei foi o oitão, nem sabia desmontar não.

— Era de quem?

— Era nosso mesmo da boca lá. Aí eu peguei o oitão e não sabia mexer. Eu tirei as bala primeiro aí eu falei com os caras me ensina a mexer nisso daqui zé. Os caras: oh zé esse revólver aqui é o mais simples é só colocar as bala, apertar e dar tiro. Aí o que pega tem como você aprender a mexer no cano por causa das PT. Eu já tirei as bala já aí você puxa e vai voltando pra você aprender porque tem tipo uma pressão, aí você tem que aprender a controlar essa pressão.

— É tipo uma regulagem?

— Você puxa aí pra você voltar o cano é só você apertar e voltar não porque bate e desfaz, você tem que pôr peso no dedo, apertar, por peso no dedão aqui e voltar devagar. Não pode voltar muito rápido não, tem que voltar devagar senão dispara o revólver.

— Mas é complicadíssimo. E você aprendeu isso como?

— Aprendi de um dia pro outro. Isso aí do cano foi mexendo, mas montar e desmontar foi televisão mesmo, essas coisas (Hélio).

— Eu já sabia destravar porque eu ficava só mexendo, mas nunca tinha dado tiro não.

— Você ficava tipo manuseando.

— Eu já sabia.

— Quem te ensinou a atirar?

— Sozinho comecei a apertar o gatilho e tava saindo só rajada de fogo (Ricardo).

No trecho acima Hélio relata com riqueza de detalhes as instruções recebidas dos colegas da boca para o manuseio de uma arma de fogo. Também relata ter obtido informações sobre como montar e desmontar assistindo a televisão. Esse fato chama a atenção por ser uma técnica complexa e mesmo em obras que mostrem algum personagem desmontando uma arma, como o objetivo não é fornecer uma aula aos telespectadores, a princípio se acredita que o processo não é mostrado com detalhes. A técnica foi aprimorada com o manuseio diário das armas que estavam disponíveis para o uso na boca em que Hélio passou a trabalhar. Já Ricardo, relata ter aprendido a manusear a arma também através do contato com o objeto. No caso de Ricardo pode-se dizer que o jovem é um autodidata, que teve o acesso ao objeto facilitado pela relação com o tráfico de drogas.

Na época eu tinha 14 anos aí eu fiz 15 anos quando eu comecei a envolver na Pedreira. Aí eu fiz 15 anos e os cara já viu que eu era mais maduro nas ideia, sabia mexer no revólver aí eles deixavam o revólver só comigo de menor, só eu ficava ferrado (Hélio).

— Ah desde os 13 anos que eu já andava armado [...] é eu não tava nem aí. Acho que foi por causa disso também eu já era meio estourado e com a arma na mão você fica até mais homem. Aí foi nessa hora.

— Você se sentia mais importante com a arma na mão?

— Mais importante não eu me sentia alguém.

— Por que antes você não se sentia alguém?

— Ah ninguém tinha respeito né, porque até então eu não tinha uma arma na mão e tomei umas capacetadas, depois eu comecei com a arma na mão e ninguém viaja em mim mais. É isso aí que me dá raiva (Ricardo).

Simbolicamente, o uso da arma de fogo também representa poder ou certo tipo de reconhecimento por parte dos superiores hierárquicos. Hélio conta que a permissão para que o jovem utilizasse armas ainda quando era menor de idade na boca em que trabalhava, significava um reconhecimento por parte dos superiores, já que a permissão não era dada aos demais menores de idade. De forma mais profunda, Ricardo relata que a partir do momento que passou a portar armas no seu cotidiano passou a ser respeitado pelos outros. Ricardo retoma o evento traumático da agressão sofrida para justificar a proteção que sente a partir do momento que passou a usar a arma de fogo.

Além do uso da arma de fogo, toda uma normativa é criada com a inserção em trajetórias criminais. Essas normativas constituem não apenas um léxico próprio, mas também um conjunto de pensamentos que embasam tanto o comportamento esperado das pessoas envolvidas quanto justificam as consequências destes.

Quando nós tá no crime nós tá sujeito a matar, a morrer, a ir preso, a tomar prejuízo, a ganhar (Carlos).

— já conheço e conheço a cidade na palma da mão. Lá se dar fuga você tem que correr junto com os outros, é cabuloso. Mas lá não tem dessas de correr também não, você tá lá pra matar ou pra morrer. Se chega os homem você para e prega fogo.

— Lá no Rio?

— É o trem é doido.

— Aí deve dar mais medo também.

— Na hora dá, mas é o crime, o crime é o que a gente é. Mas eu sou mais minha quebrada mesmo, você é doida (Marcus).

— A maior parte da minha vida é só no tráfico mesmo e de histórico de matar porquê de resto só vida parada.

— Se não tivesse punição qual vida você escolheria?

— Do tráfico mesmo.

- É isso que você gosta?
- Dinheiro fácil é bom.
- E você acha que isso te define?
- O tráfico mesmo.
- É o tráfico mesmo. Você se enxerga como um...
- Do tráfico.
- Como traficante?
- É, é o jeito (Ricardo).

O pai do meu irmão era gordão, tomou um tanto de tiro e o caixão dele foi caixão fechado. Aí o irmão dele era pastor e falou e eu entendi que foi pra mim: que isso aqui sirva de exemplo, que essa vida do crime pra ele teve só 2 caminhos cadeia e caixão (Hélio).

A inserção em uma trajetória infracional implica também em mudanças nas identidades dos sujeitos. A principal característica dessa nova identidade assumida é a predisposição para matar e morrer, como descrito nas falas de Carlos e Marcus. Marcus também diz que “o crime é o que a gente é”, demonstrando como a atividade acaba se tornando uma característica distintiva da própria identidade. Na fala de Ricardo, o tráfico e os homicídios também aparecem como algo que movimenta a vida, que ocupa o tempo do adolescente. O jovem consegue elencar a vantagem de praticar o tráfico, que seria a obtenção de recursos financeiros de forma facilitada, entretanto, isso não impede que a atividade também defina quem ele é. No caso de Hélio, foi uma fala de outra pessoa que exemplifica como a atividade criminosa se incorporou na maneira como o jovem se vê. Quando o irmão do padrasto fala sobre as expectativas de vida para quem está na vida do crime, o jovem se sente contemplado no discurso.

- E você começou a se sentir parte do grupo quando você começou a tirar foto assim?
- Nem é o grupo não, todo mundo assim é mais Facebook todo mundo tira foto aí os cara fica postando foto no Facebook porque o grupo deles também ninguém entra. Aí eu fico mais suave. Aí os cara lá que já é mais envolvido mesmo, já trafica, esses trem assim.
- O grupo deles que você fala é os cara que é mais envolvido no crime lá do seu bairro mesmo né?
- É.
- Você não cola com eles, mas você sente que faz parte da mesma coisa que eles?
- Ah eu sou de foto mesmo.
- Mas por causa desse TCP? Mas você é separado deles?
- É.
- Você não é a mesma coisa deles?
- É, mas eu só tiro foto mesmo.
- É diferente então né quem só tira foto e quem tá envolvido?
- É porque uns cara que é envolvido já matou lá os cara do bairro, os de lá também. Aí os cara não fica batendo de frente e vem dar tiro na quebrada.

Viu de boné, cordão, eles acha que é envolvido e dá tiro. Faz isso e não quer nem saber (José).

Acerca desse ponto é interessante fazer um paralelo com a fala de José, que não desempenha trajetória infracional. Fica claro na passagem acima que apesar do jovem conhecer os traficantes que atuam no seu bairro, ter certo convívio com eles e até partilhar da forma como eles se identificam nas redes sociais (tirando fotos com símbolos específicos), o fato do jovem não possuir a prática da venda de drogas o deixa fazendo parte de um grupo distinto dos demais. José, apesar de se sentir parte do grupo do “TCP” que faz referência ao bairro de moradia, não se enxerga fazendo parte do grupo dos jovens que desempenham a atividade de venda de drogas, em outras palavras, a identidade de “bandido” não é assimilada por José.

— Ficar com fama de ladrão é paia pra caraio.

— Eu não sabia não.

— Os outros desconfia de você pra tudo. Vamos supor que eu to na sua casa e hoje eu tenho a fama de ladrão, fui preso por várias coisas e some um dinheiro seu lá, nem fui eu e o crime vai cair nas costas de quem?

— Entendi.

— Aí eu parei.

— Mas isso é com todo mundo? Que você fica com fama assim que é paia? Ou com seus parceiros?

— Pros meus parceiros pra eles é maneiro, eles falam: nussa você acertou a boa, nossa ele tá malado, cheio de coisas. Agora para os outros só fica comentando: aquele menino ali roubou tal coisa ali agora, os homem tá atrás dele, esse menino é maior ladrão. Fica assim né. Eu não sei o que eles comentam, mas deve ser tipo isso né. Eu não tô nem aí pra eles não, mas tem um tempão que eu não roubo. Tem um tempão já, hoje até perdeu a graça, o negócio mesmo é vender droga (Ricardo).

Outro ponto interessante de se observar no caso de Ricardo, é que em diversos momentos, o jovem conta que iniciou a atividade criminal através da prática de roubos, e relata preferir praticar este tipo de ato infracional. Entretanto, no trecho acima, o jovem relata as desvantagens desse tipo de carreira, e um possível motivo para a transição para a venda de drogas. Entre os motivos, relatados, o peso da forma como é visto pelos demais é significativo na tomada de decisão pela mudança do tipo de infração cometida.

A forma como é visto entre os parceiros de crime também foi um ponto bastante recorrente nas entrevistas.

Já comecei a vender droga de madrugada. Depois de um tempo que eu já fiz altos trem lá, já matei gente pra carai já, matei 3 pessoa lá na favela lá. Aí foi eles me deu a cara, não precisava de ficar vendendo droga mais não, só precisava de recolhe o dinheiro e olha na pista pra ver se os menino tava na pista. Aí depois eu fui preso, eu saí de maior. Aí eu fiquei na resposta da

favela toda. Aí eu tava na resposta da biqueira de cima e da biqueira de baixo. Aí foi os cara me deu o tiro ai eu rodei (Carlos).

— Empolgação dos amigos também, incentivo dos outros. Quando você tá na vida do crime você quer ter sua primeira experiência né. Porque na vida do crime você mata por conta de guerra, essas coisas, aí eu tive minha primeira experiência por causa disso mesmo. Foi por causa de força de vontade, de querer mesmo. Mas eu arrependo. Mas todo mundo erra né.

— Você mudou de posição lá na boca depois disso?

— Foi depois que eu matei o cara eu ganhei o meu plantão lá, eles me deu um dia da semana na boca. [...] tipo como você dá uma vantagem pro crime, você dá um andamento, tipo assim um passo a mais pro crime aí os cara dá uma passagem pra você também (Hélio).

— E depois você continuou sendo vapor depois do homicídio?

— Não já tava num cargo diferente, só ficava pra pegar o dinheiro mesmo (Ricardo).

Carlos, Hélio e Ricardo contam que após o cometimento do primeiro homicídio tiveram algum tipo de reconhecimento dentro da atividade de venda de drogas. Nos três casos, os jovens receberam uma espécie de “promoção” pelo fato de terem matado outra pessoa.

— Da primeira vez que eu matei aí eu matei e os cara já deixou eu só de PT, começou a me deixar só com revolver mais caro, revolver de 15 mil.

— Mudou muita coisa então depois desse primeiro homicídio ne? E como você se sentiu assim além de tudo que teve de você ganhar o seu plantão, conseguir subir no conceito dos cara, pra você assim pessoalmente?

— Eu me senti mais maduro também eu pensei nó velho agora eu to sendo reconhecido no crime. Porque não é só chegar, pegar a droga e vender não, tem que honrar a camisa que você tá vestindo. Porque o crime não é brincadeira não, a mesma cara que faz você rir faz você chorar também. Não é brincadeira não (Hélio).

Hélio relata com mais detalhes como seu conhecimento prévio sobre a forma de funcionamento da atividade criminal, obtida pela convivência com o padrasto que praticava o tráfico de drogas, o auxiliou a fazer uma leitura de como as relações funcionam neste nicho e assim, conseguir racionalmente ascender rapidamente na carreira.

— No meu ponto de vista nós que é bandido nós também tem que matar ué, você tem que ter uma coisa que não fez ainda. Você tem que fazer uma coisa que você não fez. Mesmo assim também o crime mesmo te enxerga como uma pessoa mais diferente né, fala: o cara já matou, o cara é mais bandido não é moleque não. A gente tem que tratar ele de uma forma diferente. Do meu ponto de vista é assim.

— Você ganha mais respeito ne?

— Também respeito quando você mata ou não mata, dependendo é você que faz o seu crime. Se você for um bandido esperto você vai conquistar muita coisa rápido aí se você for um bandido moleque que só usa droga, se for o bandido ladrão, você vai ficar só no buraco (Hélio).

Eu já comecei desde novinho né vendendo aquele trem todo. Eu já falei ah eu vou ficar em boca vendendo droga? Eu nasci pra ter a minha parte. Eu já fui lá e já fiz a minha cara pra mim ter minha parte. Aí eu já matei e os caras foram lá e me deram o plantão. Aí nisso aí é os outros que vende pra mim (Hélio).

Ah mudou porque sei lá tipo um respeito, alguma coisa. Muda até a conduta dos caras com você. As vezes eles te tratavam na moleza e já não trata mais, o olhar já é diferente, tudo muda mesmo [...] a sensação é que fica todo mundo te olhando né, aí tipo pensando matou um ali e não deu nada pra ele, tá andando tranquilo (Ricardo).

O mesmo jovem, Hélio, também demonstra como acredita que as relações no tráfico de drogas devem ocorrer. Segundo o relato do jovem, a partir do momento que se assume a identidade de “bandido”, implica em mudanças bruscas na vida, e a prática do homicídio seria uma das obrigações para quem pretende manter tal identidade. A prática do homicídio também serviria para diferenciar os mais comprometidos dos menos comprometidos. O jovem atribui esse conhecimento sobre o funcionamento no “mundo do crime” às experiências vivenciadas desde a infância. Ricardo também relata, além da mudança de cargo, uma mudança de tratamento por parte dos pares, que no seu caso significou ganho de respeito, algo que o jovem sempre buscou desde o início das práticas criminais.

— E o pessoal do seu próprio bairro, seus amigos mudaram com você?

— Não, ficou tudo tranquilo, mesma coisa. Eles nem falou nada não.

— E o pessoal lá da biqueira falou alguma coisa? Eles vieram te procurar, alguma coisa assim, te deram mais moral?

— Ah eles conversavam comigo já quando eu passava, continuou a mesma coisa cumprimentando, eu passava lá no morro de moto. Continuou a mesma coisa.

— Eles não mudaram com você?

— Não, ninguém chegou a vir atrás de mim não. Continuou a mesma coisa (José).

Em paralelo, chama a atenção a fala de José sobre a relação com os conhecidos traficantes do bairro após o cometimento do homicídio. Diferentemente dos casos acima, o jovem relata não haver nenhuma mudança no tratamento dos conhecidos consigo. Esse fato traz indícios para se pensar que o homicídio funciona como um fator distintivo que confere vantagens a quem o pratica quando o mesmo está inserido em uma trajetória infracional. Entretanto, o mesmo pode não ocorrer quando o autor não desempenha uma trajetória que tem o evento do homicídio como fator importante ou desejado. Ou seja, o homicídio faz parte do léxico do mundo do crime e nesse contexto confere vantagens competitivas para quem o

prática. Entretanto, o mesmo não ocorre em outros subgrupos que não têm o homicídio como parte do léxico.

5.2.4 Síntese de compreensão

Em suma, percebe-se que 5 dos 6 jovens deste estudo iniciaram o uso de drogas ilícitas ainda muito jovens. Ressalta-se os casos de Marcus e Ricardo que relatam terem iniciado o uso de drogas ainda na infância, entre 8 e 9 anos, e 10 anos respectivamente. Já José, Marcus e Hélio tiveram os primeiros contatos com as substâncias através de parentes próximos, enquanto para Ricardo esse contato foi inicialmente através de amigos. No caso de Carlos, o contato inicial foi de ambos, familiares e amigos. O que se percebe é que para a maior parte desse grupo (04 de 05 usuários de drogas), a família consiste no vetor do primeiro contato com comportamentos desviantes, e não os amigos. O uso de drogas aparece como um somatório às demais vulnerabilidades, expondo ainda mais os jovens ao risco de desenvolverem vínculos sociais com pessoas envolvidas na venda da substância. Já o uso da arma de fogo foi relatado pelos 04 jovens como o acesso possibilitado através do vínculo com pessoas envolvidas com o tráfico de drogas.

As relações com os pares não são de amizades, se aproximando mais de relações análogas ao trabalho, onde as normativas do “mundo do crime” conferem certa organização e confiança nas regras, entretanto, essa confiança não é individualizada, ou seja, não existe no nível das relações interpessoais.

Os *pontos de virada* de entrada dos jovens em trajetórias criminais são resultado de uma série de eventos anteriores que são interpretados de forma a justificar essa entrada. Sendo um mesmo evento interpretado de forma diferente pelos atores e com consequências também distintas. Nos casos dos 4 jovens que assumem trajetórias criminais, 3 desses tiveram o *ponto de virada* em maior ou menor medida associados ao falecimento de um ente querido, mas ainda assim as formas de racionalização atreladas a estas mortes são muito diferentes entre si. Segundo Lyra (2013), o envolvimento de jovens em trajetórias criminais em parte se fundamenta na busca por autonomia, dignidade e liberdade. Apesar dos diferentes motivos de entrada nestas trajetórias, apresentados através das narrativas aqui analisadas, percebe-se uma busca por superação de uma realidade anterior de inferioridade, de limitação, sendo as mortes dos parentes ou a extrema humilhação o estopim para transpor a fronteira entre o comportamento conformista e o comportamento desviante. Ainda que as limitações e

percepções de uma posição de desvantagem na sociedade seja uma interpretação dos sujeitos de suas realidades.

Assim a prática de atos infracionais contribui para a reformulação da identidade dos sujeitos que adotaram trajetórias criminais, passando a assumir o estereótipo do “bandido”, e carregando as regras do “mundo do crime” como norteadoras a partir disso. Principalmente, chama a atenção a visão sobre a morte nessa subcultura como algo que aproxima os sujeitos tanto da possibilidade de praticarem o homicídio, como de serem vitimados por ele. Para todos os jovens em que foram observadas trajetórias criminais, aconteceu uma transição nessas trajetórias a partir da prática dos homicídios, conferindo a eles vantagens na posição do tráfico de drogas.

5.3 Análise dos dados sobre homicídios

Até aqui, analisamos alguns aspectos e eventos do curso de vida dos jovens que foram considerados importantes na formação dos sujeitos e que levaram a situação da prática do homicídio. Veremos nesta sessão de forma mais detalhada as diferenças e similaridades entre os homicídios cometidos por estes adolescentes e jovens, a fim de elucidar se para além da existência de trajetórias criminais, como foram os eventos que antecederam a ação de matar.

5.3.1 A cronologia dos homicídios

Antes, se faz necessário descrever o panorama narrado pelos jovens acerca dos homicídios que disserem ter cometido:

Carlos, relata ter cometido 4 homicídios ao longo de seu curso de vida. Os atos se iniciaram após o início da trajetória infracional por volta dos 13 anos e o último se deu em 2015, ano em que o jovem fez 16 anos.

[...] os caras começo a arrumar guerra, tava atravessando a biqueira da quebrada. Aí os cara começou a reunir todo mundo pra ver quem ia descer pra pista pra dar taco nos cara. Aí foi na primeira vez eu fui. Foi eu mais dois colega meu, ai nós foi e matou um cara. Ai depois disso aí ...

— Que era rival seu?

— É. Aí nos matou um cara, nós foi de bicicleta, ai nos desceu a rua, parou a bicicleta na rua de cima, desceu o beco a pé, ai quando nós virou assim o cara tava sentado de frente a porta da casa dele, que ele era mais velho, deve que tinha uns 20, 30 anos mais ou menos. A filha dele tava ganhando menino, ai ele tava esperando o SAMU na porta da casa dele, ai ele tava sentado, ai quando nós viu ele matou ele (Carlos).

O primeiro homicídio de Carlos foi realizado em parceria com 2 colegas, com a utilização de arma de fogo. Este ato foi solicitado pelo seu superior no tráfico de drogas por entender que a vítima estava atrapalhando os negócios. Chama a atenção no relato o fato dos envolvidos terem tido pouco cuidado em não serem reconhecidos pelas testemunhas, ao realizar a ação durante o dia e em um momento delicado, onde a filha da vítima aguardava o serviço de saúde para dar à luz a seu filho. O meio de transporte utilizado, a bicicleta, também indica que não havia grandes preocupações na fuga.

Aí depois de uma semana, nós matou uma menina que estava atravessando a biqueira também' [...] vendendo droga onde não pode. Aí foi eu e um colega

meu, nos tava com a 380 e um 32, aí nós foi lá onde que a menina tava, mas a menina tava andando de moto com um cara na Falcon. Aí foi, nós ficou esperando ela no mato na porta da casa dela. Ai quando ela chegou com o cara nos foi e enquadrou os dois, aí foi que eu meti bala nela, matei ela (Carlos).

— Tinha testemunha, que esse ato que eu cometi eu matei uma menina. Ai a menina pegou uma bala no cara lá mas eu acho que o cara nem morreu não. Ai eu matei ela na frente da prima dela, de um tanto de gente na rua. Era umas 8 hora da noite. [...] matei uma menina desse BO que eu estou pagando. [...] Esse foi o primeiro (que estourou). Os outros nem estourou até hoje não.

— Você foi sozinho de bicicleta?

— Foi eu e um colega meu, mas já morreu já. Aí nós dois, ele foi preso primeiro que eu ainda aí ele morreu vai fazer um ano mês que vem que ele morreu. Ficou preso acho que um ano e cinco meses. Foi desligado e morreu.

— Pouco tempo depois que ele foi desligado?

— Foi depois de uns meses (Carlos).

O segundo homicídio de Carlos possui muitas características em comum com o primeiro, sendo motivado também por uma necessidade oriunda da atividade do comércio de drogas e também sem preocupações com a identificação da autoria. No trecho acima a presença de testemunhas, principalmente da prima, que é alguém que possivelmente teria interesse em esclarecer o delito, é contada como mais um elemento da cena, um elemento importante, que confere mais risco e por isso valoriza o sujeito da ação. Apesar da aparente despreocupação com as testemunhas, no primeiro trecho Carlos relata ter ficado escondido esperando a vítima, o que indica premeditação e um certo cuidado para que o homicídio fosse bem-sucedido. Também chama a atenção o fato do adolescente não se preocupar com o homem que seguia na moto com a vítima. Carlos relata que acha que o mesmo foi baleado, mas não dá muita importância para o fato e nem se preocupa em saber o desfecho dessa pessoa. Esse fato evidencia que este homicídio cumpre claramente uma função e tem um objetivo dentro das relações comerciais da venda de drogas e do grupo que Carlos pertencia.

[...] depois de uma semana foi um cara lá, depois outro cara. Por causa de treta mesmo, dessas mesma questão de tá atravessando a biqueira. Era tipo uma bateria deles, tipo um grupo deles. Ai os primeiro que tava boiando nós tava matando. Mas não era só eu que tava matando não. Que eu fui foi essa menina e os dois cara. Agora que os cara foi foi muito. Ai os que morreu, os outro que ficou picou o pé. No bonde lá nois conseguiu matar 10, aí eles foi e parou (Carlos).

[...] o primeiro foi a menina, depois de 1 semana foi o outro e o outro foi depois de uns 9 mês, o outro foi 2015, lá no bar (Carlos).

O terceiro homicídio cometido por Carlos é relatado muito rapidamente sem nenhum tipo de detalhe ou descrição dos fatos que seja possível traçar características próprias. Esse terceiro homicídio é impessoal e descaracterizado, só faz parte de um pacote de homicídios que “tinham que serem feitos” para sanar os problemas de concorrência da venda de drogas do grupo de Carlos. Esse homicídio é tão impessoal, quase como se a vítima não tivesse uma identidade própria, que é relatado como parte de outros homicídios praticados por integrantes do grupo de Carlos, como ele mesmo diz “uma bateria deles”. Nesse momento do relato do terceiro homicídio, a ordem cronológica dos acontecimentos fica confusa na fala do jovem, hora ele diz que o primeiro foi a “menina” sendo que anteriormente o primeiro homicídio foi atribuído ao homem que acompanhava a filha em trabalho de parto. Independente de ordem, os três primeiros homicídios praticados por Carlos têm características similares no que tange a motivação e os aspectos relacionados com a forma de execução, em duplas e com testemunhas. Estas mortes também possuem um intervalo de tempo pequeno entre elas.

— O outro foi 2015 lá no bar. Antes na minha avó, tem acho que umas sete tentativa e um homicídio eu e meu primo só.

— Lá na cidade da sua avó? Você foi depois do segundo?

— É depois do terceiro. Foi uma menina e dois caras (Carlos).

— Aí tinha uns outro caras que tava começando a arrumar guerra com ele (primo), uns cara que veio daqui também, não sei da onde que eles vieram. Aí foi tava eu e meu primo no bar, aí o cara chegou lá falou que não era pra nós ficar lá não que era território dele, aí foi deu um tapa na cara do meu primo e xingou eu. Aí nós foi embora, deixo baixo, isso era umas duas horas, aí umas 6 horas da noite nós voltou lá no bar com dois 38 e matou o cara. Ai depois disso aí eu fui, aí começou a arrumar guerra, aí foi nós tentou matar outros cara lá, eu tenho umas 4 tentativa também, não consegui matar (Carlos).

O quarto homicídio de Carlos se dá na cidade do interior onde a avó morava. Este último homicídio narrado pelo jovem tem características distintas dos três primeiros, apesar do início dos conflitos com a vítima também perpassarem pelo tráfico de drogas. Este evento ocorreu cerca de três anos depois dos três primeiros homicídios, e diferentemente dos primeiros, nesse o jovem é que foi acusado de “atravessar a biqueira” pela vítima. Também houve um componente moral atrelado à execução do homicídio e a relação com o parceiro de crime possuía laços mais profundos de ligação por serem primos. A partir desse homicídio, o jovem entra em conflito com o grupo da vítima, ocasionando inclusive a sua mudança do município.

O segundo jovem a ser analisado é Marcus. O adolescente relata ter praticado cerca de 14 homicídios, entretanto só se lembra de 8 desses. Os atos foram praticados dos seus 14 anos até 16 anos, entretanto, o jovem relata não ter sido pego em nenhum deles. Diferente dos demais entrevistados, Marcus foi o único jovem do estudo que não estava cumprindo Medida de Internação por causa de homicídio, mas o mesmo procurou voluntariamente participar da pesquisa alegando que já havia cometido tais atos. A fala de Marcus acerca dos delitos cometidos por vezes parece fantasiosa e o jovem traz algumas informações imprecisas. Dessa forma, não é possível identificar o que na fala de Marcus é verídico e o que faz parte do imaginário. Ainda assim, traremos as narrativas para análise afim de tentar elucidar os eventos e como a trajetória infracional do jovem foram construídas. Em alguns momentos Marcus diz que o primeiro homicídio foi o do “X9”, em outros diz que foi o do “Gerente”. Ao retomar toas as entrevistas, verificou-se que o mais provável é que o primeiro homicídio tenha sido o do X9, em seguida o do Gerente e posteriormente os três irmãos o X9 e depois o amante da esposa do “patrão”, o do ladrão e os outros não foram trazidos detalhes para as entrevistas.

Cheguei no gerente e aí ele falou que eu ia começar amanhã, já foi e me deu a carga. Eu já fui e de manhã já tava na pista vendendo. Nisso aí ficou de boa só que um homem deixou uns revólver e droga lá em casa pra mim guardar. Aí tinha um X9 na quebrada aí ele falou que lá em casa tinha um revólver e droga aí os homem pulou lá em cada de madrugada caçando aí eles não achou não. Aí eu fui e cheguei pro homem e falei com ele que fulano tava canguentado aí ele falou assim: é mesmo então nós vai quebrar ele e vai ser hoje. Eu fui e falei é isso mesmo. Aí eu fui e montei na garupa da motoca dele aí ele não sabia que a gente tava na rua principal [...] aí nós foi com a motoca e eu já fui e dei uns tiros nele, aí ele foi e caiu. Na hora que ele caiu eu saí correndo atrás dele, peguei ele, tirei o capacete dele, tirei o meu e dei só na cara (Marcus).

— o X9 contou que eu tava com o revólver do homem lá dentro de casa aí eu tinha escondido e ele colava com os homem. Aí ele foi e mandou os homem pular lá em casa.

— Esse era vizinho seu?

— Não ele morava no Pousada das Rosas lá no centro do bairro e nós moramos mais pra baixo.

— E como ele sabia das suas coisas?

— Não sei não. Aí ele ficou sabendo e eles foram lá em casa de madrugada, pulou lá esculachando minha mãe. Eles olhou e não achou nada aí eles foram embora. Eu já liguei pro homem e falei do X9 aí ele falou: já é então, amanhã você cola aqui. Aí eu fui e coleí na casa dele no outro dia. Aí os caras foi e ligou nele falando que o X9 tava boiando aí foi eu e ele encontrar o menino e matamos. Aí nesse aí ele foi e conseguiu chegar vivo até no hospital, chegou no hospital ele tinha falado com o irmão dele que tinha sido eu que tinha dado tiro nele, aí ele foi e morreu. Aí os irmãos dele falou que ia cobrar. Aí nós foi e matou os irmãos dele (Marcus).

O primeiro homicídio relatado por Marcos se refere ao “X9” que teria delatado o jovem logo no início de sua trajetória infracional, quando inicia a venda de drogas. O jovem suspeita da vítima por fatores que teoricamente a ligariam a polícia. Essa desconfiança se baseia muito mais nos bens que a vítima possuía e por ter uma trajetória pregressa no exército do que por ter acontecido alguma situação que ligasse claramente a vítima ao jovem e à uma possível delação. Por mais que Marcus suspeitasse do envolvimento da vítima com a polícia, fica claro que não existe a necessidade da certeza da autoria para que o homicídio em retaliação à delação seja cometido. Além disso, percebe-se que o crime necessitou apenas da autorização do chefe do tráfico. O trecho em que o jovem relata *“Na hora que ele caiu eu saí correndo atrás dele, peguei ele, tirei o capacete dele, tirei o meu e dei só na cara”*, revela a necessidade de reafirmar o caráter violento da ação e que Marcus espera ser atribuído a sua imagem.

— foi aí nisso aí eu já comecei a pegar mais maldade. Aí o que pega, meu irmão gostava de roubar aí eles foi e roubou lá perto de casa. Aí o gerente da pista falou que foi meu irmão aí eu fui e falei com ele que não era meu irmão. Aí ele falou que ia pegar meu irmão e eu falei então já é mano. Aí ele pegou meu irmão e acertou só 2 tiros, um pegou e atravessou o umbigo e a outra ficou alojada aqui em cima do peito. Aí ele foi e conseguiu correr, aí ele foi pro hospital. Aí nisso aí o cara rodou por conta dessa tentativa de homicídio porque ele tentou matar meu irmão e foi pego. Aí ele ficou 10 meses no Horto. Aí ele foi e saiu e regenerou de tudo.

— Seu irmão?

— Esse menino aí o gerente, regenerou e parou de vender droga, de usar droga, começou a ir pra igreja. Aí ele tava devendo dinheiro da droga e de um revólver que ele tinha perdido aí o homem foi e falou: é zé eu não quero dinheiro mais não meu irmão, agora esse trem é seu e você que vai ficar aí na pista, você que vai receber o dinheiro. Eu falei então já é então, eu já tô com ódio dele por conta do meu irmão. Aí ele vindo da igreja eu fui e falei com ele: oh zé e o dinheiro do meu irmão? Ele foi e falou assim: que dinheiro? Eu fui e falei: não paga de louco não o dinheiro do homem que você tá devendo ele. Aí ele foi e falou assim: ah não to juntando o dinheiro. Aí eu fui e falei com ele agora ele não quer dinheiro mais não. Ele foi e falou assim: então faz sua cara. Eu já fui e dei um na cara dele aí ele caiu.

— Quando ele falou que não quer dinheiro mais era pra você poder matar o cara?

— É já era.

— Eu achei que ele tinha esquecido a dívida.

— Aí o dinheiro era a alma do cara, só isso. Aí eu fui já dei um na cara dele e ele já caiu.

— E pra você conseguir ser gerente você tinha que matar ele?

— É aí na hora que ele caiu, aí tava cheio de gente da igreja e eu não to nem aí, descarreguei as duas pistolas.

— Foi na porta da igreja?

— Na porta da igreja descarreguei as duas e saí correndo. Aí eles ficou doido comigo, aí os meninos da rua agora seu apelido vai ser capeta, sei lá o que tem. Aí nisso aí conheci, peguei um lá e deu um tiro de 12 na cara dele e ele

ficou sem o rosto estourou foi tudo, aí eu matei de facada um outro (Marcus).

O segundo homicídio foi o mais significativo na vida de Marcus. Diferentemente do primeiro, esse homicídio está atrelado a uma questão mais pessoal, de vingança pelo seu irmão. Apesar de mesmo nesse caso haver a necessidade de aval do chefe do tráfico, Marcus relata a realização deste homicídio como um marco tanto para sua ascensão no tráfico, quanto para a construção de sua identidade, ao menos perante aos pares. O fato de o homicídio ter acontecido em frente à igreja e com a presença de várias testemunhas conferem a Marcus o título de “Menor Capeta” em alusão ao caminho oposto do da vítima que buscava redenção pela religião. Ao fim do relato, quando Marcus vai enumerando os demais homicídios cometidos após este evento simboliza a mudança de papel após virar o “Menor Capeta”.

[...] não os outros foi porque o irmão desse X9 falou que ia vingar aí o cara bem trabalhando assim aí eu fui e falei vai ser hoje. Aí foi na hora do almoço, ele almoçou nós já foi e chegou eu e mais 3 meninos: então zé você vai cobrar lá? Ele já pegou a pá e veio pro nosso lado aí o menino foi lá e de um de oitão nele, já tomou feio e continuou vindo. Eu já fui e dei um bocado de 40 nele aí ele caiu no chão. Aí na hora que ele caiu no chão pegou a pá e só foi dando pazada na lata dele (Marcus).

— Aí ele saiu e o homem foi e falou assim: agora se vira. Aí depois eu fui e quebrei o X9, os irmãos do X9 nós quebrou também.

— Vários irmãos?

— Só uns 3 porque o X9 contou que eu tava com o revólver do homem lá dentro de casa aí eu tinha escondido e ele colava com os homem. Aí ele foi e mandou os homem pular lá em casa (Marcus).

Após o segundo homicídio, Marcus relata a participação de pelo menos outros 3 assassinatos que aconteceram em decorrência do primeiro, o do “X9”. Segundo os relatos, com a morte do X9, os irmãos teriam demonstrado a intenção de revidar, o que causou uma ação preventiva em Marcus e os parceiros de matarem os irmãos antes de serem vitimados. O jovem não traz muitos detalhes sobre estes crimes, apenas sobre o primeiro irmão que teria sido assassinado durante o horário de almoço, no local de trabalho. Os outros dois irmãos não são trazidas maiores informações.

— Por que você escolheu a espada?

— Porque a peça só tava com 3 balas, nós foi e deu 3 tiros no cara e o cara não morreu aí eu falei vou pegar aquela espada. Aí o cara foi e pegou e ela tava entortando aí eu falei que ele ia quebrar a espada. Dei só na cara dele, rasguei a cara dele toda.

— Você passou na cara dele?

— Rasguei a cara dele toda, segurei ele pelo cabelo.

— E o que esse tinha feito?

- Ele tinha pilantrado a mulher do patrão.
- Tipo dado o calote nela?
- Ficou com ela aí nós teve que... aí nós teve que arrancar o cabelo dela e matar ela também.
- Arrancou o cabelo dela?
- E matou os dois.
- E ele também participou ou ele só mandou vocês matar?
- Participou ele queria pegar ela com o cara. Ele pegou mais a mulher, ele gostou mais de pegar a mulher e o cara ele deixou com nós. A mulher ele só deu um tiro no corpo dela e meteu fogo nele.
- Lá tem aqueles lugar de por fogo?
- Mirante?
- Chamava de micro-ondas no Rio. No Rio quando teve aquelas reportagens do Tim Lopes que era um jornalista que eles pegaram lá no Rio fazendo uma reportagem aí colocaram fogo nele dentro de uns pneu.
- Tem.
- Mas é dentro do pneu também?
- é lógico.
- Por que não deixa espalhar? Por que o pneu?
- O pneu custa a queimar, até lá vira cinza, vira pó, mistura com tudo.
- Aí é tipo no meio do mato assim?
- Lá na quebrada tem uma mata grandona aí no bico da mata assim tem um lugar (Marcus).

O possível sexto homicídio de Marcus se difere dos demais praticados pelo jovem por envolver uma espada e pelo jovem não ter nenhum tipo de ligação pessoal com a vítima. Marcus matou o amante da esposa do chefe do tráfico, por tanto um crime cometido apenas pela lealdade ou relação de “trabalho” estabelecida pelo tráfico de drogas. Nesse caso, os instrumentos do homicídio são muito mais presentes no relato do que as vítimas em si.

É aí você começa a gostar aí já era. Aí foi o que pegou um menino roubou lá na quebrada, aí nisso eu já tava na gerência aí eu falei que ia pegar esse menino [...] aí ele tinha ido no centro de Bicas e eu tava fechando junto com os meninos e eles falou não é isso mesmo. Aí ele foi e voltou pra quebrada só que ele não sabia que nós ia pegar ele não. Ele foi e deu mole e foi lá na pista de noite, o chefe subiu num trecho assim pra chegar na pista: oh zé você roubou a bicicleta do menino lá? Ele foi e falou assim: não foi eu não. Oh mano você tá me chamando de mentiroso? Aí eu tava com uma faca desse tamanho assim e com um soco inglês, aí já fui e dei uma na nuca dele, ele já caiu tonteando. Aí ele: que nada, não foi eu não e tal. Aí já dei no pescoço dele aí ele colocou a mão e já começou a esguichar o sangue, aí já peguei e só dei na cara dele, rasguei ele todo. Aí eu fui e saí correndo, aí todo mundo da pista saiu correndo. Aí os homem foi lá, depois pegou ele e já tinha morrido já (Marcus).

O provável sétimo homicídio cometido por Marcus é o último que o jovem diz se lembrar, apesar de relatar que existem mais. Pode se perceber no relato deste homicídio como cada vez mais as motivações perdem a importância e Marcus assume o papel do homicida,

mais que o papel de bandido, mas o papel de quem gosta de matar. O uso de objetos cortantes também passa a ser uma marca destes crimes, desde o sexto homicídio quando ele descreve o prazer que sentiu ao cometer um assassinato com a espada. Esse aspecto será devidamente explorado ao final deste capítulo. Entretanto aqui gostaria de chamar atenção para estes sinais na fala de Marcus.

- Entendi. Esse X-9 foi depois que você tinha virado gerente?
- foi aí foi o X-9 e depois os irmãos dele.
- e aí acabou?
- não tava começando.
- foram quantos mesmo que você falou, foi um bocado. Mas você sabe exatamente quantos foi ou você sabe por alto.
- não sei não.
- o primeiro foi o gerente.
- o gerente, depois o X-9.
- depois os 3 irmãos é 5.
- aí depois foi um menino lá que eu matei na facada. Aí depois foi um outro cara que roubou na quebrada e eu dei um tiro de 12 na cara dele. E o outro foi um estruprador, nós rasgou ele na faca. Agora os outros eu não lembro não.
- tem mais ainda que você não lembra?
- tem no máximo deve ter uns 14, por aí (Marcus).

A inexatidão da fala de Marcus chama a atenção durante todo o campo. Principalmente o fato de ser o único adolescente que pede voluntariamente para participar da pesquisa, sendo justamente o indivíduo declaradamente autor do maior número de homicídios do estudo e o único que nunca teve nenhuma passagem atrelada a estes crimes. A própria inconsistência no relato da cronologia dos homicídios levanta o questionamento sobre a veracidade dos relatos. Entretanto, por mais que parte do depoimento seja possivelmente fantasioso, ainda assim não se pode descartar os demais elementos que este jovem acrescenta para a análise.

Hélio descreve durante sua narrativa 4 homicídios que teria praticado. Não é possível precisar a idade correta da realização do primeiro homicídio. Hora o jovem diz que aconteceu quando o mesmo tinha 15 anos, hora diz que estava com 16 anos à época. Os 03 primeiros homicídios foram relacionados à atividade do tráfico de drogas, enquanto o último foi acidental.

Aí com 16, 17 anos eu fiz o meu primeiro homicídio. Eu tenho 4 homicídios. Eu to pagando aqui em dois e na formação de quadrilha (Hélio).

— Aí eu já comecei a vender droga, aí eu fiz o meu primeiro homicídio nós esquartejou o cara todo lá na Pedreira, deu um tanto de facozada, arrancou pescoço, tacou pedra na cabeça, os olhos saiu pra fora. Nossa foi muita treta.

- Nessa mesma época ou depois?
- Não foi depois, foi em 2014, 2016 essa época aí. Aí depois a gente só foi matando os outros. Aí saiu esse B.O. pra mim que eu to marchando agora aí (Hélio).
- esse primeiro você tinha quantos anos, você lembra?
- Eu tinha 15 anos, foi quando eu comecei a vender droga lá na Pedreira.
- Tinha pouco tempo que você tava vendendo droga?
- Tinha uns 2, 3 meses. Aí o moleque foi lá e roubou a droga dos meninos lá e nós foi lá e matou ele.
- Mas quem teve a ideia de fazer do jeito que foi?
- Os meninos lá dentro. Aí o cara desmaiou de paulada e os caras falaram: vamos matar zé. Eu falei é isso mesmo. Aí os cara foi lá e matou.
- Mas sem arma de fogo?
- Só faca e as pedras.
- Eles já tinham costume de matar os outros assim?
- Eu não sei, acho que é o primeiro homicídio dos meninos também daquele jeito que foi. Foi tipo uma cena cabulosa.
- Você não gosta de lembrar por que é feio?
- Tipo nem vem no meu pensamento isso não. Os meninos gravou o vídeo, nós ficamos vendo o vídeo um tempão [...] aí os caras: os menor é ruim zé, os menor é ruim mesmo, fez até vídeo. É muita treta (Hélio).

O primeiro homicídio Hélio cometeu logo que iniciou a sua trajetória no tráfico de drogas, contando com a participação de outros parceiros. Este ato chama a atenção pela forma utilizada para efetuar a ação, onde o jovem relata que a vítima foi morta a facadas e pedradas, ficando mutilada e desconfigurada. Apesar da extrema agressividade envolvida neste homicídio, o jovem não tinha nenhuma questão pessoal contra a vítima, apenas questões inerentes à venda de drogas. A decisão do método para execução do homicídio também não foi uma escolha racional de Hélio. Mesmo assim o jovem participa da ação e durante as entrevistas até chega a se vangloriar do caráter violento deste crime.

[...] foi que eu falei é agora eu matei foi o negão mesmo, eu representei foi o corre. Igual tipo dá o ataque assim tinha um cara primeiro que eu, eu segundo, tinha um cara na laje assim e o cara veio. Aí o cara já viu o cara da laje e deu no cara uns tiros, eu acho que ele tomou só no braço, foi lá e caiu. Aí o cara tava tipo ferrado só que ele tipo foi tentar pagar de morador. Aí eu falei levanta a camisa zé. Eu tava com uma nipe de 30 tiros. Ele levantou a camisa e eu vi o revólver eu já fui lá soltando tiro na cara, ele foi lá e caiu e eu acabei de descarregar e peguei a dele. Já voltei correndo aí a dele ficou pra mim, eu fui e fiquei com a dele como se fosse uma medalha de honra. Os caras falou: agora você tem a medalha né. Aí depois eu comecei a ser procurado pelos homem por causa que eu era de menor e fazia um bocado de coisa. Dava tiro debaixo de câmara aí os homem pegava nosso revólver, aí eu fui lá e dei esse revólver pra eles (Hélio).

- Eu matei o cara porque ele podia me matar.
- E qual foi o intervalo de tempo entre um e outro?

— Se não me engano meses. Igual quando eu matei esse de tiro que foi o alemão (Hélio).

O segundo homicídio cometido por Hélio também relacionado ao tráfico de drogas, ocorreu meses após o primeiro. Entretanto, este ato ocorreu de forma bastante diferente do anterior. Neste já havia o uso de arma de fogo. Ainda assim, se percebe a valorização da violência e da masculinidade quando o jovem diz que atirou várias vezes na “cara” da vítima. Também se pode perceber um reforço que o jovem tem dos parceiros, quando se apropria da arma da vítima e os colegas atribuem significado ao gesto, dizendo que se tratava de um troféu. Mesmo este não sendo o primeiro homicídio cometido por Hélio, a forma como o jovem descreve os fatos, dá a entender que este segundo homicídio foi simbolicamente mais importante para a sua trajetória infracional do que o primeiro. Isso porque, apesar do jovem assumir a autoria do primeiro, não protagoniza este ato, apenas participa de uma ação com vários atores que tomam a cena para si, que decidem como vai ser, sendo Hélio apenas coadjuvante neste episódio.

— Umás duas ou três semanas depois (do primeiro homicídio) eu matei o outro lá de tiro também que tava roubando a droga nossa lá.

— Mas tava roubando sua droga era noiado também ou não?

— Era noiado, mas ele era morador de lá. Era morador e já foi bandido também, mas tava roubando as drogas nossas. Tipo quando gritava Galo Doido ele sabia as entoca antiga, nós colocava no mesmo lugar, ele ia lá e pegava. Aí um dia eu vi ele pegando aí eu contei só pros caras (Hélio).

O terceiro homicídio cometido por Hélio consiste em uma cobrança de postura de um usuário de crack (noiado) que estava prejudicando o comércio de drogas. O jovem não descreve com detalhes este ato, mas percebe-se que trata a ação como algo inerente à trajetória infracional.

Aí o outro eu atropei de carro, foi sem querer [...] na Antônio Carlos. Eu vindo com o carro doidão de uísque aí o cara passou na frente do carro, eu vi só ele voando. Aí eu parei, olhei, quando eu vi assim eu vi a cabeça rachadão eu já falei nó eu matei o cara. Já só saí fora também (Hélio).

O último homicídio que Hélio assume a autoria foi proveniente de um acidente de carro. Esta quarta morte que o jovem se responsabiliza se difere das demais por não ser intencional. Entretanto, o próprio jovem assume que não estava em condições de dirigir, não era habilitado e estava alcoolizado. Adicionalmente não prestou socorro à vítima, mesmo não

tendo a intenção de matá-la. Apesar de Hélio contar este fato como um homicídio cometido, o jovem não tem certeza se a vítima chegou à óbito, justamente pelas condições narradas.

Dos quatro homicídios cometidos por Hélio, por apenas em um deles o jovem foi apreendido, o terceiro. Entretanto, Hélio também cumpre medida por um homicídio que relata não ter cometido. Segundo o jovem, o fato de ser um homicida conhecido no local de moradia o coloca na posição de assumir outros homicídios que não são de sua autoria. Chama a atenção como o jovem se vê conformado com este fato.

- E o outro caiu em você?
- O outro caiu em mim porque eu era visto na favela aí os pessoal lá falou que foi eu. Tipo o X9 lá da família dele falou que fui eu.
- Mas não foi você não?
- Esse aí não foi eu não.
- E é esse que você falou que eles arrastaram?
- Foi.
- E aí caiu em você?
- Foi eles matou o cara e arrastou. Deu vontade de atirar e jogar ele lá embaixo. Aí eu fui lá e falei que não fui eu. Mas se você mata um por que você não pode matar o outro também? Eles pensam dessa maneira (Hélio).

Ricardo cometeu seu primeiro homicídio aos 14 anos do total de 3 homicídios declarados. Apesar de não ser o adolescente com maior número de homicídios do estudo, Ricardo chama a atenção por figurar um papel muito hostil dentro da Unidade Socioeducativa. Ricardo era apelidado de matador pelos outros jovens, pelos funcionários e por ele mesmo.

[...] minha infância foi suave eu só não gostava de estudar, essas coisas. O que eu lembro também foi porque os moleque veio me dar uma capacetada aí eu fui e já matei um, fui cumprir cadeia em Juiz de Fora, saí e fiquei 10 dias na rua e cometi outro ato infracional aí eu fui preso. Passou mais uns 2 meses eu cometi outro ato infracional e agora tô aqui de novo (Ricardo).

Todos os homicídios declarados por Ricardo aconteceram em um curto intervalo de tempo. No trecho acima o adolescente utiliza a expressão ato infracional para se referir aos homicídios, como foi possível constatar no decorrer das entrevistas.

[...] o que pega a minha mãe tinha me dado um dinheiro pra mim comprar roupa aí eu fui descer no centro pra comprar algumas roupas aí veio uns caras de moto e eu nem dei nada pros caras de moto não aí do nada os cara falou que eu tava fechando errado, que no bairro que eu morava era patifaria aí os cara me deram uma cacetada aí eu fui e cheguei pros caras lá da rua que eu morava e falei com eles o que tinha acontecido. Aí os cara perguntou se eu queria comprar a briga, aí foi os cara soltou o metal na minha mão. Aí o que aconteceu isso foi numa 5ª, no sábado teve um pagode aí os cara tava lá

que tinha me dado uma capacetada, tava lá embaixo no pagode. Aí eu fui desci e dei um metal¹¹ neles (Ricardo).

— E o primeiro você falou que os caras te parou no centro pra falar que era questão de guerra.

— De guerra é uai.

— E depois que você matou eles ninguém veio cobrar não?

— Ninguém rendeu assunto mais não, ninguém falou mais nada não. Até então era até aqui de BH

— Eles não eram lá de perto não?

— Um era, mas o outro era aqui de BH.

— Aí estava ficando com os caras lá de perto?

— Ah sei lá o que ele tava arrumando (Ricardo).

O primeiro homicídio cometido por Ricardo aparentemente é motivado por rivalidade entre territórios. Entretanto, chama a atenção o fato do adolescente não reconhecer a vítima enquanto rival até que ela o acione enquanto circulava no centro da cidade. Ricardo relata os fatos com muita naturalidade, sem expressar nenhum tipo de sentimento.

— Fui numa festa, em seguida da festa depois desse dia eu já comecei a envolver de novo.

— Quem te chamou pra ir na festa?

— Eu fui sozinho, tava tendo um baile lá na minha quebrada aí eu peguei o revólver e fui. Aí chegando lá eu tava curtindo a festa, fumando maconha, bebendo aí rolou um desacerto com um cara que veio viajando na minha aí eu fui e matei ele.

— O que ele falou com você?

— Ah começou me dar um monte de soco.

— Do nada?

— Do nada ele veio pisando atrás de mim assim, eu fui empurrei ele e ele foi e me deu um montão de soco.

— E você conhecia o cara?

— Não conhecia nada, só arranquei ele e dei nele. Aí o que acontece eu fui e fiquei 4 dias preso e depois disso eu saí e fui e já voltei de novo naquele naipe. Foi aí que eu peguei a gerência de novo (Ricardo).

O segundo homicídio cometido por Ricardo foi de um homem com o qual o jovem teve um desentendimento durante uma festa. Novamente Ricardo relata os fatos com muita naturalidade e com certo distanciamento da vítima. Percebe-se que nos dois casos, a narrativa é construída a partir de uma primeira vitimização por Ricardo (sofrer agressão), o que teria motivado os homicídios. Ou seja, o adolescente se apresenta primeiramente como vítima de

¹¹ O termo se refere à arma de fogo.

uma situação de injustiça. Situação essa que seria a motivação para o cometimento dos homicídios.

[...] tava roubando também, voltei a roubar, tava sendo investigado por tráfico de drogas. Nesse dia que eu matei o cara também e agora tô aqui, mais cedo eles cumpriram um mandado de busca e apreensão na minha casa, ai teve uma operação lá e minha mãe falou que meu nome tava lá e eles foram lá em casa só que eu já tava aqui. Eu tava sendo investigado por tráfico de droga, um montão de coisa.

— Teve operação depois que você já tava aqui?

— É foram 37 pessoas presas.

— Nossa muita gente. Por causa do tráfico?

— É.

— Mas você falou que eles foram na sua casa no mesmo dia em que você matou o terceiro?

— Foi eles tinham ido de manhã cedo aí eu fui preso aí de tarde eu saí lá da cadeia porque eu dei meu depoimento e saí da cadeia aí os cara falou que alguém tinha canguetado nós. Aí eu fui, saí e peguei ele na porrada aí o que aconteceu ele foi lá no cartório que tem lá no morro e deu o depoimento, falou que eu tinha batido nele, agredido ele aí as polícia veio na minha casa de novo, mas só que eles não me achou. Aí passou umas duas horas eu fui lá e matei ele.

— Quando você tinha me contado a primeira vez eu achei que você tinha batido nele, ele tipo ficou no hospital e morreu de noite. Mas ele ainda conseguiu ir lá no cartório.

— Aí o que aconteceu eu fui e voltei. O que aconteceu vou te falar desde o começo que eu fui preso aí na hora que eu saí os cara falou que ele tinha me canguetado. Aí eu não ia matar ele aí eu falei não correria dele também. Aí o que aconteceu nós passou perto da casa dele e ele tava parado na porta da casa dele aí foi aí que nós deu uns tiros nele.

— Então não foi na porrada.

— Foi não eu só bati nele e ele foi e me caguetou pros homem. (Ricardo).

— Foi esse que surgiu lá da moto, o cara que brigou com você que você nem sabe de onde que veio e o outro que te caguetou. Esse que te caguetou vocês bateram nele por causa de dívida?

— Não é porque ele tinha caguetado nós pros polícia.

— Mas antes porque você bateu nele e ele foi lá e deu o depoimento.

— Não eu já tinha batido nele porque ele me caguetou, aí na hora eu não tava armado não eu fui e só bati nele na rua. Aí nós foi buscar minha arma, voltou e matou ele. Só que nesse caminho que nós foi e voltou, nós parou e ficamos trocando ideia e ele foi e deu queixa dele lá no cartório.

— Então ele te caguetou duas vezes?

— De rocha.

— E ele ficava lá com vocês?

- Não ele era de cima lá, ficava só olhando e nem era envolvido no tráfico de droga não.
- Era menino novo, mais velho?
- Tinha uns 20 anos.
- Era vizinho e ficava só sabendo e do nada ele foi caguetar pra polícia?
- Foi do nada.
- Por causa da investigação que você falou também que tava rolando.
- E ele trabalhava nesses negócios aí, ele era agente, sei lá. Não sei o que ele era não, mas a gente já não gostava dele a muito tempo porque ele pagava de polícia, vinha com aquelas roupinha estranha lá. É isso mesmo.
- Vocês já ficavam desconfiados?
- De rocha (Ricardo).

O terceiro homicídio relatado por Ricardo foi precedido de uma agressão física à vítima. Os relatos do jovem chamam a atenção pela persistência na busca por ferir a vítima, que no mesmo dia sofre agressão física e horas depois é morta. Diferentemente dos dois primeiros homicídios cometidos pelo adolescente, nesse caso a vítima não teve um enfrentamento direto com o autor. Mesmo assim, o homicídio é justificado em retaliação à uma suposta delação, ou seja, Ricardo novamente teria reagido a uma ação iniciada pela vítima. O que difere é que nos dois primeiros crimes o adolescente se coloca muito mais como injustiçado, agredido. Já no terceiro o confronto anterior ao homicídio é iniciado por Ricardo.

Os outros dois adolescentes que participaram do estudo não tinham trajetória infracional anterior ao homicídio. José e Beto se assemelham por terem cometido apenas 1 homicídio até o momento da entrevista e este ato não estar associado a uma trajetória infracional, entretanto percebe-se que existem muitas diferenças nos seus cursos de vida até o momento do ato.

- Por causa de uma cervejada lá que teve, uma festa aí um menino foi e tomou tiro.
- Esse menino que rolou o desacerto?
- É aí ele tomou tiro, aí pra ele vingar, meu irmão também tava saindo de uma cervejada ele e o colega dele. Aí pra vingar ele passou a fita aí os cara veio e deu tiro no meu irmão, aí acertou no meu colega.
- Mas quem tinha dado tiro nesse menino? Seu irmão tava junto?
- Tava ele veio de moto atrás dando tiro no meu irmão porque lá eles tem negócio de briga de bairro.
- De um bairro contra o outro?
- É aí teve essa briga aí e aconteceu isso. Aí ele começou a ir na porta do meu serviço também ameaçar.
- Mas por que?
- Negócio de briga de bairro, deu tiro no meu irmão.
- Aí ele deu tiro no seu irmão, aí seu irmão foi lá e revidou?
- Não meu irmão ficou de boa, aí ele foi e começou me ameaçar também. Já tinha tomado tiro e falou que ia me matar [...] meu irmão também tomou

porque ele tava saindo da festa, aí um colega do meu irmão tomou, acertou nele e meu irmão conseguiu sair com ele de moto. O outro motoqueiro bateu na parede e aí eles deu tiro nele. Aí o que aconteceu começou essa briga toda (José).

- Tava indo lá direto, parava lá e começava a xingar eu.
- Tipo da rua assim ficava gritando?
- É porque é na porta da rua a oficina.
- E aí o que ele falava com você?
- Falava que ia matar eu, que eu era vacilão.
- Por que ele te chamava de vacilão?
- Por causa do negócio de bairro porque um bairro não fecha com o outro, aí qualquer um eles querem pegar [...] é aí ele ia lá direto. Aí eu fui e falei esse cara vai acabar me matando eu. Aí eu fui e fiz isso aí.
- E você pegou o revólver com quem?
- Eu comprei.
- Você comprou?
- Comprei eu tava trabalhando já aí eu fui e comprei.
- Você teve um tempo não foi na hora.
- Foi não depois que passou uma semana.
- Que ele tinha ido no seu serviço?
- É aí foi e aconteceu isso.
- Aí você foi atrás dele, você encontrou com ele em algum lugar?
- Fui tava na porta da casa dele.
- Aí você foi lá?
- Fui lá.
- De moto?
- Fui a pé, fui sozinho.
- Foi que horas do dia mais ou menos?
- Foi umas 11 e pouco, já era umas 11:15 por aí. Só sei que eram 11 horas já.
- Seus amigos já te deram a ideia de onde ele tava?
- Eu também já sabia onde que ele morava mais ou menos aí outro dia eu passei na porta da casa dele, eu vi ele lá e depois voltei. Aí aconteceu.
- Você passou pra ver se era lá mesmo?
- É e ele tava na porta, passei de moto (José).
- não é ele que cismou, os caras que é envolvido lá deu tiro nesse menino aí e meu irmão tava numa festa, ele e o colega dele. aí assim que ele saiu, eles não conseguiram pegar os caras que deu tiro nele, meu irmão saiu e eles vieram atrás de moto aí veio e deu um tiro.
- Seu irmão tava numa festa e os caras da boca tava na mesma festa?
- É.
- Os cara lá do seu bairro que é da boca?
- Não os cara lá do meu bairro deu tiro nesse menino, esse menino tava lá.
- Na festa que seu irmão tava?
- É aí foi os cara mandou esperar e viu ele saindo aí os cara foi e veio atrás dele dando tiro.
- Então seu irmão ligou pros caras do seu bairro mesmo.
- Não meu irmão tava na festa e os cara que faz parte com o menino lá que é envolvido veio atrás dele e deu um tiro.
- Mas só por que seu irmão era do bairro?
- é aí eles não conseguiram pegar os cara que era envolvido aí foi e começou a dar tiro no meu irmão.
- Então os cara do outro bairro viram seu irmão na festa e já ligaram pro outro pra vir dar tiro no seu irmão?

- É.
- Mesmo que não tenha sido seu irmão que foi lá dar tiro nos cara.
- Não porque é do bairro.
- Só por ser do bairro. E aí seu irmão foi lá e deu tiro nos cara também?
- Não meu irmão tava indo embora pra casa ele e o colega dele.
- Eles conseguiram fugir dos tiros?
- Eles tava de moto, um do lado do outro aí pegou um de raspão no meu irmão aí o menino bateu na parede lá e pegou na cara dele a bala.
- E aí depois disso seu irmão foi atrás?
- Foi não aí depois que aconteceu isso ele começou a falar as coisas comigo eu fui e matei ele.
- Ele começou a falar o que com você?
- Mandar mensagem que o cara ia matar eu também aí eu fui atrás e cobreí.
- Isso que eu não to entendendo, por que ele ficou atrás de você e do seu irmão? Nessa festa tudo bem porque seu irmão ficou boiando na festa e era do bairro. Mas por que depois eles foram atrás de você sendo que os meninos da boca que foi lá atirar neles?
- Eles tipo achou que eu ia cobrar, tipo assim e aí já queria pegar eu também. Aí aconteceu que eu peguei o cara.
- Foi tipo assim pra você não ir cobrar eles foram na frente te ameaçando?
- Eu era de menor.
- Eles foram te ameaçando pra você não cobrar os tiros que ele tinham dado no seu irmão?
- É eles pensou porque meu irmão já é de maior aí eu era de menor. Aí eu fui e fiz isso, aí começou a dar só treta (José).

Durante as entrevistas com José foi exaustivamente questionada a relação entre ele e o seu irmão com a vítima. Inicialmente foi colocada sob suspeita seu relato de não envolvimento com atividades criminais anteriores ao homicídio. Entretanto, como pode ser percebido nos trechos acima, o jovem mantém o discurso de que não havia uma relação de rivalidade pessoal entre vítima e autor (até o momento da festa em que seu irmão é baleado), mas sim uma rivalidade coletiva, entre os territórios, que extrapola a atividade do tráfico de drogas. Chama atenção na história de José como um adolescente que a princípio não tinha grandes problemas no seu curso de vida, a não ser a evasão escolar e o uso de maconha, se vê enredado por uma situação que altera drasticamente toda sua trajetória. Ao mesmo tempo, chama a atenção a premeditação do homicídio, onde José relata uma mudança de comportamento a partir da festa onde seu irmão sofre o ferimento a bala, evento este que é o estopim para o início das ameaças. José a partir de então se prepara para o ato, compra uma arma, estuda o local de moradia da vítima, até que encontra uma oportunidade de matá-la, tudo isso muito consciente de seus atos. Também foi percebido que José tem uma preocupação em proteger qualquer pessoa que possa o ter ajudado a cometer o crime. Em todas as descrições ele mantém o discurso de que estava sozinho e que não teve ajuda alguma

em nenhuma das etapas, mesmo que pareça improvável. O jovem também demonstra muito desconforto ao ser questionado de como ele conseguiu a arma, quem o ajudou a localizar a vítima etc.

— o homicídio? Ah eu fui encontrar com uns amigos meus eles tinham me chamado pra pegar um menino que tinha mexido com a namorada de um deles né. Aí eu foi lá e fui. Aí eu tava até trabalhando quando eles foram me chamar.

Aí meu padrasto foi embora e eu tinha acabado de arrumar as coisas, aí eu falei vou acabar de ganhar hoje porque amanhã vai ter coisa pra eu fazer. Aí eu tava lá chegando ele falou comigo que ia pegar o menino porque tinha ficado com a mulher dele e falou tipo assim que eu só ia ficar num lugar pra eu ver o menino na hora que ele passasse eu ligava pro outro menino e falava que ele tava indo embora que eles iam pegar ele na BR. Eu falei tá se for só isso aí eu vou. Aí eu fui e na hora que nós tava indo eu vi que ele tava saindo também e tinha deixado no lugar que ele falou que ia deixar que é na rua lá que o menino ia passar. Aí eu falei onde é que você tá indo? Ele falou assim: é porque o menino falou que não vai vir cá mais não, que quer me encontrar em outro lugar. Ele tava tipo se passando pelo menino, conversando com o menino, mas o menino tava achando que ele tava saindo com a mulher dele. Ele tipo marcou um encontro com o menino.

— Peraí que eu confundi.

— Ele marcou um encontro com o menino e o menino tava achando que era a mulher que ia. Mas na verdade era ele.

— Ah tá seu amigo fingiu que era a namorada dele pra marcar um encontro com o amante dela.

— É com o menino. Aí marcou e tudo mais e era perto da lagoa, tipo na BR. Aí o menino chegou e na hora que ele viu que era o namorado dela ele tentou correr. Aí ele foi e pegou o cara, jogou ele lá fora e puxou o menino lá. E tinha 2 meninos lá também porque foi 4 de menor e 1 de maior. Aí ficou eu mais o G lá no morro, já tinha um povo subindo e o G ficou aqui embaixo. Aí ele já chegou pulando, quando ele viu que tinha 2 dentro do mato ele tentou correr aí o G já pegou ele.

— O G que era o namorado da menina?

— É e ele era o de maior. Aí meia hora no mato eu fui e só levantei a moto e joguei ela assim e o G foi lá onde a gente tava escondido o carro mais pra frente, tipo subindo o morrinho, tinha um morrinho assim e tinha uns mato, ele deixou o carro lá virado, foi correndo e pegou o carro e veio. Aí jogou o menino dentro do carro e os meninos tudo dentro do carro. Aí ele falou pega a moto e segue nós. Aí eu falei tá e coloquei o capacete, liguei a moto e ele saiu na frente e eu saí atrás. Aí chegou tipo numa área aberta assim de terra que ele parou o carro, atacou o menino, começou a bater nele e começou a mostrar as mensagens. Ah você tá saindo com a minha mulher e no celular dela falando que ela tinha namorado e você falou que não tinha problema, que ninguém ia ficar sabendo, que era só vocês dois, agora você vai ver o que é bom pra tosse. Já enforcou o menino e nisso eu não sabia e ele já tinha matado não. Ele começou a dar facada nele, tipo um canivete que você aperta assim ele solta. Começou a dar facada nas costas dele aí ele soltou e fincou a faca nas costas dele assim. aí teve um de menor que tava com nós, que ele tá lá em Sete Lagoas hoje, pegou e começou a dar facada no pescoço dele. Nisso o J que era outro de menor pegou aquele galão de gasolina, eu não sei se tinha metade ou se tava cheio, ele foi e jogou e jogou fogo. Aí nisso o de maior falou que tinha visto uma moto lá embaixo e tava subindo.

Ele já saiu correndo, eu corri na moto e fui atrás dele e joguei a moto pro canto. Aí nós foi embora todo mundo de boa, normal (Beto).

— Foi aí tinha passado de carro e falou assim e eu marquei com ele 6 horas da noite. Aí nisso eu já fui em casa, tomei banho, ele foi e passou lá em casa e me buscou e nós foi.

— Como é que eles falaram com você? Quem te chamou foi o namorado né o G?

— Foi.

— Como é que ele falou?

— Ele falou eu tenho um trem pra nós fazer. Eu falei o que é? Ele falou você vai ficar na rua que a minha namorada mora que tem um cara mandando mensagem pra ela eu fui entrar no facebook dela e mandei mensagem pra ele marcando encontro. Aí ele vai passar e não vai vê ninguém e ele vai embora, quando ele for embora você liga pra mim porque eu vou pegar ele na BR e eu vou bater nele e depois mandar ele embora. Ele falou foi isso. E quando a gente já tinha saído na BR ele já começou e me contar o que ia fazer, tinha marcado o lugar, que tá esperando o cara lá e tudo mais. Aí na hora que eles pegou ele eu já fiquei, o que que esses menino tá arrumando? e eu fui seguindo o carro deles. Chegou lá eu pensei que ele ia só bater porque é uma área grande assim que tem uns eucaliptos cortados, tinha umas mata do lado aí eu pensei que ia só bater nele aí a gente ia embora. Aí o G falou assim: você sabe com quem você tá falando? Aí o menino falou o nome dele falou o nome do de maior. Aí nisso que falou o nome o maior ele já deu um mata leão nele e na hora que ele caiu já começou a dar facada nas costas dele, na costela. Aí esse de menor já pegou e deu no pescoço. Diz ele que viu uma moto subindo do lado de lá. Aí o outro de menor já pegou gasolina e já jogou e tacou fogo e nós entramos dentro do carro.

— Você não viu moto nenhuma?

— Não vi nada porque eu tava de costas, eles estavam lá e eu tava de costas olhando pra eles e a moto assim diz ele que tava vindo uma moto lá de baixo. Na hora que ele falou eu já montei na moto e já saí e já fui atrás dele. Na hora que apoiaram e arrancaram assim, eu fechei o zíper do negócio e fui atrás dele e quando chegou na BR foi mais de boa. Passei num posto de gasolina e coloquei gasolina.

— E alguém já tinha te chamado antes numa situação parecida, tipo assim pra acertar conta com alguém pra dar porrada nos outros?

— Não, primeira vez (Beto).

Já os relatos de Beto sobre o homicídio que participou se diferem dos demais pelo fato do jovem não ter desferido nenhum golpe sobre a vítima. Apesar de responder judicialmente pelo ato, Beto reafirma que em nenhum momento teve alguma atitude que provocasse a morte da vítima. Entretanto, o jovem se responsabiliza por ter participado da cena em que ocorreu o homicídio. Nesse caso nem Beto nem seus colegas desenvolviam trajetórias criminais pregressa ao ato, segundo os relatos. O jovem também não tinha nenhuma ligação com a vítima. Apesar disso, o crime choca pela crueldade com a vítima.

Percebem-se muitas facetas estão relacionadas nos homicídios cometidos pelos sujeitos deste estudo. Alguns elementos comuns que podem ser percebidos em diversos deles,

como a questão da masculinidade, a honra, proteção e o pertencimento a um grupo de traficantes são centrais para entender as motivações que levaram a execução dos atos.

5.3.2 *Motivação*

Pelas narrativas acima apresentadas, percebe-se que as motivações para o cometimento dos homicídios diferem muito entre si. Nem mesmo entre os homicídios cometidos por um mesmo autor há homogeneidade das motivações. Inicialmente, quase que em um primeiro impulso, em um esforço de distinção, começou-se a separar os casos em que os autores possuíam trajetórias criminais daqueles em que os sujeitos não desempenhavam tais trajetórias. Para o primeiro grupo, se pressupôs que os homicídios tivessem em alguma medida ligação com as práticas criminais. Já ao outro grupo foi destinada a surpresa, o inesperado, de um homicídio que não se espera, dado o não envolvimento criminal de seus autores.

Entretanto, o que os atores da Segurança Pública classificam como homicídios cuja motivação seria o tráfico de drogas – considerando o tráfico de drogas como uma atividade econômica central nas trajetórias criminais desses 4 jovens– se percebe que o caráter instrumental nem sempre é observado. Como apontado por Rocha (2017), de todas as motivações apresentadas para o cometimento dos homicídios, quase não se observa uma lógica racional econômica, mesmo aquelas que decorrem do envolvimento com o tráfico de drogas. Pelo contrário, as motivações são muito mais de cunho moral do que econômicas. Portanto, se faz necessário entender como são organizados os discursos de justificativa dos homicídios, como as moralidades são operacionalizadas pelos atores.

Os três primeiros homicídios cometidos por Carlos tiveram como motivação, à primeira vista, prejuízos econômicos que as vítimas traziam para a atividade de venda de drogas. Suas vítimas pertenciam a grupos rivais e iniciaram o comércio em pontos que atrapalhavam o comércio do grupo de Carlos. Entretanto, esta motivação se refere muito mais à ordem recebida pelo adolescente para matar as vítimas, ou seja, a decisão de que estas pessoas deveriam morrer não foi tomada por Carlos, e não é possível dizer que a lógica por trás de quem ordenou o homicídio foi puramente econômica, dado que o mandante não foi ouvido neste trabalho. Mas os motivos de Carlos para executar a ação são mais complexos do que os possíveis prejuízos financeiros que as vítimas poderiam gerar. Carlos alega ter cometido esses homicídios porque foi decidido, por alguém com hierarquia mais alta, que

estas pessoas deveriam morrer. Carlos cumpriu a ordem, em parte por ser menor de idade, em parte para garantir reconhecimento no tráfico. A menoridade penal consiste em um fator comum nos discursos e diz respeito sobre a medida socioeducativa, mesmo a de privação da liberdade, ser vista como algo menos severo.

Muita gente na rua ai se fosse de maior eles ia saber. Ai como de menor não dá nada, ai nos foi lá e matou mesmo. Deu nada. Só tô marchando isso aqui (Carlos).

Estourou foi um que eu tenho lá na cidade da minha avó e uma tentativa e os tráfico. Mas só que eu pago o ato mais grave, ai foi abaixou tudo, como se eu não tivesse mais nada. Que os BO que eu tinha em aberto, eles abriu e abaixou tudo, ai eu to pagando só esse aqui (Carlos).

Carlos demonstra nas falas acima que o fato da medida socioeducativa ter um período de tempo menor se comparado a pena que um adulto deve cumprir em casos análogos, contribui para uma sensação de menor responsabilização. Na primeira frase, o jovem até reproduz uma ideia de impunidade, comumente encontrada nos discursos de jovens envolvidos com a criminalidade. Também pode-se perceber no segundo trecho que Carlos possui alguma orientação jurídica, demonstrando conhecer os trâmites judiciais dos diversos processos que possuía em aberto. Tal orientação também corrobora com a ideia de que o cumprimento de medida socioeducativa é menos danoso se comparado ao sistema de justiça criminal que os adultos estão submetidos, onde as penas são somadas.

— ela tava atravessando a biqueira. Vendendo droga onde que não podia. Ela nem durou muito não. Nos falou que era pra ela parar aí ela continuou. Aí os cara perguntou quem queria ir, ai os cara eu tava ... tinha muita gente na rua, ai só tinha eu e um outro mano de menor lá, ai foi eles jogou as peça na nossa mão ai nós foi lá e matou

— E não tinha como matar em outro horário não que tivesse menos gente?

— Ah aonde que boia é a hora.

— Entendi.

— Ficar esperando demais se acaba morrendo. [...] Primeiro foi uma menina e 2 cara (Carlos – 3 primeiros homicídios).

No quarto e último homicídio cometido por Carlos fica mais evidente como as motivações se conectam. O jovem inicia o relato dizendo que a motivação para o ato infracional foi por disputa de território de venda de drogas. Entretanto logo em seguida revela que o verdadeiro motivo foi a garantia da honra do primo, que foi colocada em xeque após receber um “tapa na cara”.

— Aí foi eu e meu primo nós começou a colocar uma droga lá. Aí nós cismou que era só nós que podia vendê droga, ai nós falo pros cara. Ai os cara não quis negociar ai nós matou um cara lá, ai nós tentô matar altos cara lá mas nós não conseguiu não.,

— Mas os caras já vendiam droga lá antes.

— Ah vendia, nós saiu tomando tudo. [...] Os cara da roça não sabia o que fazer, quando eles via que nos era de BH eles peidava. Lá eles fica peidano, tem revolver e fica peidano de dar tiro nos outro. Nós já mete bala é na cara dura. [...] Nem foi por causa disso também não, nós ia deixar ele vende droga. Foi porque ele deu um tapa na cara do meu primo. Ele deu um tapa na cara do meu primo, nos tava num bar, aí nos foi lá e mato ele. ... Cê é doida? Á tapa na cara e vagabundo? (tem a ver com a honra?) é logico, você vai ficar tomando tapa na cara pros outros? As mulher fala “nó o cara já matou, ele vai ficar tomando tapa na cara de vagabundo?”. Ai você virou chacota, ficar tomando tapa na cara dos outro. Se eu dá um tapa na cara de alguém o cara vai querer matar eu também. Eu sô homem, vou ficar dando tapa na cara dos outro? É mais fácil eu dá um murro (Carlos – 4º homicídio).

Esse último trecho é bastante significativo para entendermos que desvendar os motivos que fazem uma pessoa cometer homicídio nem sempre é tarefa fácil. Se por um lado quando apontada a disputa por pontos de venda de drogas como motivação, há a tendência a se analisar o homicídio considerando o cunho econômico, de disputa de mercado; por outro lado, percebe-se que outras racionalizações são, às vezes, mais importantes para justificar a ação. No trecho acima, Carlos deixa claro que apesar da justificativa de disputa de mercado ser acionada a princípio, o principal motivo foi a garantia da honra do primo, que foi colocada a prova quando o mesmo foi agredido em público de forma vexatória. Obviamente que a importância da garantia da honra em maior ou menor grau se relaciona com a cultura que o indivíduo é socializado. Culturas pautadas no etos masculino, tendem a ser mais violentas nas formas de resolução de conflitos como veremos a frente. O tráfico de drogas é uma das culturas ainda muito masculinas onde a honra e o prestígio são supervalorizados.

[...] meu primo colava com um cara que é do PCC, comanda Teixeira de Freitas toda e Mata Verde lá na Bahia. Ele é ruim pra carai. Aí ele falava pra nós não dá mole, mandava as peça, nois ia e metia bala. Almenara é tudo dele agora. Ele tava preso já tinha 8 anos já. Tinha um cara lá que meu primo pegava droga com ele que ele marchou cadeia com ele, 4 anos. Aí os cara matou esse cara que meu primo conhecia. Ai o gordo, esse cara aí, ele foi agradava do meu primo, aí fortaleceu ele. E eu pegava aqui em BH. Nós tinha um tanto de boca lá na cidade. Mas nós era fechamento, era a mesma coisa. Almenara, Jequitinhonha é tudo PCC agora. Eles falou que vai tomar o Brasil todo (Carlos).

O trecho acima evidencia como a masculinidade e a violência marcam as relações entre as facções e grupos de traficantes, onde a posse de armas de fogo é a expressão de força e poder.

No caso de Marcus, que possui um histórico de homicídios muito intrigante, também reflete como o pertencimento à um grupo que atua no tráfico de drogas pode ser um dos fatores centrais para o cometimento do homicídio, mas que a lógica envolvida na motivação é bastante complexa. Dos 8 homicídios relatados por Marcus, 4 deles são interligados, são irmãos que teriam sido mortos por um deles ter delatado Marcus e os demais pelo receio da represália.

— Encontrava, mas não colava na pista não. Aí ele foi e começou a x-novar e nós fomos lá e matamos ele.

— Por que que ele x-novava?

— Ele tinha carro, tinha moto, tinha revólver de polícia... é porque ele passou no exército aí ele conheceu as polícias aí ele era X9 deles. [...] todo revólver que os homem prendia eles davam pra ele, droga, esses trem. Entendeu agora? (Marcus – 1º homicídio).

O segundo homicídio cometido por Marcus é o mais significativo. A vítima nesse caso havia tentado matar seu irmão algum tempo atrás, quando o adolescente ainda não tinha envolvimento criminal. Após a entrada no tráfico de drogas, Marcus recebeu uma “permissão” para acertar as contas com a vítima. Esse homicídio foi uma transição da trajetória infracional de Marcus, onde dadas as circunstâncias da execução, o adolescente ganhou prestígio e fama como uma pessoa cruel, o que lhe rendeu um rótulo positivo para o mundo do crime (Menor Capeta). Apesar de ter questões financeiras com o tráfico, tem também a questão da honra por ter tentado matar o irmão de Marcus. Os elementos na cena do crime (na presença de vários expectadores, em frente ao local que simboliza a nova vida da vítima) e a simbologia dessa morte para a ascensão de Marcus no tráfico de drogas corroboram que a centralidade da motivação é o “resgate da honra” ferida no conflito com o irmão.

[...] não porque ele tentou matar meu irmão também. Ele falou que meu irmão tinha roubado aí ele tentou matar meu irmão e deu 2 tiros no meu irmão também. Meu irmão deve ter umas 7 vidas. Aí ele foi e deu 2 tiros no meu irmão e levou 2 tiros aí ele foi preso por essa tentativa. Aí foi e saiu... (Marcus – 2º homicídio).

Marcus tem certa dificuldade de verbalizar sobre questões subjetivas, sua fala é muito mais objetiva na narração dos fatos. Por diversos momentos durante as entrevistas quando era indagado sobre seus pensamentos, sentimentos ou motivações, o adolescente se esquivava da pergunta e mudava de assunto.

O sexto homicídio cometido por Marcus também reflete claramente a necessidade de uso da violência para reafirmar a masculinidade, mesmo que de um terceiro. Quando o adolescente se envolve no homicídio da esposa e do amante do “patrão” está claro que ser trapaceado não é uma opção para o chefe do tráfico naquele local, dado que isso fere a sua moral e a única resposta possível é com o emprego de violência. Observa-se que nesse caso a excepcionalidade se dá pela arma do crime, que é uma espada de samurai.

Já Hélio, relata que 3 dos 4 homicídios que cometeu estão relacionados ao tráfico de drogas. Hélio tinha como objetivo de vida ascender na carreira de traficante, isso fica claro em alguns relatos apresentados. O jovem conhece muito bem o mundo do crime, principalmente pela sua vivência com o padrasto, e sabe quais são as moralidades compartilhadas neste contexto e o que deve fazer para alcançar o objetivo. Durante a narrativa acerca do primeiro homicídio de Hélio, pode-se perceber que existe o motivo para a vítima ser classificada como uma pessoa que deveria morrer — o fato de ter roubado a droga dos traficantes — entretanto o motivo de Hélio ser o executor é a vontade de dar um passo importante para atingir o objetivo de ser um traficante de renome, de ter sua “primeira experiência”.

— Esse primeiro você tinha quantos anos, você lembra?

— Eu tinha 15 anos, foi quando eu comecei a vender droga lá na Pedreira.

— Tinha pouco tempo que você tava vendendo droga?

— Tinha uns 2, 3 meses. Aí o moleque foi lá e roubou a droga dos meninos lá e nós foi lá e matou ele.

— E o que te levou a cometer o primeiro homicídio?

— Empolgação dos amigos também, incentivo dos outros. Quando você tá na vida do crime você quer ter sua primeira experiência né. Porque na vida do crime você mata por conta de guerra, essas coisas, aí eu tive minha primeira experiência por causa disso mesmo. Foi por causa de força de vontade, de querer mesmo. Mas eu arrependo. Mas todo mundo erra né. [...] no meu ponto de vista nós que é bandido nós também tem que matar ué, você tem que ter uma coisa que não fez ainda. Você tem que fazer uma coisa que você não fez. Mesmo assim também o crime mesmo te enxerga como uma pessoa mais diferente né, fala: o cara já matou, o cara é mais bandido não é moleque não. A gente tem que tratar ele de uma forma diferente. Do meu ponto de vista é assim.

— Você ganha mais respeito né?

— Também respeito quando você mata ou não mata, dependendo é você que faz o seu crime. Se você for um bandido esperto você vai conquistar muita coisa rápido aí se você for um bandido moleque que só usa droga, se for o bandido ladrão, você vai ficar só no buraco.

— E aí quando você entrou você já queria ser tipo o cara rápido?

— Eu já comecei desde novinho né vendo aquele trem todo. Eu já falei ah eu vou ficar em boca vendendo droga? Eu nasci pra ter a minha parte. Eu já fui lá e já fiz a minha cara pra mim ter minha parte. Aí eu já matei e os caras foram lá e me deram o plantão. Aí nisso aí é os outros que vende pra mim (Hélio – 1º homicídio).

Mesmo com o desejo de ascender no tráfico de drogas e entendendo que o homicídio é quase que um caminho inevitável para alcançar esse objetivo, Hélio relata que não queria cometer o primeiro homicídio. Parece contraditório, entretanto, o jovem entendia que o ato era o meio de conseguir a ascensão tão desejada, tanto é que decidiu por fazê-lo, mas não foi algo que lhe trouxe satisfação ou qualquer tipo de recompensa nesse sentido.

— E você foi só porque era tipo uma obrigação? Não é obrigação, mas é como se fosse né por causa do que ele tava fazendo né. É tipo da lei do crime o cara tá te roubando.

— Tem que ter uma punição né.

— Mas você nem tava muito a fim que você falou né?

— Não tava não (Hélio – 1º homicídio).

O segundo e terceiro homicídios realizados por Hélio, os atos são narrados quase sem crítica, como algo inerente ao posto que assumiu na hierarquia do tráfico. Nesse ponto dos relatos, Hélio já não se incomoda em realizar as execuções.

— Vocês que estavam de ataque na quebrada deles?

— Tinha guerra eles iam lá e nós ia lá [...] eu matei o cara porque ele podia me matar (Hélio, — 2º homicídio).

O segundo homicídio havia envolvido o risco de morte de Hélio como pode ser visto no trecho acima. Já o terceiro homicídio foi motivado por uma necessidade de manter a regra do tráfico, quando um usuário roubou a droga da boca em que o adolescente trabalhava. Tal necessidade se ampara menos pelo prejuízo financeiro mais pelo significado do roubo da droga representa uma afronta a honra de Hélio e do grupo. Já no quarto e último homicídio cometido não existe uma motivação pois foi um acidente de trânsito, ou seja, Hélio não tinha intenção de cometê-lo, nem conhecia a vítima, mas também não prestou socorro.

Ricardo tem um discurso muito forte sobre os motivos que levaram ao cometimento do seu primeiro homicídio. O adolescente conta com muita raiva sobre a vítima, como se a mesma o tivesse infligido muita dor ao lhe dar a “capacetada”.

— Mas o primeiro cara você falou que foi por causa da capacetada que ele te deu.

— Foi.

— Não foi por causa de guerra de droga.

— Não.

— Mas já tinha treta com ele?

— Eu não. Isso aí eu nem era muito envolvido direito não aí ele me deu uma capacetada. Aí nisso também o diabo já é sujo já apareceu uma arma e no que apareceu a arma... (Ricardo – 1º homicídio).

O segundo homicídio cometido por Ricardo aparentemente possui uma motivação fútil, sendo justificado porque a vítima pisou no seu pé durante um baile funk. Entretanto, depois percebemos que acessa as mesmas conexões lógicas do primeiro homicídio, que tem a ver com a moral e a honra, com se sentir desrespeitado e uma necessidade latente de Ricardo se sentir importante e respeitado. Já o último homicídio, o adolescente relata uma desconfiança prévia quanto a profissão da vítima, atribuindo a ela a culpa pela polícia ter ido a sua casa.

[...] e ele trabalhava nesses negócios aí, ele era agente, sei lá. Não sei o que ele era não, mas a gente já não gostava dele a muito tempo porque ele pagava de polícia, vinha com aquelas roupinha estranha lá. É isso mesmo (Ricardo – 3º homicídio).

A terceira vítima de Ricardo foi vitimada duas vezes no mesmo dia, a primeira por agressões físicas e a segunda com um ferimento fatal. Percebe-se que o adolescente já suspeitava da vítima pela sua profissão, como um delator, e não foram necessários outros elementos para comprovar a delação quando Ricardo se sentiu coagido pela polícia. Imediatamente o adolescente atribuiu a culpa do risco de ser preso à esta vítima, agredindo-a fisicamente. Quando a vítima relata às autoridades sobre as agressões, Ricardo recebe a “confirmação” que precisava, de que aquela pessoa é um “X9”, sendo assim, uma pessoa cuja morte é permitida. Ou seja, a terceira vítima de Ricardo já estava condenada pela sua profissão, o adolescente apenas precisava de uma justificativa válida, ou alguém para culpar pelos transtornos causados em sua casa com a investigação policial sobre o tráfico de drogas.

Os dois jovens que não possuíam trajetória infracional antes do cometimento do homicídio tiveram motivações muito distintas. Primeiro José, que cometeu o ato em resposta às ameaças sofridas por parte da vítima e tinha reais motivos para acreditar que a mesma poderia chegar a consumir as ameaças. Tanto a vítima de José quanto sua família possuíam envolvimento criminal e acesso livre a armas de fogo. O irmão de José também já havia sido baleado pela vítima, em momento anterior ao início das ameaças ao jovem.

— Ele tava me ameaçando demais.
— Você achou que ele ia fazer alguma coisa?
— Ia matar eu mesmo [...] deram um tiro no meu irmão, meu padrasto tinha morrido tinha pouco tempo aí eu fiquei com aquele trem na mente se ele morre minha mãe ia ficar com aquele trem, perigoso até minha mãe morrer. Aí eu fui e pensei nesse negócio, esse cara vai acabar matando eu, não posso deixar esse trem acontecer não. Aí fui e dei um tiro, não teve como não, fui e matei o cara (José).

Percebe-se que na narrativa, a preocupação de José não é somente com sua vida, mas com as consequências que sua morte causaria em sua família, principalmente em sua mãe. Entretanto, o motivo do início dos conflitos não havia ficado claro durante muito tempo do campo. A lógica da retaliação que José narra se assemelhava muito com uma lógica ligada ao tráfico de drogas, ou pelo menos às disputas que se iniciaram pelo comércio da droga. Entretanto o jovem a todo momento negava qualquer envolvimento criminal. Até que na quarta entrevista as relações entre vítima e autor e o início dos conflitos entre eles começaram a se desenhar de forma mais clara.

- Eu queria te perguntar da briga que seu irmão teve com os meninos do outro bairro lá, como é que começou?
- Isso tudo foi uma briga lá que os caras tinham dado tiro nesse menino.
- Mas por que os caras foram dar tiro em cima dele?
- Eles tinham problema negócio de bairro.
- Mas como é que começou essa história?
- Esses trem aí é desde antigo, esse trem aí já é rincha desde antigo, aí a guerra não acaba não. Porque os cara de lá já matou lá os cara do meu bairro, do meu bairro já matou lá. Aí essa guerra não acaba não.
- Mas tipo os cara que matou não tem nada a ver com a boca?
- Tem não porque lá tem essas rinchas de bairro, esses trem lá é um monte de coisa porque um bairro é Comando Vermelho e o outro é não sei o que, aí eles não bate de frente não.
- O seu é qual?
- Lá é PCC.
- O que é isso?
- Lá é PCC e o outro já é Comando Vermelho.
- Mas é filiado mesmo ou é só os meninos que falam?
- Só os meninos que fala lá, mas não tem ninguém do PCC lá não. É porque cada bairro tem tipo uma facção dos cara aí uns posta foto de negócio lá aí os cara fica doido. Essa guerra aí não acaba não desde antiga.
- Posta foto com arma, essas coisas?
- Posta foto e escreve lá TCP que é lá da minha quebrada aí o outro é SD um trem assim.
- TCP significa o que?
- É uma facção que é lá do PCC.
- Mas você não sabe o que significa a sigla?
- Não.
- Mas quem participa desse grupo?
- Não é grupo não é o bairro.
- Ah todo mundo posta foto assim lá aí significa lá todo 3 aí o outro bairro que os cara tem guerra é tudo 2 porque os cara posta assim, aí eles ficam doido. Aí até quem nem é envolvido do bairro posta foto assim e os cara fica louco aí a guerra não acaba, é desde antigo. Aí os meninos que é novo agora aí fica sabendo disso e começa querer matar os caras de lá. Aí usa uns cordão de prata, boné, aí os cara fica doido.
- Mas então é os meninos que começam a postar foto com os negócios, fazendo os gestos.
- Aí os caras acha que é envolvido aí começa a botar isso na mente. Aí meu bairro chama Vila Casal aí o bairro deles chama São Domingos aí pergunta:

de onde você é? Sou lá da Vila Casal aí os cara já quer brigar por causa disso, por causa de negócio de bairro.

— Eu tirava foto e nós tinha um grupo, uns trem assim aí eles ficava vendo ou senão no Facebook aí postava foto porque todo mundo entra. Aí você aceita lá um cara sem saber quem é, manda solicitação e você aceita.

— Aí começa as treta.

— E depois eles fica vendo. Você nem ver quem é e aceita no Facebook aí tudo que você posta sai no celular dele também.

— E nas fotos é mais fazendo o gesto mesmo, é tipo ostentando?

— Ou senão assim, na moto.

— Mas assim também significa?

— Eu posto foto assim também, fumando, aí eles fica vendo (José).

Apesar do não envolvimento de José no tráfico de drogas, percebe-se que a rivalidade entre os bairros vizinhos se inicia em uma identificação por facções inimigas. Entretanto, o conflito se expande para toda a população jovem desses bairros, independente do vínculo com estas facções ou até mesmo com o tráfico de drogas. A reprodução de símbolos na internet fomenta a disputa, entretanto percebe-se na fala do jovem que o mesmo não tem um entendimento da real complexidade dos símbolos que reproduz e das consequências disso.

Já o caso de Beto por vezes foi considerado se deveria fazer parte deste estudo dado que o adolescente alega que não cometeu o homicídio de fato. Entretanto, legalmente ele tem a mesma responsabilidade com esta morte. Sobre a motivação, como não possui qualquer tipo de vinculação com a vítima, a ligação de Beto se dá com os outros autores, dando a entender que a participação do mesmo se deu quase que por inércia, por não dizer não a um amigo. Nesse caso, o amigo “de maior” teria uma motivação passional para o cometimento do homicídio, mas os outros envolvidos cometeram o ato em amizade ao autor principal.

— Por que você decidiu participar dessa história achando que era só pra você falar na rua?

— Eu fui mais pela amizade mesmo, as vezes pela emoção, agi pela emoção né porque o primo dele me chamou e aí explicou o que eu ia fazer. Eu falei só isso que eu vou fazer eu vou. Agindo tipo pela emoção né, ele já me falando e eu vou.

— Como assim pela emoção?

— Eu falo mais pela amizade mesmo (Beto).

Percebe-se certa impulsividade na justificativa de Beto para o envolvimento com o homicídio ao dizer que foi pela “emoção”, entretanto não pode deixar de ser apontado que esta impulsividade não corresponde com toda a trajetória conformista pregressa narrada pelo sujeito. Ainda tem que se levar em consideração que mesmo que a motivação de G (o amigo traído) seja diferente da Beto, em ambas o pano de fundo é a etos da masculinidade, associada ao medo paralisante de Beto no momento do crime.

Na fala dos 6 sujeitos entrevistados, foram narradas a forma como ocorreram, as circunstâncias e motivações de 20 homicídios por eles praticados. Como exposto, um mesmo homicídio pode ter mais de uma justificativa para ocorrer, como nos casos em que a vítima causava danos a venda de drogas, mas que a realização daquele homicídio também era vista como oportunidade de ascensão na carreira criminal. Diante disso, foi criada uma classificação com o intuito de melhorar a compreensão sobre quais foram as justificativas principais, as mais significativas para a ação.

JOVEM	CRONOLOGIA DO HOMICÍDIO	TIPO DA JUSTIFICATIVA
Marcus	1º	4 – Obediência a normativas do “mundo do crime”
	2º	3 – Garantia da honra
	3º	2 – Antecipação perante o risco de morte
	4º	2 – Antecipação perante o risco de morte
	5º	2 – Antecipação perante o risco de morte
	6º	3 – Garantia da honra
	7º	4 – Obediência a normativas do “mundo do crime”
Hélio	1º	1 – Estratégia de Ascensão na carreira criminal
	2º	2 – Antecipação perante o risco de morte
	3º	4 – Obediência a normativas do “mundo do crime”
	4º	5 – Outros
Carlos	1º	1 – Estratégia de Ascensão na carreira criminal
	2º	1 – Estratégia de Ascensão na carreira criminal
	3º	1 – Estratégia de Ascensão na carreira criminal
	4º	3 – Garantia da honra
Ricardo	1º	3 – Garantia da honra
	2º	3 – Garantia da honra
	3º	4 – Obediência a normativas do “mundo do crime”
José	1º	2 – Antecipação perante o risco de morte
Beto	1º	3 – Garantia da honra

Tabela 3 - Classificação das Justificativas dos Homicídios

FONTE: elaboração própria.

As justificativas do tipo 1 correspondem aquelas que apresentam em sua centralidade um tipo de estratégia de ascensão na carreira criminal. Tanto pelo prestígio que a autoria do homicídio confere quanto como uma prova objetiva de que o sujeito está comprometido com o mundo do crime.

Desde 1994, Alba Zaluar já apontava para mecanismos de adesão de adolescentes ao mundo do crime que conseguimos perceber que operam até os dias atuais. Segundo a autora, foi percebido em seus estudos um fascínio dos jovens com a figura do bandido e tudo que

essa figura representa como “arma e o fumo, o dinheiro no bolso, as roupas bonitas e a disposição para matar” (ZALUAR, 1994, p. 102).

A cultura local do crime no contexto do trabalho de Zaluar (1994), dividida os homens envolvidos na criminalidade em dois grupos, os chefes e os teleguiados. O primeiro era marcado por sujeitos determinados e autônomos em suas decisões, passam a imagem de força como a autora nomeia “sujeito absoluto” a quem se destinam os cargos mais altos do mundo do crime. Em contraposição, os “mentes fracas”, que corresponde a um perfil submisso. Nesse contexto, o porte de armas e a disposição para matar se tornam elemento central na construção destas identidades, atrelando o perfil do chefe também a força e a violência.

Portanto, a autoria de homicídios representa nesses casos uma forma objetiva do sujeito se provar digno de alcançar cargos mais elevados na hierarquia criminal. Descritos como meio de se atingir o objetivo central de ascensão na trajetória do crime, em uma racionalidade objetiva. Como pode ser observado nas falas de Hélio acerca do primeiro homicídio praticado, onde mesmo sendo uma ação que incomodou o adolescente, ele entendia que era necessário para ocupar cargos mais elevados na hierarquia do tráfico de drogas. O adolescente relata desde o início conhecer bem os mecanismos do mundo do crime, através de sua vivência com o padrasto traficante desde a infância, e sua intenção de ser lido como alguém que leva o crime a sério para ser destacado dos que possuem comportamento infantilizado. Também podemos observar tal justificativa nos 3 primeiros homicídios cometidos por Carlos, os quais foram cometidos com o intuito de se promover na carreira criminal. Carlos inicia sua trajetória no mundo do crime muito determinado a se envolver com intensidade neste universo para se afastar da realidade vivenciada em casa. Assim como Hélio, Carlos já conhece as regras e o funcionamento da atividade criminosa dada a sua convivência com os tios e proximidade com os traficantes locais. Ou seja, ambos os jovens possuem conhecimento prévio do que tem que ser feito para garantir uma posição respeitável no grupo criminal que desejam integrar e buscam estratégias para alcançar tais posições.

Já as justificativas do tipo 2 são aquelas em que o autor comete o homicídio mediante o risco de ser morto, que pode ser real ou imaginário. Nesses casos a eliminação de possíveis vingadores e a estratégia defensiva (matar para não morrer) ocupam a centralidade do discurso. A esse respeito Rafael Rocha (2017, p. 407) aponta o termo homicídios retaliatórios, que corresponde:

[...] aqueles assassinatos cometidos como resposta a uma ofensa ou agressão prévia (seja ela real ou imaginária), e podem ocorrer tanto como parte de uma guerra, onde uma morte ou agressão justifica um assassinato, mas também em outros contextos mais cotidianos, como uma festa ou baile, em uma transação legal ou ilegal, ou mesmo entre conhecidos que passam a se desentender e cujo conflito passa por um processo de escalonamento das agressões. Por sua vez, denomino o fenômeno no qual a agressão que motiva um homicídio retaliatório é também um assassinato, de cadeias de homicídios, ciclos nos quais uma morte violenta serve de justificativa para seu revide.

A lógica de rivalidades por trás dos homicídios retaliatórios implica em uma relação entre as partes mutuamente violenta e baseada em ameaças, onde os papéis de vítima e autor podem ser alterados em qualquer momento até o desfecho da ação (ROCHA, 2017). O terceiro, quarto e quinto homicídios cometidos por Marcos por exemplo, foram contra os irmãos da vítima do seu primeiro homicídio, sendo justificados pelo risco de retaliação. Tal preocupação encontra fundamento nas vivências do mundo do crime por Marcus. Assim como nos achados de Rocha (2017, p. 408) que observou que frequentemente “[...] os autores de um homicídio são assassinados em seguida por amigos e familiares da vítima”. Assim como em cenários de guerra entre grupos de traficantes rivais, como no caso do segundo homicídio cometido por Hélio, que matou um rival, em um momento de conflito, com o intuito de não ser vítima do mesmo. Já José, que não possuía envolvimento com trajetória infracional, ainda assim se viu imerso em uma guerra relacionada ao seu local de moradia. Segundo Rocha (2017) mesmo que as vítimas principais dos ciclos de homicídios retaliatórios sejam os integrantes dos grupos armados rivais, muitas vezes esse conflito se estende para pessoas próximas, comprometendo a rotina e circulação dos moradores. No caso de José, diante da ameaça objetiva e reiterada da vítima decidiu pelo seu assassinato.

As justificativas do tipo 3 correspondem aquelas em que o homicídio foi cometido como forma de retaliação a uma ação vexatória sofrida anteriormente pelo autor. Nesses casos o homicídio funciona como uma espécie de estratégia de recuperação da honra. A ofensa sofrida anteriormente pelo autor independe da gravidade da ação da vítima. Mesmo diante de incidentes banais a violação da honra pode ser sentida pelo autor.

Mesmo com todos os avanços ainda é inegável como o machismo afeta as relações sociais de uma maneira generalizada ainda hoje. As altas taxas de feminicídio¹² observadas no Brasil são um reflexo da cultura machista e patriarcal observadas historicamente

¹² Segundo publicação do Fórum Brasileiro de Segurança Pública intitulado “Violência contra mulheres em 2021” disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>, acessado em 2 de agosto de 2022.

(BALBINOTTI, 2018). A violência associada a um pensamento machista predominante resulta em crimes com motivações misóginas. Transpondo o cenário mais amplo para as particularidades do mundo do crime, a imagem de força e masculinidade são centrais na manutenção do prestígio e da honra.

Nesse contexto, as armas são vistas como símbolos fálicos por Zaluar (1994), corroborando com o argumento de sua importância na construção da imagem masculina do chefe. A autora ainda aponta para a utilização do termo ferro para a arma e deitar para o ato de matar outra pessoa, fazendo uma alusão ao órgão genital e ao ato sexual, comparando a vítima com a posição da mulher durante o ato. “Vencer outros homens através de sua posse (arma) é fundamental para a afirmação do homem, que se torna respeitado na localidade” (ZALUAR, 1994, p 106).

Para a autora, mesmo a lógica econômica do tráfico de drogas não pode ser dissociada da cultura do *ethos* da masculinidade. Tal cultura é responsável por definir comportamentos violentos no intuito de defender a moral masculina dos “desrespeitos” cometidos pelos rivais. Esses desrespeitos vão desde pisar em território proibido a sofrer ofensas, gerando rixas intermináveis em processos retaliatórios.

Aqui instaura-se outro círculo vicioso: de uma definição masculina de “honra” que obriga a resposta a qualquer desafio ou qualquer ação facilmente considerada ofensiva devido a suscetibilidade à flor da pele dos adolescentes, desliza-se para uma escala de violência que transforma as armas em símbolos de masculinidade e em garantias únicas contra a derrota vergonhosa ou a morte, e instrumento da submissão ou da morte do rival (ZALUAR, 1994, p. 110).

Portanto, a preservação da honra é importante ainda nos dias atuais e para aqueles com algum envolvimento criminal a chance dessa manutenção da honra masculina ser obtida através da violência é ainda maior, dado o costume de utilização de tal recurso como resolução de conflitos. Entre os homicídios narrados, ao sexto cometido por Marcus foi dada a justificativa deste tipo. Nesse caso, a honra ofendida não era do adolescente, mas do chefe do tráfico que foi traído pela companheira. Marcus matou o amante enquanto o chefe matou a companheira em uma cena brutal com o uso de uma espada e os corpos foram queimados após o ato. Pela narrativa quase que teatral da barbaridade deste homicídio, pode-se perceber como um caso extraconjugal afeta a moral masculina de uma figura que não pode ter essa imagem abalada, o chefe do tráfico, colocando inclusive a posição na hierarquia do crime em cheque caso a honra não seja restaurada. Marcus é coadjuvante nesse contexto, mas também compartilha da mesma ideia de manutenção da honra, por isso válida a necessidade de

realização dos homicídios (da companheira do chefe e do amante dela) se colocando como parte da “resolução do problema”. Outro caso que possui justificativa semelhante é o de Beto, que compartilha de uma visão machista sobre a manutenção da honra através da utilização da violência. Nesse caso, pela ausência de uma cultura criminal em sua vivência, o desejo pelo emprego da violência é menor, visto que inicialmente Beto concordou em participar de uma agressão física. Nesse caso a namorada do amigo não foi vítima de homicídio, apenas o amante. Mas assim como o caso anterior, a manutenção da honra do amigo se torna uma questão coletiva, ou seja, as pessoas próximas se afetam com essa violação ao ponto de se disporem a se envolver em práticas criminais para garantir a recuperação da honra. Também chama a atenção a forma como este homicídio é praticado, sendo realizado, ao que tudo indica, em um período de tempo prolongado, onde a vítima sofre inicialmente um sequestro, agressões físicas depois é morta a facadas com múltiplos golpes e o corpo queimado. Dos 20 homicídios cometidos pelos jovens, somente 4 foram praticados sem arma de fogo, sendo 2 deles relacionados com uso de armas brancas e relacionados a traições amorosas de terceiros.

As demais justificativas do tipo 3 utilizadas pelos jovens correspondem ao último homicídio cometido por Carlos e aos 2 primeiros de Ricardo. Nesses casos, as vítimas foram acusadas de terem ações que ofenderam a honra dos autores. A vítima de Carlos deu um tapa no rosto do primo e parceiro de tráfico do mesmo. Já haviam conflitos anteriores que envolviam negociações sobre pontos de venda de drogas que não haviam sido solucionados. Entretanto, o jovem relata que o tapa no rosto do primo feriu a honra dos dois pois não era aceitável esse tipo de agressão para alguém que ocupava as posições deles na hierarquia criminal. Carlos até diz que se fosse um soco seria mais aceitável, mas que um tapa no rosto seria interpretado pelos outros como desrespeito para alguém em sua posição, que já havia cometido outros homicídios. Nessa fala, o tapa no rosto soa quase como um desafio à masculinidade de Carlos. Já o primeiro homicídio cometido por Ricardo foi justificado pela “capacetada” que o adolescente sofreu da vítima dias antes. Para Ricardo, a agressão realizada em público, de forma inesperada, foi um desrespeito a sua honra, quando o mesmo se sentiu diminuído. O homicídio foi a forma como o adolescente buscou sua reafirmação enquanto sujeito respeitável. O segundo homicídio, foi justificado da mesma forma, mas nesse momento da trajetória infracional, Ricardo já possuía prestígio e uma imagem que devia ser mantida. Ou seja, algumas ofensas sofridas pelos autores foram encaradas como riscos a imagem dos mesmos, de que poderia desencadear uma falta de prestígio e prejuízos às carreiras criminais. A partir do primeiro homicídio, a necessidade de manutenção desta

imagem se torna ainda maior, sendo necessária uma ação retaliatória mesmo diante de incidentes banais.

Em seguida, as justificativas do tipo 4 representam aquelas em que o homicídio ocorre quase que de maneira automatizada, em detrimento do cumprimento das regras do mundo do crime, sem grandes reflexões. Geralmente praticada por autores já muito envolvidos em carreiras criminosas e correspondem ao cumprimento irreflexivo da ordem dos chefes do tráfico ou mesmo em observância das regras morais da cultura criminal. Este tipo de justificativa se assemelha a primeira por se referir a um léxico compartilhado pelos envolvidos em trajetórias criminais. Entretanto, a diferença entre os dois tipos é que para o tipo 1 foram consideradas aquelas justificativas em que o sujeito, através de uma escolha racional, realizou o homicídio com o intuito de promoção na carreira criminoso. Já nas justificativas do tipo 4, foram consideradas aquelas em que o homicídio é apenas o cumprimento de uma função, a partir de regras já preestabelecidas, ou seja, como um trabalho a ser executado, sem a intenção de ascensão na carreira. Apresentam justificativas deste tipo Marcus, Hélio e Ricardo. O primeiro homicídio cometido por Marcus foi em cumprimento a ordem do chefe do tráfico em retaliação a uma delação que a vítima teria feito. Marcus estava iniciando a sua trajetória infracional e conta este ato sem grandes problematizações, apenas como algo que deveria ser feito, assim como o sétimo homicídio praticado pelo adolescente em que executa uma pessoa que estaria roubando a boca, a partir de uma ordem do superior na hierarquia do tráfico. No terceiro homicídio praticado por Hélio, a justificativa se assemelha a dada para matar um usuário de crack que estava furtando drogas da boca em que atuava. Da mesma forma que Marcus, Hélio cumpre o que “deveria ser feito”. Ricardo também fornece a mesma justificativa para seu último homicídio em que a vítima foi acusada por ele de ser um delator. Diferente dos demais, nesse caso a ordem de execução não vem de algum superior no tráfico de drogas, mas consiste em uma decisão do próprio Ricardo, já que ele era o alvo das delações. Percebe-se que nos 4 homicídios em que a justificativa apresentada foi deste tipo, as vítimas são acusadas de delação ou roubo de drogas de grupos traficantes. Isso porque a prática de tais ações é moralmente condenada pela gramática moral do crime (ROCHA, 2017). Portanto são pessoas que são “matáveis” dentro das moralidades compartilhadas pelos envolvidos nestas trajetórias.

Por fim, as justificativas do tipo 5 correspondem a outras situações que possam aparecer. Entre as narrativas observadas, esta justificativa foi utilizada por Hélio em seu último homicídio que foi cometido acidentalmente.

Cabe ressaltar que em um mesmo ato por vezes encontramos mais de uma justificativa, podendo ser observados elementos de mais de um tipo nas narrativas. Entretanto o esforço de elencar o principal motivador foi realizado com o intuito de tornar os fatos mais compreensíveis, não excluindo as demais racionalidades envolvidas no contexto de justificação.

5.3.3 Síntese de compreensão

Em suma, pode ser percebido que a maior parte dos sujeitos narra com detalhes como os homicídios foram praticados, com exceção de Marcus que apresenta um discurso pouco objetivo com relação a maior parte dos homicídios que declara ter cometido. No que tange quantidade de atos narrados pelos participantes da pesquisa, foram descritos ao todo 20 homicídios praticados por 6 autores (desconsiderando os cúmplices que não são objetos deste estudo), o que corresponde a uma média de 3,34 vítimas para cada jovem do estudo. Entretanto, percebe-se uma divisão clara entre os adolescentes que não possuíam trajetória infracional antes do homicídio e os que desenvolviam tal trajetória. Sendo que os primeiros possuem 1 homicídio praticado por cada autor, enquanto os demais possuem entre 3 e 4 homicídios por autor se desconsiderar o caso de Marcus que declara ter praticado 14 homicídios, mas descreve somente 7 desses. A maior parte dos jovens praticaram os homicídios entre 16 e 17 anos, com exceção de Marcus e Ricardo que relatam terem iniciado a prática de homicídio aos 14 anos.

Já no que diz respeito aos instrumentos utilizados, a grande maioria dos atos foi praticada com arma de fogo, sendo 16 homicídios praticados por algum tipo de arma de fogo, 2 por armas brancas como espada e faca e 2 por outros meios como pedras e o carro. Também se pode perceber que alguns dos homicídios são narrados com empolgação, de maneira apaixonada, onde o narrador revive um sentimento prazeroso ao mesmo. Tal característica foi observada principalmente nas falas de Marcus com a morte do Gerente e do amante da companheira do “patrão”, Hélio no segundo homicídio e de Ricardo no seu primeiro homicídio.

A partir da análise acerca dos motivos relatados pelos sujeitos para terem praticado os homicídios, a partir da classificação realizada, percebe-se que o motivo mais expressivo foi do tipo 3, que corresponde aqueles homicídios que foram praticados com o intuito de garantia da honra, que ocorreu em 6 dos 20 homicídios relatados. Em seguida, observou-se que os homicídios do tipo 2, que se refere a antecipação perante o risco de ser morto, foram as

justificativas encontradas pela prática de 5 homicídios. Já o terceiro tipo de justificativa mais encontrada foram os homicídios praticados pelos tipos 1 Estratégia de Ascensão na carreira criminal e 4 Obediência a normativas do “mundo do crime”, sendo 4 observações para cada um destes tipos. Ao voltar a análise para os sujeitos, percebe-se que a maior parte das motivações para os homicídios cometidos por alguns desses dá indícios de uma relação com suas identidades. Carlos por exemplo, dos 4 homicídios cometidos, 3 foram motivados pela vontade do jovem em ascender na carreira criminoso. Ressalta-se que Carlos desde o início das entrevistas demonstra muita objetividade na fala, podendo ser considerado como um indivíduo mais racional, corroborando os achados de que a maior parte dos homicídios teria uma lógica também racional como motivação. Outro caso que necessita ser evidenciado é o de Ricardo, cuja maior parte dos homicídios cometidos são motivados pela garantia da sua honra. Como descrito anteriormente, Ricardo foi um dos participantes que mais zelou por construir uma imagem forte perante a entrevistadora, buscando a todo momento esconder qualquer fragilidade. Foi percebido durante as entrevistas que a forma como os outros enxergam Ricardo é muito importante para o jovem, fazendo um paralelo com os motivos relatados pela prática dos primeiros homicídios. Já Marcus, que tem uma situação de vulnerabilidade mais agravada, apesar de ter praticado uma grande quantidade de homicídios, e com uma relativa diversidade de motivações, ainda assim o motivo mais elencado foi a antecipação do homicídio após uma ameaça a sua vida. Ou seja, Marcus vive em uma situação de risco permanente, seja pelas condições socioeconômicas anteriores ao ingresso em uma trajetória infracional, seja pela falta de qualquer tipo de suporte até mesmo para um encerramento de tal trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentados os principais argumentos no decorrer dos capítulos que estruturam esta tese, cabe nesta conclusão articular alguns pontos principais deste estudo com o intuito de construir um quadro analítico acerca dos elementos que levaram os jovens a cometer homicídio.

O primeiro ponto de destaque se refere a família, onde a hipótese de que a composição familiar destes jovens, se sugere a hipótese de que são famílias mononucleares, com histórico de violações aos direitos das crianças e adolescentes e permeada por um cotidiano de ausência de supervisão por um adulto foi comprovada a medida em que a maior parte dos entrevistados vivenciaram desde a infância tal cenário.

Ainda é preciso destacar como a família também pode em alguma medida compartilhar moralidades do mundo do crime em paralelo com as moralidades convencionais. Diferentemente do imaginário de família como responsável pela transmissão de valores tradicionais conformistas, como se buscou explicitar na seção 5.1, as famílias encontradas nos relatos dos jovens possuíam configurações diversas. A maior parte delas chefiadas por mulheres e com a presença de tios, primos, padrastos e enteados e com parte dos coabitantes, vezes ou outra possuindo envolvimento criminal. Nestes casos, a família é o primeiro contato do jovem com o mundo do crime, suas moralidades e valores. Os aprendizados criminais e os contatos com as hierarquias do tráfico de drogas em alguns casos vêm da experiência anterior dos parentes.

Mesmo os membros que não possuem vivência criminal por vezes reproduzem falas de incentivo ao não envolvimento e por vezes tem ações que corroboram com o envolvimento do jovem, como no caso de Hélio, em que a mãe e a avó aceitam os recursos do tráfico de drogas para a manutenção da casa. Ou seja, as moralidades do mundo do crime e dos valores convencionais são compartilhadas também pela família, sendo mobilizadas dependendo das circunstâncias.

A hipótese inicial de que os jovens que adotam práticas criminais o fazem por um afastamento dos ensinamentos familiares, dado a impeditivos socioeconômicos, não foi corroborada neste estudo. De fato, se percebe uma dificuldade de controle desde a infância destes jovens, e quase todos passam por privações socioeconômicas. Entretanto, o que pode

ser percebido é que estes indivíduos crescem em ambientes em que as duas moralidades coexistem.

Os papéis familiares também são por vezes invertidos, onde os jovens assumem os cuidados com os irmãos menores e até mesmo da mãe e da avó. Percebe-se que os papéis são fluidos ao longo do curso de vida, mas uma característica de quase todas as histórias é de passar longos períodos sem supervisão e como esta ausência impacta em tal mudança de papéis. Alguns dos jovens aproveitam desta situação e buscam estratégias para garantir maior autonomia sem a vigilância dos responsáveis. Nenhum pai biológico teve participação significativa na criação dos jovens.

O segundo ponto a ser destacado se refere a entrada dos jovens em trajetórias infracionais, descrita na seção 5.2. A hipótese de que diante do contexto familiar, a ocorrência de eventos traumáticos, experiências próximas com a criminalidade urbana vão tornando a adoção por trajetórias criminais cada vez mais atraentes também foi comprovada.

Em todos os casos cuja trajetória infracional foi desenvolvida, os adolescentes já faziam uso de drogas antes da prática criminal e para a maior parte deles o início do uso se deu através de algum familiar. Nos relatos acerca da entrada em trajetórias criminais é possível identificar um *ponto de virada* para cada um dos jovens. Os *pontos de virada* identificados correspondem a eventos impactantes, sendo 3 deles relacionados a morte de um familiar. Entretanto, estes eventos se analisados isoladamente não dão conta de explicar o início das ações criminais. Em outras palavras, durante o curso de vida dos jovens analisados, desde o momento do nascimento até antes do início da trajetória infracional, foram ocorrendo eventos menores que criaram um pano de fundo, responsável por facilitar certas interpretações do *ponto de virada* em detrimento de outras. Essas interpretações justificam a posteriori a adesão à trajetórias criminais. Percebe-se que a adoção de trajetórias criminais dos jovens são fundamentas pela busca por autonomia, dignidade e liberdade, o que de certa forma não foi concretizado.

Além disso, a trajetória infracional em todos os casos perpassa pelo tráfico de drogas, por ser uma atividade que angaria um grande número de pessoas e por envolver um risco relativamente menor do que outras atividades como roubo, sequestro etc. A entrada para o tráfico de drogas coloca o sujeito ainda mais envolto nas normativas do mundo do crime. Nesse grupo, a violência é algo cotidiano e o mecanismo de resolução de conflitos geralmente utilizado. O acesso às armas de fogo além de facilitado é indicativo de poder do grupo, onde quanto mais armas de fogo um determinado grupo possui, mais forte esse grupo é considerado e conseqüentemente mais respeitado e menos exposto a ataques. Entretanto, o poder de um

grupo frequentemente tem que ser reforçado com a execução daqueles que colocam esse poder em questionamento, seja por outros traficantes que não respeitam a divisão territorial, seja por usuários que não respeitam a transação econômica. Ou seja, a eliminação das pessoas que desrespeitam as regras desse grupo é fundamental para a manutenção do status de grupo e até mesmo de sua continuidade de existência.

Portanto, a hipótese de que a partir da aprendizagem da violência como forma de resolução de conflitos, convivência com os pares e a persistência de eventos negativos, o homicídio se torna a solução para os entraves vivenciados também foi confirmada. Nesse sentido, a trajetória infracional e a relação com o tráfico de drogas perpassam inúmeros homicídios. Entretanto, estes homicídios nem sempre são motivados pela lógica econômica. O fator moral se demonstrou significativo entre as motivações. A predominância de uma cultura centralizada no etos da masculinidade foi identificada com o uma das principais razões para as questões ligadas a honra serem tão importantes para estes jovens e as formas de garantias desta honra se basearem na violência. Ou seja, o que mata não é o tráfico de drogas, mas o machismo intrínseco a atividade e a necessidade de reforço desse machismo que se expressa pela violência.

Perto da morte, a privação da liberdade não parece de todo ruim. O que é curioso é que mesmo sabendo de todo o risco, como que ainda assim os adolescentes continuam se envolvendo em trajetórias criminais? O que pode ser pior do que o risco de morte tão vivido e presente que estes jovens relatam? Em parte, por mais que os relatos tragam uma certa consciência do risco de morte, ainda assim existe uma esperança de não ser vitimado. Em parte, a nova chance ao completar os 18 anos, confere uma esperança de ainda conseguir viver sem tantos contratemplos. Principalmente quando se tem algum apoio familiar como nos casos de Carlos e Hélio. Mas para alguns deles a vida sem as honrarias e vantagens da trajetória infracional pode ser pior do que a própria falta de vida, como nos casos de Marcus e Ricardo.

Quanto mais homicídios o jovem comete, menor parece o impacto destes atos sobre a moralidade dos jovens. A banalização de matar fica evidente nos relatos onde os crimes passam a ser cada vez mais impessoais e os relatos são concentrados muito mais nos métodos de matar como uma novidade do que na vítima ou na motivação. A personalidade da vítima é anulada quanto mais homicídios são cometidos.

Ainda acerca das motivações, percebe-se que em alguns casos, determinados sujeitos apresentam certa regularidade nas justificativas declaradas para a prática dos homicídios. Tal fato aponta para um padrão na forma de interpretação do mundo que se conecta com a identidade do sujeito. Portanto conclui-se que é inegável que as condições estruturais e

contextuais impactam na existência de eventos e *pontos de virada* que vão desenhando o curso de vida dos sujeitos. Mas as interpretações destes eventos, a partir das vivências do sujeito, conferem um caráter identitário às trajetórias infracionais, observado também nas justificativas da prática dos homicídios.

Por fim, este trabalho consiste em um esforço de ampliação da qualificação do entendimento das circunstâncias de ocorrência dos homicídios. Entretanto, dada a complexidade do tema, uma agenda robusta de pesquisas é necessária para de fato se compreender o fenômeno. Percebe-se que ainda há muito o que se explorar acerca do etos da masculinidade, como isso se relaciona com a violência e as diferenças da expressão desta masculinidade em diferentes em contextos.

Outra agenda de estudos necessária diz respeito às relações familiares, considerando a transmissão intergeracional da vulnerabilidade e falta de suporte para o cuidado das crianças. Nesse sentido, é necessário refletir sobre como as políticas públicas poderiam atuar de forma preventiva e mais eficiente para a diminuição das desigualdades e da criminalidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. *Contexto histórico e condição juvenil*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo — Violence against women as expression of patriarchy and male chauvinism. *Revista da Esmesc*, v. 25, n. 31, p. 239–64, 2018 DOI: <http://dx.doi.org/10.14295/revistadaesmesec.v25i31.p239>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- BAUER, Martin. W.; GASKELL, George (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BEATO FILHO, C. C.; ZILLI, L. F. N. *A estruturação de atividades criminosas: um estudo de caso*. 2009. Disponível em <http://www.crisp.ufmg.br>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- BECKER, H. *Outsiders: studies in sociology of deviance*. New York: Free Press, 1963.
- BECKER, H. Introduction. In: SHAW, C. *The Jack Roller: a delinquent boy's own story*. Chicago: Chicago University Press, 1966[1930].
- BENATTI, Ana P.; CAMPEOL, Ângela R.; MACHADO, Mônica S.; ROSSATO, Caroline R. P. Famílias monoparentais: uma revisão sistemática da literatura psicologia. *Ciência e Profissão*, v. 41 (n. esp. 3), p. 1–14, 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003209634>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- BERGER, Peter L. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento por Peter L. Berger a Thomas Luckmann*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BITTAR, M. Trajetórias educacionais de jovens residentes em um distrito da periferia de São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 30, n. 89, 2015.
- BLANCO, Mercedes. El enfoque del curso de vida: orígenes y desarrollo. *Revista Latinoamericana de Población*, v. 5, n. 8, p. 5–31, enero–junio 2011. Asociación Latinoamericana de Población Buenos Aires, Organismo Internacional Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323827304003>. Acesso em: 26 out. 2018.
- BLUMSTEIN, A. Seriousness weights in an index of crime. *American Sociological Review*, v. 39, p. 854–64, December 1974.
- BUENO, S.; LIMA, R. S. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022*. Brasília: Ipea; FBSP, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- BURSIK, R. J.; Harold G. GRASMICK, H. G. *Neighborhood and crime: the dimensions of effective community control*. San Francisco: Jossey-Bass Inc., 1993
- BUSHWAY, S. D.; PIQUERO, A. R.; BROIDY, L. M.; CAUFFMAN, E.; MAZROLLE, P. An empirical framework for studying as a process. *Criminology*, v. 39, p. 491–15, 2001.

- BUSHWAY, S. D.; THORNBERRY, T. P.; KROHN, M.D. Desistance as a developmental process: a comparison of static and dynamic approaches. *Journal of Quantitative Criminology*, v. 19, p. 129–53, 2003.
- CABRERA, N. J.; TAMIS-LeMONDA, C. S.; BRADLEY, R. H.; HOFFERTH, S.; LAMB, M. E. Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, v. 71, n. 1, p. 127–36, 2000. Disponível em: <http://doi.org/10.1111/1467-8624.00126>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- CARLSSON, C. Using “pontos de virada” to understand processes of change in offending: notes from a Swedish study on life courses and crime. *Brit. J. Criminol.*, v. 52, p. 1–16, 2012.
- CERQUEIRA, D. et al. *Atlas da violência 2020*. Brasília: Ipea; FBSP, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 6 ago. 2021.
- CERQUEIRA, D. et al. *Atlas da Violência 2021*. Brasília: Ipea; FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- COELHO, E. C. A criminalização da marginalidade e a marginalização da criminalidade. *Revista de Administração Pública*, v. 12, n. 2, p. 139–61, 1978.
- ELDER, Glen. *Children of great depression*. Chicago: University of Chicago Press, 1974.
- ELDER, Glen. *Perspectives on the life course*. In: ELDER, G. H. (org.). *Life course dynamics*. New York: Cornell University Press, 1985, p. 23–49.
- ELDER, Glen H.; PAVALKO, E. K.; HASTINGS, T. J. Talent, history, and the fulfillment of promise. *Psychiatry*, v. 54, p. 215–31, 1991.
- ELDER, Glen. Historical times and lives: a journey through time and space. In: PHELPS, Erin; FURSTENBERG, Frank F.; COLBY, Anne (org.). *Looking at Lives: American longitudinal studies of the 20th century*. Nueva York: Russell Sage, 2002.
- ELDER et al. O surgimento e o desenvolvimento da teoria do curso de vida. In: MORTIMER, JT; SHANAHAN, MJ (Eds.). *Manual do curso de vida*. Nova York: Kluwer Academic / Plenum, p. 3-19, 2003
- ELDER, Glen; KIRKBETO, Monica; CROSNOE, Robert. The emergence and development of life course theory. In: MORTIMER, Jeylan T.; SHANAHAN, Michael J. (org.). *Handbook of the life course*. Nueva York: Springer, 2006.
- ELDER, Glen; GIELE, Janet Z. (ed.). *The craft of life course research*, January 2009 ISBN-10: 978-1-60623-320-7.
- ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- FARRINGTON, D.; LOEBER, R. *Young homicide offenders and victims, 79 longitudinal research in the social and behavioral sciences: an interdisciplinary series*, DOI 10.1007/978-1-4419-9949-8_5, © Springer Science+Business Media, LLC 2011

<https://www.metropoles.com/brasil/dia-dos-pais-para-quem-com-80-mil-criancas-sem-pai-abandono-afetivo-cresce> Acesso em: 11 abr. 2018.

FELTRAN, G. S. *O legítimo em disputa: As fronteiras do “mundo do crime” nas periferias de São Paulo. Dilemas. Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 1, n. 1, p. 93–126, 2008.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2.ed. Porto Alegre : Bookman, 2007.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GUIDDENS, A. *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

HAGESTAD, Gunhild, VAUGHN, Call. Pathways to childlessness: a life course perspective. *Journal of Family Issues*, Thousand Oaks (California), Sage Publications, 2007.

HERMANN, H. Narratives Interview. FLICK, U.; KARDORFF, E.V.; KEUPP, H.; ROSENSTIEL L.; WOLFF, S. (ed.). *Handbuch qualitative sozialforschung* (2nd edn). Munich: Psychologie Verlags Union, 1995, p. 182–5.

HUME, M.; WILDING, P. Es que para ellos el deporte es matar: rethinking the scripts of violent men in El Salvador and Brazil. In: AUYERO, J.; BOURGOIS, P.; SCHEPER-HUGHES, N. *Violence at the urban margins*. New York: Oxford University Press, 2015, p. 93–111.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2010: Famílias e Domicílios. Resultados da amostra. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/97/cd_2010_familias_domicilios_amostra.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER; M. W.; GASKELL, George (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2007.

KWAN, Y. K.; CHEUNG IP, W.; KWAN, P. A crime index with thurstone’s scaling of crime severity. *Journal of Criminal Justice*, v. 28, p. 237–44, 2000.

LAUB, J. H.; SAMPSON, R. J. Pontos de virada in the life course: why change matters to the study of crime. *Criminology*, v. 31, p. 301–25, 1993.

LAUB, J. H.; SAMPSON, R. J. Understanding desistance from crime. In: TONRY, M. (org.). *Crime and justice*. Chicago: University of Chicago Press, 2001, p. 1–69.

LAUB, J. H.; SAMPSON, R. J. *Shared Beginnings, divergent lives: Delinquent Boys to age 70*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

LAUB, J. H.; SAMPSON, R. J. *Começos compartilhados, vidas divergentes: delinquent boys to age 70*. 1st ed. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

- LYRA, Diogo. *A república dos meninos, juventude, tráfico e virtude*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.
- MARUNA, S. Desistence and development: the psychosocial process of “going straight”. In: THE BRITISH CRIMINOLOGY CONFERENCES: SELECTED PROCEEDINGS — Papers from..., Queens University, v 2. Belfast, 15–9 July 1999 Disponível em: <http://www.britisoccrim.org/volume2/003.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- MARUNA, S. *Making good: how ex-convicts reform and rebuild their lives*. Washington: American Psychological Association, 2001.
- MATSUEDA, R. L. Differential association theory. In: ENCYCLOPEDIA of criminology and deviant behavior, New York: Taylor and Francis, 2001, v. 1.
- MATZA, D. *Delinquency in drift*. New York: John Wiley and Sons Inc, 1964.
- MOFFITT, T. E. Adolescence-limited and life-course persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, v. 100, p. 674–701, 1993.
- MONTGOMERY, D. C.; RUNGER, G. C. *Estatística aplicada e probabilidade para Engenheiros*. 4ª ed. São Paulo: LTC, 2009.
- OLIVEIRA, Elenice; SILVA, Braulio; SAPORI, Flavio; CARDOSO, Gabriela. Homicide and drug trafficking in impoverished communities in Brazil. *International Journal of Law and Public Administration*, v. 3, n. 2, September 2020. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/344795272_Homicide_and_Drug_Trafficking_in_Impoverished_Communities_in_Brazil. Acesso em: 21 ago. 2022.
- PARK, R. E.; BURGESS, E. W. *The city*. Chicago: Chicago University Press, 1925.
- QUERINO, Luciane C. S; DOMINGUES, Mariana D. S.; LUZ, Rosângela C. *A evolução da mulher no mercado de trabalho*. E-FACEQ, ano 2, n. 2, ago. 2013. ISSN 2238-8605. Disponível em: <http://e-faceq.blogspot.com.br/>. Acesso em: 22 jul 2022.
- ROCHA, R. L. S. *Vinganças, guerras e retaliações: um estudo sobre o conteúdo moral dos homicídios de caráter retaliatório nas periferias de Belo Horizonte*. Tese (doutorado em Sociologia) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 21ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- SAMPSON, R. J.; GROVES, W. B. Community structure and crime: testing social disorganization theory. *American Journal of Sociology*, The University of Chicago Press, v. 94, n.4, p. 774–802, 1989.
- SAMPSON, R. J.; LAUB, J. H. *Crime in the making: pathways and pontos de virada through life*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- SAMPSON, R. J.; LAUB, J. H. Integrating quantitative and qualitative data. In: GIELE, J. Z.; ELDER, G. H. (org.). *Methods of life course research: qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998, p. 213–30.

- SAMPSON, R. J.; LAUB, J. H. A life course view of the development of crime. *The ANNALS of American Academy of Political and Social Science*, v. 602, p. 12–45, 2005.
- SAPORI, L. F.; SENA, L. L.; SILVA, B. F. A. Mercado do crack e violência urbana na cidade de Belo Horizonte. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 5, n. 1, p. 37-66, jan./fev./mar. 2011.
- SCHUTZE, F. *Zur Hervorlockung und Analyse von Erzählungen thematisch relevanter Geschichten im Rahmen soziologischer Feldforschung*. In: ARBEITSGRUPPE Bielefelder Soziologen (ed.). *Kommunikative Sozialforschung*. Munich: Fink, 1976, p. 159–260.
- SHANAHAN, Michael; GLEN, Elder. History, agency, and the life course. In: CROCKETT, Lisa (org.). *Agency, motivation, and the life course*. V. 48. Nebraska Symposium on Motivation. Lincoln: University of Nebraska Press, 2002.
- SHAW, C. R.; McKAY, H. D. *Juvenile delinquency and urban areas*. Chicago: University of Chicago Press, 1942.
- SHAW, C. *The Jack Roller: a delinquent boy's own story*. Chicago: Chicago University Press, [1930] 1966.
- SILVA, B. F. A.; QUEIROZ, B. L.; MARINHO, F. C.; PEREIRA, F. N. A.; CISALPINO, P. Violência urbana e política pública de prevenção: avaliação do Programa Fica Vivo! no estado de Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 35, p. 2, p. 1–9, 2018. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0059>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- SOARES FILHO, A. M. Vitimização por homicídios segundo características de raça no Brasil. *Rev. Saúde Pública*, v. 45, n. 4, p. 745–55, ago. 2011.
- SUTHERLAND, Edwin H. White collar criminality. *American Sociological Review*, v. 5, n. 1, p. 9, 1940. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/noticia/pais/2021/01/21/criancas-sozinhas-em-casa-por-lei-so-a-partir-dos-12-anos-e-sem-tomar-conta-de-irmaos-menores/223481/#:~:text=Os%20menores%20só%20podem%20ficar,acidente%2C%20os%20pais%20serão%20responsabilizados>. Acesso em: 3 set. 2017.
- VILLAREAL, A.; SILVA, B. F. A. Social cohesion, criminal victimization and perceived risk of crime in Brazilian neighborhoods. *Social Forces*, v. 84, n. 3, march. 2006.
- WARR, M. Life course transitions and desistance from crime. *Criminology*, v. 36, p. 183–216, 1998.
- WOLFGANG, M. E.; FIGLIO, R. M.; TRACY, P. E.; SINGER, S. I. *The national survey of crime severity*. U. S. Department of Justice. Bureau of Justice Statistics, 1985. Disponível em: <https://www.bjs.gov/content/pub/pdf/nscs.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo: as classes populares urbanas e a lógica do ferro e do fumo*. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1994.

ZILLI, L. F. N. *Violência e criminalidade em vilas e favelas dos grandes centros urbanos: um estudo de caso da Pedreira Prado Lopes*. Dissertação (mestrado em Sociologia) — Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.